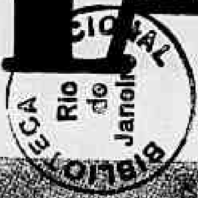
REVISTA DA SEMANA

Nº 47 ★ 19-11-49

Cr$ 3,00 em todo o Brasil


BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro



NO TEXTO:

VISITA AO CANDOMBLÉ DA BAHIA

OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...





JOAQUIM MENDES

PERDURAM POR TÔDA A VIDA

CONTA POPULAR

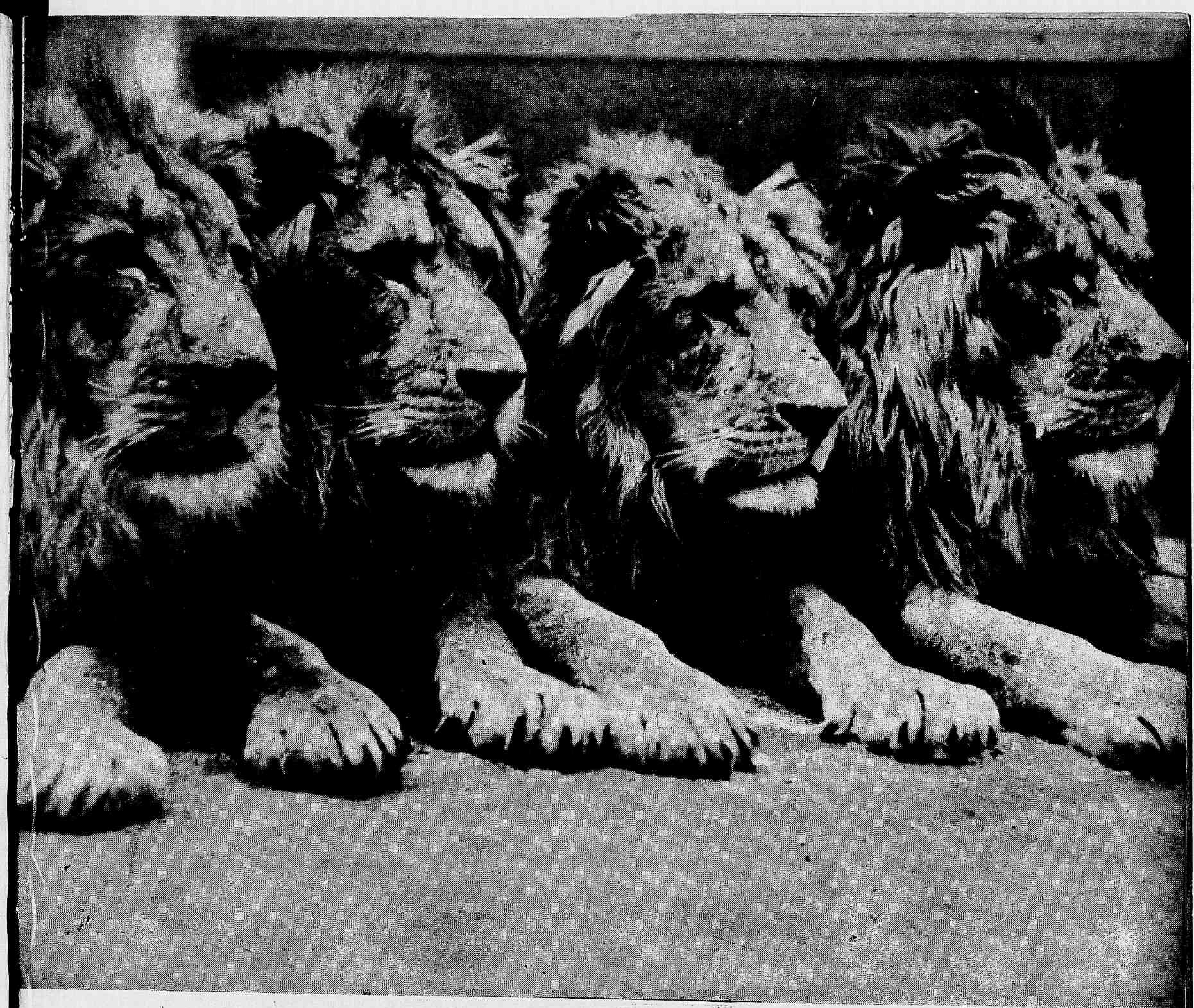
Depósito inicial 50,00
Limite 100.000,00
Juros .... 6% ao ano

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

CAPITAL CR$ 60.000.000,00

FILIAL: AV. PRESIDENTE VARGAS, 509

Agências no Rio: Bandeira, Catete, Castelo, Madureira e Ramos



O LEÃO REUMÁTICO

QUANDO o nosso Jardim Zoológico ainda era lá em Vila Isabel, os donos do parque, com o intuito de chamar o maior número de visitantes, anunciavam pela imprensa esta cena impressionante: a hora de darem alimentos às feras. Era sempre às dez da manhã, e, pelo que parecia, as feras comiam apenas uma vez por semana... O antigo zoo era pobre, triste, com aquêle cheiro nauseante de restos de feira em arraial do interior. Um mau cheiro de mercado sujo, intolerável. E as feras? Um casal de leões já muito envelhecido. O famoso "Rei dos animais" vivia triste, sonolento, incapaz de uma prova de sua ferocidade, mesmo quando a garotada lhe fazia caretas e gritava com intuitos de assustá-lo ou irritar os seus nervos leoninos.

A leoa era mansa como uma ovelha. Vivia cochilando. Sem nada que fazer na jaula, madame Uncia Leo nem mesmo ciumadas poderia ter do seu espôso, presos que viviam em Vila Isabel, tendo por vizinhos uns macacos imbecis e araras exibicionistas. Mas quando chegava a hora de lhe darem o almôço, o leão urrava, sendo imitado pela mulher, e os seus urros impressionavam as crianças e os cegos. Todo mundo corria para a beira da jaula. Uma criança fêz esta pergunta ao pai:

— Papai, o leão está assim roncando é de valente?

— Não, meu filho. E' de fome.

O menino, nenhum menino, poderia acreditar que o Rei das selvas fôsse assim tão ordinário. Um leão é sempre um leão. Vejam o leão da Metro. Surge à tela e urra três vêzes para a platéia, como quem diz: "Pagaram? Agora vão ser comidos". Sim. De pulgas. O leão do zoo de Vila Isabel estava desmoralizando o reino animal. E tôda a bicharada deu graças a Deus quando aquilo desapareceu. Com a reconstituição do novo Jardim Zoológico na Quinta da Boa Vista, a situação mudou e continua a mudar para melhor. A Prefeitura do Distrito Federal encarou como devia encarar a necessidade de dotar-se o Rio com um zoo à altura de nossa importância de cidade com dois milhões de habitantes e tantos animais raros, ainda fora das jaulas.

E, novamente, tivemos um casal de leões nas grades.

Não sabemos por que motivo os novos inquilinos muito se pareciam com os anteriores. Êle, sem a magnitude da juba que tanta personalidade empresta aos leões; ela, sonolenta e displicente. Por uma questão de educação, nunca procuramos saber de sua vida pregressa; mas, das duas uma: ou eram os mesmos de Vila Isabel, ou procediam de algum circo acabrunhado pela falência.

Mas já na Quinta, com girafas, elefantes, linces, ursos e outros espécimes da barca de Noé, o leão exibia sua importância de Rei dos Carnívoros. Infelizmente êsse reinado durou pouco. Madame Felina adoeceu e morreu docemente, deixando o companheiro de prisão na mais dolorosa tristeza. E não tardou que o Rei de juba, já na última lona, se deixasse ficar a um canto das grades.

Embalde procuraram reanimá-lo com a notícia capciosa de que vinha por aí uma leoa elegante e vivaz, com todos os ademanes de uma rainha. "Nero" não parecia acreditar nos seus animadores, e continuava a chorar as saudades de seus oito anos, nos desertos africanos, onde os homens da antiguidade, em homenagem aos seus ancestrais, haviam colocado um leão no firmamento como um dos signos do Zodíaco e os Ptolomeus lhe deram uma constelação. Os maiores reis do mundo o consideravam tanto que um deles trazia sua efígie ao peito, e por isso passou a ser conhecido como o "Coração de Leão". E' verdade que o Negus da Abissínia desmoralizou um pouco as tradições de sua estirpe, fazendo-se acompanhar por vários leões mentecaptos, inofensivos como angorás de confeitaria.

Agora "Nero", o leão do nosso zoo, está desenganado e ao sair esta crônica talvez já tenha exalado o último gemido. Por uma questão de dignidade racial, pede a todos os seus amigos que espalhem ter êle morrido de saudade da companheira; mas, em verdade, o leão morreu de reumatismo, doença pouco recomendável para um animal tão ágil e bravo e, ainda por cima, com o título pomposo de Rei dos Animais.

Melancólica e indigna morte para um leão, mesmo de circo.

RENATO DE ALENCAR

Exclusivo da REVISTA DA SEMANA







A PIONEIRA E O CONTINUADOR
Madame Tussaud, aos 82 anos de idade compôs sua própria imagem, que hoje é reverenciada numa das salas do Museu de Cera que tomou o nome de sua fundadora e que é visitado diariamente por enorme multidão, tanto de londrinos como de turistas. (À direita) — Bernard Tussaud, o continuador da obra de Madame Tussaud e hoje um mestre absoluto da difícil arte de transpor para a cera tôdas as aparências da epiderme, da expressão, da anatomia de um ser vivo, realizando um verdadeiro milagre técnico de plástica

MUSEU DE CERA

O ORIGINAL PODE MORRER: A CÓPIA IMORTAL FICOU EM CASA DE MADAME TUSSAUDS ★ PERCORRENDO O MAIS ANTIGO E FAMOSO MUSEU DE CERA DO MUNDO, EM LONDRES

Reportagem de ORLANDO BEGHELI

NUM imponente edifício de Marylebone Road, no centro de Londres, um estranho mundo aguarda o visitante e embora a multidão que transpõe as portas do palácio saiba o que vai encontrar lá dentro, não raro alguém se detém nos primeiros degráus de uma escada circular de mármore, ao fundo do vestíbulo, a pedir ingenuamente uma informação qualquer ao austero porteiro, impecável em seu uniforme branco — o eternamente mudo guardião de cera dos tesouros que a geração de Tussaud vai acumulando lá em cima. Assim é o "Madame Tussauds", o museu de cera de Londres, o mais antigo e o mais famoso dos museus de cera do mundo. Perfeição que o visitante pode perceber, pela amostra do porteiro de cera, antes de penetrar nos salões, onde se alinham, em seu tamanho natural e quase sempre colocados em suas atitudes características, as maiores celebridades do mundo, sábios, reis, chefes de Estado e de Igrejas, militares e artistas, reproduzidos em cera com perfeição que espanta, com minúcias que levam o visitante a avaliar o valor dos artistas que criaram aquêles portentosos retratos.

HOMENS DE CERA

Diariamente, milhares de pessoas, ingleses ou turistas, afluem a Marylebone Road, vindas pelo "underground" ou por ônibus dos mais longínquos recantos londrinos, misturam-se às portas do museu — alegre edifício pintado de branco — com as centenas de outras que chegam de carro ou mesmo a pé, já que a exposição permanente se localiza bem próxima do centro elegante de Londres, perto de Oxford Street e de Picadilly Circus e deixando nos guichets do palácio os dois shillings do "ticket", enchem os salões do "Madame Tussauds" com interjeições abafadas de admiração.

O primeiro contacto com os bonecos de cera impressiona. Sentimo-nos como se acabássemos de deixar o mundo dos seres animados para penetrarmos em fantasmagórica região de homens e mulheres vivos apenas pelo brilho humano do olhar. Lá dentro, nos sombrios salões, movendo-nos lentamente em derredor das paredes, junto às quais, sôbre estrados de madeira, fleumaticamente se alinham as celebridades emudecidas pela glória, a imobilidade daquelas figuras de cera, perfeitas ao máximo, espalhadas entre reposteiros de veludo, algumas em pé sôbre tapetes, outras sentadas em tronos dourados, exatas, perfeitas, assombrosamente humanas, dava-nos a esquesita impressão de estarmos a ver entes humanos subitamente reduzidos à inércia absoluta, imóveis, sôbre os tablados, mas tão vivos como a multidão que se mexia à sua frente.

Mas o movimento dos que caminham, na fila que se move lentamente à beira dos estrados, não demora em retornar à realidade o visitante que se perdeu nas conjecturas do possível e do impossível; ao primeiro estupor de incredulidade, uma incredulidade que deixa estonteado àquêle que saiu do borborinho das ruas londrinas para chegar à beleza terrível do cenário das imagens de cera ás quais a mão do artista deu o sôpro divino da vida, sobrevém a admiração consciente. E daí em diante, cruzando os salões na longa procissão do itinerário marcado no folheto de ilustração, uma extensa série de bonecos, tão perfeitos como os primeiros, mas já sem o encanto aterrador da primeira impressão, vai desfilando ante seus olhos estupefactos. A familia imperial inglesa, Churchill, Roosevelt, Stalin, o gabinete britânico, heróis da guerra e da paz, prelados, campeões de box, celebridades que jamais serão esquecidas, enchem os salões do "Madame Tussauds". Um Gandhi terrivelmente humano, semi-oculto por cortinados, surge de súbito no caminho do visitante. A um canto, em magestosa reprodução de cena conhecida no mundo inteiro, Nelson agoniza, na semi-obscuridade de seu navio, cercado de seus fiéis, um quadro que comove pela realidade absoluta, com o olhar do almirante que tomba deixando perceber a amargura do fim. William Shakespeare, o gênio de outro século, alinha-se ao lado de













FAZENDO OS MOLDES
O molde de argila está pronto e o modêlo de argila pôosto apenas para auxiliar o trabalho do artista, foi removido. O molde de gesso é feito pelo molde de argila. Derramada a cera no molde de gesso, é êle pôsto a esfriar. Daí surgirá a cabeça de cera, perfeita em cada detalhe. As seções do molde de gêsso são removidas, mostrando a cabeça de cera da qual são retiradas as rugas e bolhas de ar. Os olhos de vidro são esquentados antes de assentados e os cabelos colados fio por fio, à cera aquecida, tudo cuidadosamente feito

Shaw, o gênio inglês que pretende durar quantos séculos haja por vir.

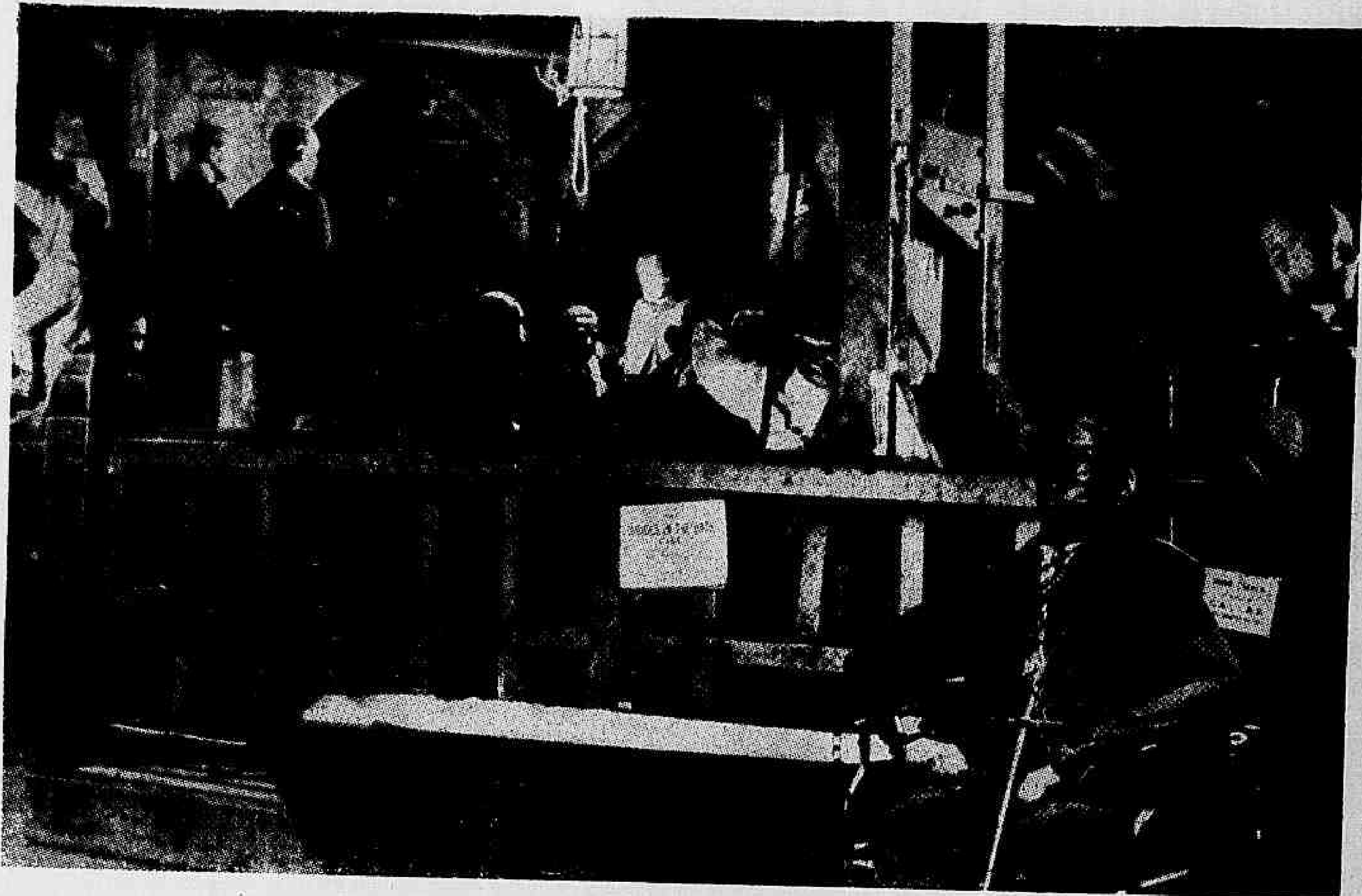
Em um dos tablados, os séculos desfilam ante os vimente remotas ou seus nomes são mais ligados à histó-imortalizados na lembrança do mundo. Muitos não são reconhecidos à primeira vista; suas datas são tremendamente remotas ou seus nomes são mais ligados à história de um determinado país e o visitante procura no catálogo o número de referência que é colocado ao pé de cada boneco. Mas a qualquer um não escapa, nessa homenagem aos séculos que se foram, as figuras inconfundíveis de Washington, Lincoln, Napoleão e Pio XII. Sua Santidade sentado em seu trono, imensamente exato, uma obra que espanta pela perfeição. Outros tablados, em outro salão, provocam admiração e alegria; ali, a cerimoniosa admiração das personalidades das salas anteriores cede lugar à risonha expansão do público ao ver ante si as celebridades do esporte e do cinema, mais chegadas a si e mais facilmente reconhecidas. Um portentoso Stanley Matthews, o footballer inglês da temporada 47-48, segura uma bola; Carlitos, ainda moço, tem em suas mãos a clássica bengala e Joe Louis segura as luvas, junto a Greer Garson. O desfile das celebridades é soberbo. Alguns visitantes, por vezes, não encontram grande semelhança entre um boneco e a celebridade retratada; mas é que, embora atingindo ao máximo de perfeição, o artista jamais poderá fazer com que uma figura de cera vá envelhecendo junto com o homem que representa, e muitas figuras de celebridades que hoje, como Churchill, conhecemos já com o pêso da velhice, são apresentadas no museu copiando os modelos como eram em anos passados. Na sala de esportes, a última que o visitante percorre, os ingleses esquecem um pouco a sobriedade e de vez em quando um gritinho de mulher vem revelar que seu herói foi visto. Mas os campeões em geral são apenas ingleses. Bruce Woocock, de box, Denis Copton, de cricket, Budge, tenista e nós, sem maior interêsse, os olhos cheios de bonecos de cera, que de cera já imaginávamos qualquer pessoa mais imóvel ao nosso lado, descemos finalmente para o vestíbulo da exposição, seguindo os letreiros de indicação.

No "Madame Tussauds" a ordem é absoluta, como em qualquer local de Londres. O movimento de entrada e saída dos visitantes é realizado em plano perfeito, subindo-se por uma escada, correndo-se os quatro salões sem passar jamais duas vezes pelo mesmo ponto e voltando-se novamente ao ponto de partida, por outra escada, havendo somente a dirigir o bigodudo porteiro de cera... Fleumática e estranha Inglaterra, cuja tradição de ordem jamais é quebrada, nem mesmo pelos buliçosos turistas latino-americanos, em cujas pátrias uma simbólica fitinha de isolamento só merece respeito se por detrás da mesma alvejam-nos as baterias de um regimento.

CAMARA DOS HORRORES

Quando retornamos ao vestíbulo, vista a exposição, oscilamos entre a porta de uma sala, à direita, por onde entrevíamos um autêntico "mafuá", não do tipo cá dos nossos, mas certamente de gôsto bem carioca, se bem que composto apenas de máquinas "caça-níqueis" que oferecem a possibilidade de se ganhar um único cigarro após se despejar na abertura dezenas de moedas de um "penny" ou o prazer de ver o rosto dos outros tremendamente deformado pelos espelhos mágicos e a escura abertura de uma passagem para o porão, encimada por uma tabuleta: "The Chamber of Horrors". O dia claro, raro dia de sol quente no falso verão londrino, convidava à luz e à música da sala de diversões. Mas foi nas trevas da "Câmara de Horrores" que penetramos, afundando-nos no porão do "Madame Tussands", em meio aos mais célebres criminosos de todos os tempos, máscaras mortuárias de assassinos de crimes tremendos e instrumentos horripilantes que serviram para a consumação de crimes que jamais o mundo esquecerá, tão negras são essas páginas na história da degeneração dos povos. Dispostos pelos escuros recantos da Câmara, um desfile de heróis que nos custam apenas meio shilling. Máscaras mortuárias de Maria Antonieta, Robespierre, Luiz XVI, uma guilhotina que decepou cabeças na Revolução Francesa, uma velha banheira onde muitos corpos foram afogados, horrores de todos os tipos, pavor que chega ao visitante vindo de qualquer recanto da sala, em bonecos assassinos, em quadros tétricos, em descrições de crimes, em imagens de cera que reproduzem os assassinatos os mais pavorosos.

A Câmara dos Horrores tem sua fama e sua história. Hoje é apenas um apêndice da exposição porque em 1818, quando Madame Tussaud, a criadora do museu, exibia seus bonecos em Cambridge, criticaram-na na Universidade por manter sábios e criminosos em promiscuidade. Ela então dispôs seus exibidos em sala separada, anotando no catálogo: "As seguintes altamente interessantes figuras e objetos, em consequência de suas peculiaridades e aparência, estão colocadas em sala anexa" — e passou a cobrar outros seis pences separados. Cartas de tôdas as partes do país chegam ao museu, com estranhos pedidos para pernoitar uma noite na Câmara dos Horrores. São desafiadores que querem mostrar sua coragem, malucos ou mesmo ingênuos. Certa vez uma menina escreveu ao museu, pedindo que fôsse seu namorado desafiado pelo "Madame Tussauds" a pernoitar uma noite entre os criminosos. E' que temia a pequena que o rapaz, embora se propagando um valente, fôsse na realidade um poltrão. As respostas não variam nunca: jamais o museu fará um desafio dêsses e a ninguém é permitido permanecer no edifício após a hora do fechamento.



CAMARA DOS HORRORES
Nesse escuro porão assassinos de todos os tempos aguardam os visitantes. A cera reproduz aqui cenas de terror. Vê-se corpos pendentes do teto, a guilhotina decepando cabeças. O martírio medieval está reproduzido por todos os cantos. Malucos escrevem ao Museu pedindo para pernoitar nesse tétrico porão, cuja fama corre o mundo







ARTE DA CERA
Três personagens universalmente conhecidas: Vincent Auriol, Presidente da França, a bela Greer Garson, estrêla do cinema norte-americano e o Mahatma Gandhi, todos de cera, com seus vestuários, cabelos e expressões, como se estivessem vivos. Além dêsses há outras personagens, como Ricardo Coração de Leão e sua esposa Berenguela, etc.



MORTE DE NELSON
No Museu de Cera de Londres não há apenas figuras isoladas. O que mais chama a atenção dos visitantes são as cenas de conjunto, nas quais se destacam figuras humanas e coisas ambientes. Um dos mais belos quadros em cera é o que reproduz, com exatidão, a morte de Nelson em Trafalgar, e que causa ao visitante profunda impressão





DESFILE DOS SÉCULOS 1 — General De Gaulle; 2 — Rev. Dr. Fisher, Arcebispo de Canterbury; 3 — Rainha Vitória, falecida em 1901; 4 — Lord Byron, falecido em 1824; 5 — Rainha Elizabeth, falecida em 1603; 6 — Rei Carlos II, falecido em 1685; 7 — Rei Henrique VIII, falecido em 1547; 8 — William I, falecido em 1087; 9 — Rei Henrique V, falecido em 1422; 10 — Geoffrey Chaucer, falecido em 1400; 11 — John Knox, falecido em 1572; 12 — Cardial Wolsey, falecido em 1530; 13 — William Shakespeare, falecido em 1616; 14 — Sir Francis Drake, falecido em 1596; 15 — Lord Nelson, falecido em 1805; 16 — Napoleão I, falecido em 1821; 17 — George Washington, falecido em 1799; 18 — Duque de Wellington, falecido em 1852; 19 — Abraham Lincoln, falecido em 1865; 20 — Sil Walter Scott, falecido em 1832; 21 — Benjamin Disraeli, falecido em 1881; 22 — Papa Pio XII; 23 — George Bernard Shaw; 24 — Marechal Montgomery; 25 — General Eisenhower; 26 — Winston Churchill.

"JAMAIS BRIGUEM"

O aspecto misterioso e mesmo tétrico que emana das figuras de cera que lotam o "Madame Tussauds" leva o visitante a conjecturas sôbre os processos empregados para imprimir a exata aparência de vida àqueles bonecos, que para serem tomados como humanos necessitariam apenas deixar escapar de suas bocas algum som ou acenar de leve com suas rígidas mãos.

A história da arte de fazer os bonecos de cera é longa e atravessa séculos. Madame Tussaud, a fundadora do museu, não foi no entanto a iniciadora da reprodução humana em cera. Aprendeu a técnica com seu tio, médico suíço, que depois de modelar amigos por diletantismo, abriu em 1757 uma exposição de enorme sucesso. Atraído pela côrte de Luiz XV, deu a Paris o seu primeiro museu de cera, no qual Marie Grosholtz, que seria mais tarde Madame Tussaud, ajudava e aprendia, enchendo as horas de sua infância. A Revolução Francesa encarregou-se de criar para a jovem os mais negros problemas. Prêsa e condenada à guilhotina, por pouco não se juntava a seu tio, morto naqueles tristes dias. Mas o fim de seus horrores na França veio em 1802, já aí casada, com sua mudança para a Inglaterra, levando 70 de suas figuras e seus dois filhos, deixando em Paris o marido. Morrendo em Londres em 1850, depois de correr o país e a Escócia em exibições de sucesso, suas últimas palavras foram a seus filhos: "Imploro a vocês, jamais briguem!" Os irmãos continuaram a exposição, a êsse tempo já estabelecida em Londres e já de fama universal; e assim, graças ao espírito daquela frágil mulher, cuja imagem, notavelmente reproduzida no museu atual, inspira a admiração de quantos percorrem os salões, o mundo conta com as maravilhas do "Madame Tussauds". Não foram poucos os tropeços na existência do museu; mas nem o bombardeio alemão, na primeira noite da "blitz" de 1940, nem o fogo que já uma vez, em 1925, reduziu a cinzas em 2 horas o trabalho de mais de 150 anos, conseguiram exterminar de vez os bonecos de cera.

Bernard Tussaud, descendente direto de Madame Tussaud, é o mestre que cria atualmente as celebridades de cera, ajudado por enorme equipe de técnicos e auxiliares. A técnica perfeita é o segredo da atração do museu. A escolha de um novo modêlo a ser incluído na exposição, que não deve exceder a 500 figuras, é assunto de estudos intensos, porque, como em média são necessários 4 ou 5 meses para ser feito o boneco de cera, a nova celebridade deve ter estado em evidência por longo tempo. Ao ser incluída sua imagem nos tablados do museu, a celebridade pode dissipar qualquer dúvida quanto á sua popularidade: O "Madame Tussauds" é a galeria da glória.

Os trabalhos de elaboração de cada modêlo são meticulosos. De início, em entrevista com o futuro membro da exposição, enquanto Mr. Bernard Tussaud toma-lhe as medidas faciais e observa-lhes os traços fisionômicos, um assistente obtém 30 fotografias de todos os ângulos, enquanto outro assistente anota detalhes da côr e jeito dos cabelos e dos olhos e registra a complexão física. Em seus estúdios, tão rapidamente quanto possível, Mr. Tussaud inicia um exaustivo trabalho de criar em argila o rosto do retratado, com a lembrança de seus traços e o auxílio dos retratos, conseguindo o molde com o qual será feito um novo molde de gesso. Coberta a cabeça de argila com líquido de gesso, em trabalho lento e que se desdobra pelas várias seções em que é dividida a cabeça, é finalmente obtido o molde que servirá para compor a cabeça de cera. Limpo o molde de gesso e firmemente atadas com cordão as suas seções, inicia Mr. Tussaud o derramamento da cera, uma mistura de cera virgem com cera vegetal, vagarosamente e com cuidados extremos, deixando-a depois a esfriar. Um dos segredos da perfeição é o derramamento da cera, que necessita esr perfeito e por igual, para evitar a formação de bolhas de ar. Quando a cera esfria, formando uma crosta, em redor da superfície interna do molde, as seções são retiradas, mostrando uma perfeita reprodução em cera da cabeça do retratado.

NASCE O BONECO

O longo trabalho de composição não termina aí; técnicos experimentados retocam as cabeças de cera, tirando-lhe as marcas deixadas pelo molde. Olhos de vidro, da côr e do tipo dos olhos do retratado, são postos nas órbitas, através a cavidade do pescoço. Quando percorremos a exposição, pudemos notar no olhar dos bonecos de cera, uma expressão humana; isso é produto do trabalho dêsse notável Mr. Tussaud, herdeiro da arte incomparável de sua ancestral, pioneira dos museus de cera. Muitas vezes o artista perde um dia inteiro a ajeitar os olhos nas órbitas do novo modêlo, para que tomem êles sua posição natural e acompanhem o visitante a

(Cont. na pág. 50







FIDELIDADE ABSOLUTA

Aqui está um dos casais mais famosos do mundo nestes últimos tempos: o Duque de Edinburgo e a Princesa Elizabeth. Em cima, Mr. Bernard Tussaud reparando um dedo de Danny Kaye. À direita, o mesmo Mr. Tussaud inspecionando a imagem de cera de Madame Tussaud, a fundadora do Museu, que tanta admiração nos causa

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUE PROFISSÃO EXERCIA MARAT ANTES DE ENTRAR PARA A REVOLUÇÃO FRANCESA :

— Advocacia?
— Jornalismo?
— Medicina?

2 O GRANDE PEDAGOGO PESTALOZZI ERA :

— Suiço?
— Italiano?
— Espanhol?

3 A FAMOSA MARQUESA DE POMPADOUR ERA A FAVORITA DE :

— Luis XIV?
— Luis XV?
— Luis XVI?

4 O NOME PAPA, CHEFE DO CATOLICISMO, VEM DO :

— Grego?
— Latim?
— Hebráico?

5 COM QUE IDADE MORREU D. PEDRO I :

— 45 anos?
— 36 anos?
— 50 anos?

6 QUAL A DEUSA DA MITOLOGIA GREGA QUE PRESIDIA À DANÇA :

— Terpsicore?
— Diana?
— Venus?

7 COMO SE CHAMA O MONTE EM QUE SE VERIFICOU A TRANSFORMAÇÃO DE JESÚS :

— Sinai?
— Tabôr?
— Ararat?

8 QUE SIGNIFICA A PALAVRA TRIMURTI :

— Montanha da Índia?
— A trindade Indú?
— Três mortos?

9 EM QUE PAÍS SURGIU A NOVA ERA CHAMADA RENASCENÇA (LITERÁRIA, ARTÍSTICA E CIENTÍFICA) :

— França?
— Alemanha?
— Itália?

10 A PARTE DO CORPO HUMANO CHAMADA EPIGASTRO FICA SITUADA :

— Entre os hipocôndrios?
— Entre as regiões ilíacas?
— Sôbre o pulmão direito?

11 A APICULTURA SE REFERE À CULTURA DE :

— Pinheiros?
— Abêlhas?
— Porcos?

12 SOB QUE REINADO FOI FUNDADA, DEFINITIVAMENTE, A ACADEMIA FRANCESA :

— Luís XV?
— Luís XIII?
— Luís XVI?

13 SEGUNDO OS HISTORIADORES, EM QUE ANO FOI INVENTADA A SANFONA (ACORDEON) :

— 1800?
— 1820?
— 1827?

14 QUANTAS ILHAS FORMAM O ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES :

— Nove?
— Quinze?
— Doze?

15 QUE QUER DIZER ACRÓPOLE DE ATENAS :

— A parte alta da cidade?
— O cemitério?
— A cidade antiga?

16 QUEM E' MCPHERSON DUNDAS :

— Um sábio químico inglês?
— Juiz de futebol?
— Escritor de novelas dos Estados Unidos?

17 QUE NOME TEM NO NORDESTE DO BRASIL O GATURAMO DO SUL :

— Guriatã?
— Xexéu?
— Cancão?

18 EM QUE ESTADO DO PAÍS NASCE O RIO S. FRANCISCO :

— S. Paulo?
— Bahia?
— Minas?

19 A ANTIGA MEDIDA CÔVADO, QUANTOS CENTÍMETROS TINHA :

— Noventa e dois?
— Sessenta e seis?
— Cinqüenta e cinco?

20 O PETRÓLEO E' RESULTADO DE TRANSFORMAÇÃO SEDIMENTARIA DE ELEMENTOS :

— Vegetais?
— Minerais?
— Animais?

(Respostas na pág. 58)

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.



Êsses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador* **Gesteira** sem demora.

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**

COFRES-FORTES "APOLO"

FABRICAÇÃO ESMERADA
DE
C. CABRAL & FILHO LTDA.

Av. Amaro Cavalcante n. 1827

Telefone: 29-6993 — (ENGENHO DE DENTRO)
Grande stok de todos os tipos e tamanhos.
VENDA A VISTA E A PRAZO

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos o que as mesmas se destinam

GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS

TÔNICO CAPILAR "AMARALINA" — (Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia). De base vegetal dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos, elimina totalmente a caspa e com a continuação fará voltar a sua saudosa cabeleira. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc. a Cr$ 35,00, o vidro
Aceitamos pedidos pelo Reembôlso Postal. Preço: Cr$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.º andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO

A Agua Sanitaria CLARINHA Dá valiosos brindes na chapinha

A PERSONAGEM DA SEMANA



Ruy Barbosa, em um dos seus últimos retratos

Quando se comemorou no Rio de Janeiro o jubileu intelectual de Ruy Barbosa, o orador oficial empregou esta expressão lapidar: "É coisa rara que todo um povo se reuna para glorificar uma vida".

Ruy Barbosa de Oliveira, nome inteiro que êle nunca usou, limitando-se aos dois primeiros, filho do médico João José Barbosa de Oliveira, desde muito criança, manifestou possuir o mais insubmisso dos espíritos quando estava em causa a própria causa do direito e da justiça. O mais conhecido dos episódios que provam essa afirmação, é aquêle de sua teima com o lente de latim do Colégio Abílio, na Bahia, o padre Fiuza. Ruy, menino de treze anos, corrigiu uma pronúncia latina, por um lapso do padre. Chamado a pedir desculpas pelo desaforo, êle que estava com a verdade não obedeceu às ordens do Diretor. Foi de pé no banco, metido na cafua, mas não cedeu. Tôda a sua vida constituiu uma reta entre o Direito e a Justiça. Não foi um demagogo porque sua cultura se dirigia para a ciência jurídica, os estudos sociais, políticos, científicos e linguísticos. Daí não gozar dessa popularidade das massas, e sim, de classes intelectuais mais elevadas. Membro do Govêrno Provisório da República de 89, ainda hoje suas idéias, no campo da economia política são citadas como exemplares; em artigos nos principais jornais do Rio, o que escreveu sôbre o abastecimento dágua ao D. Federal, a organização do ensino, etc., constitui, ainda hoje, lições que podem ser aplicadas como modernas. Mas sua grande vitória foi a atuação na Conferência de Haya, em 1907. Ali, de aspecto humilde, delegado de uma nação obscura, Ruy, com sua palavra estonteante, sua cultura poliforma, sua eloquência de um novo Cícero, venceu os Martens e os Marschalls e se projetou no cenário do mundo como um novo raio de sol sôbre a terra. Quando, na primeira grande guerra, esteve na Argentina, pronunciou, na Universidade de Tucuman, uma conferência tão impressionante sôbre a neutralidade em face das guerras de conquista, que um jornal francês a classificou como "uma hora na humanidade". Agora, com o transcurso a 5 de novembro, do primeiro centenário de seu nascimento na capital baiana, todo o Brasil se mobilizou para render homenagens ao "lumen civitatis", àquêle que foi, durante tôda a sua vida, um soldado da democracia, um lutador sem descanço pelas conquistas do Direito, da aplicação da Lei, da Constituição, pela pureza do nosso regime republicano, opondo-se sempre contra as tiranias, o absolutismo, as contrafações do Direito, as negações da cultura, da civilização, dos regimes de fôrça. E, mais uma vez, todo o povo brasileiro se reuniu para glorificar uma vida.

A SEMANA EM Revista

UM FENÔMENO



A Secretaria de Obras Públicas do Estado do Rio Grande do Sul, remeteu à Assembléia Legislativa estadual um questionário para ser preenchido e devilvido à mesma Secretaria. Dentre os diversos itens, havia um que perguntava: "Quantos automóveis possui a Assembléia para uso do Sr. Presidente?"

E, quando foi recebido o questionário devidamente preenchido, o chefe dêsse serviço de estatística ficou de boca aberta. Ali se dizia: "Não tenho, nem quero ter automóveis, visto não precisar deles".

Como poderá ser isto numa alta repartição política dêste país? Então o Presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, com sede em Pôrto Alegre, não tem nem quer ter carros para dar seus passeios, irem buscá-lo em sua casa para as sessões do Legislativo e dali o reconduzirem com tôdas as honras para casa?

Então sua família não usa os carros oficiais para as compras nas feiras livres, para as excursões à praia de Tôrres, às regiões do vinho, para os passeios domingueiros, para as idas aos cinemas, teatros, futebol, bailes e visitas às pessoas de suas relações?

O caso é de tal maneira fenomenal em nossos costumes que a gente fica pensando haver equívocos na redação da notícia que o telégrafo nos trouxe da capital gaúcha.

De ordinário, no Brasil, é abusar-se da faculdade que se tem de usar de carros oficiais.

Por mais que combata êsse hábito, é êsse costume cada vez maior e mais escandaloso. Mas em Pôrto Alegre, o Presidente da Assembléia Estadual não tem nem quer automóveis oficiais!

RECUSOU O TÍTULO



Muita gente neste mundo vive a sonhar com certas honrarias de nenhum efeito financeiro, mas de grande significação social.

Em nosso país, ao tempo do Império, quem não possuía um título de nobreza, exibindo as armas de Barão, Conde, Visconde, etc., não era de boa origem.

Depois veio a mania do Comendador. Na República, com a guarda-nacional, o maior prazer do homem da roça, do fazendeiro, do senhor de engenho, era o de possuir uma patente de oficial.

O chefe da família era o coronel. O genro, o capitão. O filho mais velho, tenente, e assim por diante. Havia casos em que eram tantas as patentes militares em sua casa que mais parecia um quartel privado.

Pois bem. Há um homem neste mundo que acaba de recusar um título de "Cavaleiro" das mãos de S. M. o Rei George VI, da Inglaterra.

Êsse título daria ao beneficiado o direito de usar o **Sir**, além de assumir a cidadania inglesa.

Sabem quem é êsse original cidadão? Douglas Fairbanks Junior, o famoso artista do cinema, filho daquele imortal Douglas Fairbanks, astro de primeira grandeza nas telas cinematográficas.

O Rei da Inglaterra nomeou Douglas Fairbanks JuniorCavaleiro inglês, pelo que o artista poderia assinar-se Sir Douglas...

Entretanto, o homem incrível não aceitou a nomeação e jamais usou o título.

O DESTINO DE QUITANDINHA



Quando estavam construindo o edifício do Hotel Quitandinha, à entrada de Petrópolis, uns oficiais do exército norte-americano passando por ali numa excursão à cidade das hortênsias, perguntaram a amigos brasileiros que iam com êles no mesmo carro, se aquilo era alguma Universidade.

Responderam que não. Quitandinha era um cassino de jôgo, e os norte-americanos ficaram admirados do destino de tão colossal edifício.

Com a proibição de roletas e bacarás, Quitandinha entrou em crise de morte. Que fazer? Dizem que estão ali empregados cêrca de 300 milhões de cruzeiros, sendo o hotel com tôdas as suas instalações uma das maravilhas dêste mundo.

E' de imaginar-se o que não significa de prejuizos uma casa daquela fechada. Uma calamidade para a firma proprietária, para os empregados, suas famílias, para os cofres do Estado, para os acionistas. Dissabores em geral.

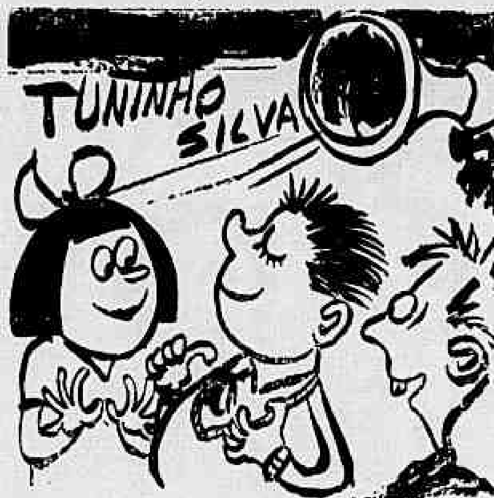
Que fazer? Apareceu, porém, uma luz no horizonte. Uma firma norte-americana especializada em hotéis, arrendou Quitandinha. Era a restauração do imenso e famoso hotel petropolitano.

Tudo ia em ordem, quando os empregados são surpreendidos com uma ordem alarmante da gerência: rua!

Trezentos funcionários ficaram perplexos. E reagiram. Primeiro lhes pagassem de acôrdo com a lei brasileira. Mas a firma norte-americana já havia voado para o Norte do continente e a única representante também voara para a Argentina. E o advogado? Êste recebeu o bilhete azul...

Diante de tudo isso, está Quitandinha em mãos de um depositário judicial... Que destino triste o daquela maravilha!

PROVIDÊNCIA PERIGOSA



Dizem de Miracema, Estado do Rio, que o Serviço de Altofalantes local está transmitindo, diariamente, desde o início do segundo semestre do corrente ano, a "Hora do Estudante Faltoso", iniciativa da direção do Colégio Miracemense e destinada a informar aos pais as faltas de seus filhos às aulas.

A providência radiofônica, se, nos começos de sua execução produzir algum efeito, depois resultará absolutamente inútil e poderá mesmo servir de errados estímulos à meninada do citado educandário.

Quem conhece bem o espírito da juventude sabe que a criança, em geral, não percebe a razão de ser de certas providências de pessoas adultas, interpretando-as a seu modo.

Não será de estranharmos que, dentro de breves dias, esteja o Colégio Miracemense a gastar verba com essa divulgação de nomes de alunos faltosos através do microfone da emprêsa local, simplesmente porque os "faltosos" assim agiram apenas com o prazer de ouvirem seus nomes irradiados pela cidade...

O sentimento de culpa, nesse caso, é absorvido pelo sentimento de vaidade pessoal, coisa muito compreensiva entre os jovens.

A repressão às faltas, por êsse meio, não vai dar resultados práticos. Quando alunos de um estabelecimento de ensino começam a cometer "gazetas" ás aulas, o que é preciso fazer-se é apurar os motivos dessas evasões.

Descobertas as causas, corrigidos os motivos, cessam os efeitos. O microfone denunciando publicamente o nome dos alunos faltosos não vai corrigi-los, e sim, talvez, estimulá-los. E' uma forma de criar cartaz...

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVIII ★ N.º 47 — **19 DE NOVEMBRO DE 1949**

Redator-Chefe: CELESTINO SILVEIRA — Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JUNIOR — Paginação de VICTOR TAPAJOZ

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro
Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO — Diretor-Secretário: R. PEIXOTO DE ALENCAR
Telefones — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5802

Sete DIAS em REVISTA









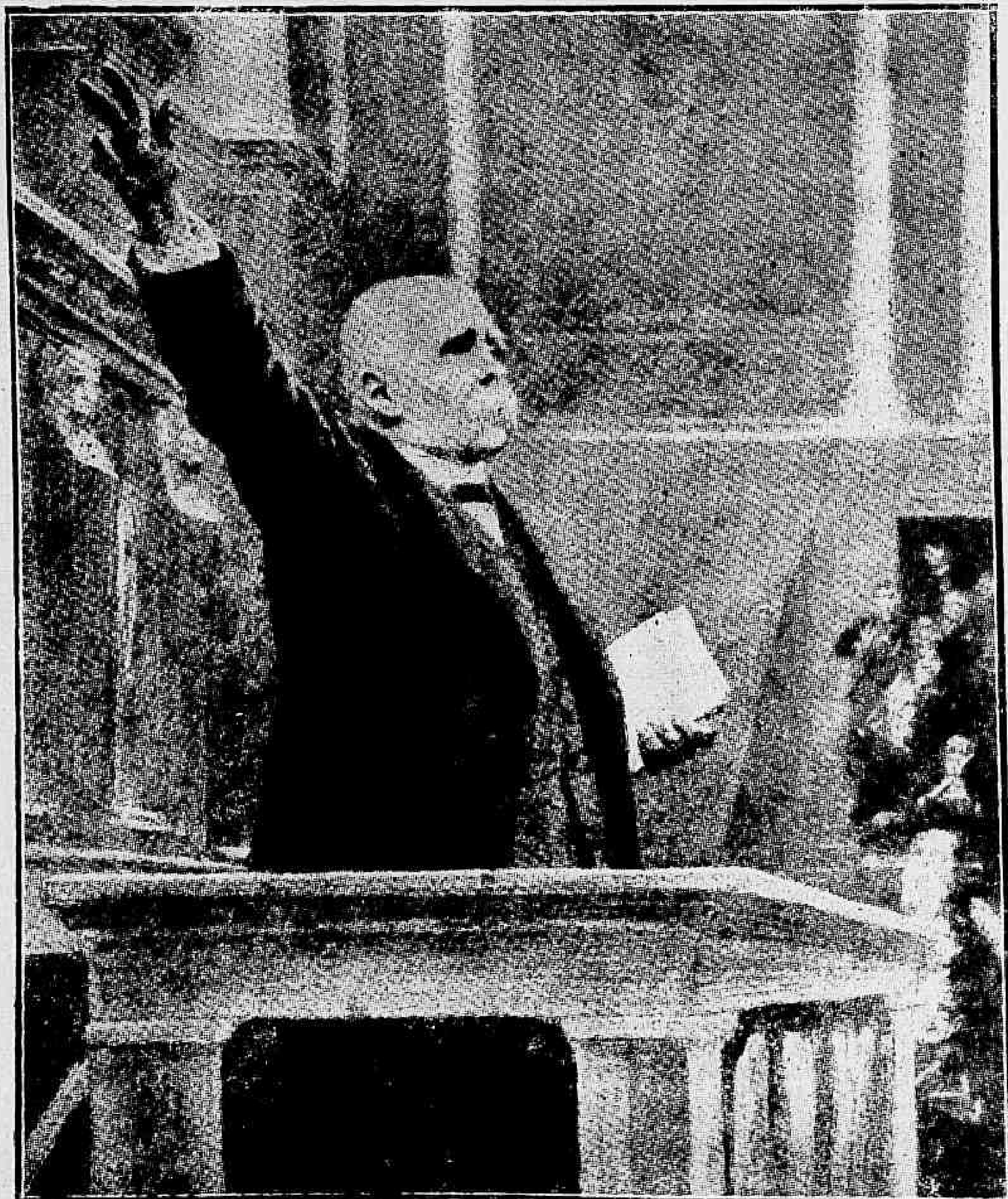






TROPAS FRANCESAS armadas de fuzil e metralhadoras numa ação na primeira grande guerra, quando avançavam no Monte S. Quintino, ocupado pelos alemães. As depressões causadas pelo bombardeio da artilharia inimiga, foram aumentadas pelos chuvas que retardavam os avanços da infantaria naqueles dias trágicos para a França e para o mundo

A ONZE DE NOVEMBRO DE 1918...



O INESQUECÍVEL George Clemenceau, o "Tigre" da França, numa atitude no Parlamento de seu país, dirigindo a palavra de fogo ao povo para levantar o moral da nação

MUITOS JULGARAM QUE SERIA A ÚLTIMA GUERRA ★ A IMPRESSIONANTE FIGURA DE CLEMENCEAU, O "TIGRE" DA FRANÇA ★ A PALAVRA DE RUY BARBOSA ★ E VEIO A SEGUNDA GRANDE GUERRA...

O mundo nos começos dêste século andava inquieto. A posse de muitas colonias na África à margem do Mediterrâneo, despertava a cobiça das nações fortes, das grandes potências. Nos Balcãs, era grande a revolta contra a influência turca, até que, em 1912, rebentou a luta entre aquelas nações.

Feita a paz, permaneceu o sentido de hostilidades na região, cuja formação antropogênica nutria sentimentos antagônicos de imprevisíveis consequências.

Pequeninos povos como os montenegrinos, esmagados entre nações mais poderosas e de influência internacional, viviam a desejar uma brecha na história, a fim de sacudirem o jugo das pressões políticas dos mais fortes contra os mais fracos.

Por duas vêzes o govêrno russo convocou Conferências de Paz. Na última, em Haya, por mais que se discutissem e se debatessem os direitos humanos, as leis da guerra, os tratados de respeito mútuo entre as nações, tudo não passou de discussão estéril, continuando a mandar a voz dos canhões, a palavra dos exércitos, a teoria Bismarquiana de que "tratados são trapos de papel", e que deve dominar a nação que estiver mais forte.

A situação era sufocante. A França, vencida em Sedan, na guerra com a Alemanha em 1871, não se cansava de incutir no espírito público a idéia da "révanche". Alianças foram assinadas. De um lado, a Alemanha, a Itália e o Império Austro-Húngaro; do outro, Inglaterra, França e Rússia. Qualquer pingo dágua nesses copos cheios de carburêto, faria ferver a matéria que explodiria à aproximação da primeira chama de fósforo de algum imprudente. E foi o que aconteceu.

A morte trágica do herdeiro do trono austro-húngaro, com sua espôsa, abatidos em Serajevo por um estudante sérvio, foi a chama que fêz estourar a mina latente e a guerra explodiu por tôda a Europa.

Em face dos tratados de ajuda militar mútua, a Alemanha se colocou ao lado da Áustria-Hungria e os Habsburgos se lançaram na catástrofe estimulados pelos Hohenzollerns. A Itália ficou indecisa, e, quando resolveu entrar na luta, escolheu a parte dos aliados, unida à Inglaterra, à França e Rússia.

Não tardou muito e os Estados

Unidos foram socorrer os países da "Entente Cordiale" contra a "Triplice Aliança" reduzida ao "duo" germano-austríaco, embora com a adesão da Turquia.

O mundo então se dividiu entre a Alemanha e a França. O Brasil declarou guerra aos agressores, sendo Presidente da República o sr. Wenceslau Braz. Foi a voz de Ruy que precipitou os acontecimentos. Em diversas conferências, sob os auspícios da Liga dos Aliados, a grande voz do Direito e da Justiça se ergueu e doutrinou a nação. Seus ensinamentos em Petropólis e na Argentina constituíram páginas imortais tanto pela beleza da forma, como pela substância dos conceitos de interêsse universal. Foi num dêsses discursos memoráveis que Ruy fixou bem a posição do mundo ainda neutro em face da guerra de 1914: — "Não pode haver neutralidade entre o Direito e o Crime".

A luta se espraiou pelos continentes. As fôrças da Alemanha foram vencidas, apesar de tôdas as suas felonias, como sucedeu com a Bélgica, sacrificada à fúria dos exércitos do Kaiser Guilherme II, como recurso tático para chegar às margens de Calais e invadir a Inglaterra pela Mancha.

A primeira guerra mundial já demonstrava ao mundo o que seria a segunda, se esta viesse. A aviação não estava tão adiantada; para suprir a falta, foi usada a guerra química com os gases asfixiantes, hoje condenados por tratados internacionais.

Dentre os maiores homens de então, destacou-se o famoso George Clemenceau, chefe do govêrno francês.

"O Tigre", como era chamado, apesar de já envelhecido, se portou em 1914-18 com a mesma bravura, a mesma determinação, a mesma coragem de Churchill em 1939-1945.

A 11 de novembro de 1918, com os seus exércitos em plena ofensiva no coração da França a Alemanha solicitou armistício. Era o sinal da derrota dos exércitos dos capacetes de pontas, o desmoronamento do militarismo prussiano.

Onze de Novembro ficou registrado no calendário universal como dia de festa de todos os povos que lutaram contra a pantera alemã.

Durante muito tempo foi festejado. Mas, com os desentendimentos que sobrevieram as potências, apesar da Liga das Nações, um sonho de Wilson, Presidente dos Estados Unidos, novamente o mundo foi envolvido por dissenções graves e profundas, do que resultou outra conflagração, desta vez maior, mais furiosa, mais extensa e mais intensa, do que a primeira.

Lembremo-nos de 11 de novembro de 1918. Meditemos nos horrores dessas devastações humanas e procuremos acreditar nos destinos pacíficos dos povos, a fim de que jamais os povos do mundo destruam em horas o que a civilização construiu em séculos.



CLEMENCEAU, que era o "Tigre", foi à Índia e, ali, em companhia de amigos e príncipes, mostrou que tinha coragem e pontaria, matando três feras. Em baixo, o general polonês Sikorski condecora três heróis de sua pátria, na luta contra a invasão nazista



"PAUSA PARA MEDITAÇÃO"

UM PROGRAMA SÉRIO OU UMA BURLA?

Rápida "enquête" entre os conselheiros do rádio ★ Qual a vantagem de trazer para a luz do "broadcasting", os problemas domésticos da nossa gente? ★ Sagramor e Roberto Mendes, os primeiros a responder ★ O rádio ajuda ou é nocivo?

Reportagem de ROBERTO RUIZ

A Idéia desta reportagem, nasceu de uma conversa. Uma simples conversa entre o responsável por estas linhas e os companheiros da REVISTA DA SEMANA. Discutíamos aspectos do rádio e, naturalmente, veio à baila, "Pausa para meditação" que, incontestavelmente, é o sucesso radiofônico do momento, a ponto de provocar um "caso" entre duas emissoras, pois ambas se julgam com direito exclusivo sôbre o mesmo, baseando-se uma, em ter sido a lançadora da audição com êsse nome e a outra em ter agora sob seu contrato, o redator que a criou. Tocamos no assunto e depois de algumas opiniões, perguntamo-nos mutuamente, se não seria interessante, consultar aos próprios orientadores dêsse programa e de outros semelhantes, sua opinião a respeito. Os criadores deporiam sôbre a criatura. Achamos que haveria interêsse do público para um tal depoimento, feito sem "part-pris" e que valesse como contribuição honesta para o progresso do rádio brasileiro, hoje enfileirando entre o melhor "broadcasting" do mundo. Daí a organização de um questionário que se transformou numa "enquête" de tais proporções, que não cabe numa só reportagem. Assim, neste número e no próximo, desfilarão nomes masculinos e femininos que se dedicam à estranha tarefa, numa época tão utilitária, de ajudar o próximo. Em duas reportagens consecutivas, condensaremos a opinião de radialistas em grande evidência e aos quais, os sofredores que ouvem rádio, não vacilam em procurar para uma palavra de confôrto, um conselho, um auxílio. Encaminhamos os debates. Não tiramos conclusões. Entregamos êsse julgamento ao público.

★ ★

Foram as seguintes, as perguntas feitas:

1) O que julga realmente, dos programas como "Pausa para meditação"? Se acha que são construtivos, ou destrutivos, por que pensa dêsse modo?
2) Todos os seus programas são baseados em fatos reais? Existem ou existiram de fato, os casos trazidos ao microfone? Como verifica a veracidade dos mesmos? Não serão as cartas, em sua maioria, obra de desocupados ou "pescadores de águas turvas" que desejam ver no rádio histórias tenebrosas com objetivos desconhecidos? Não acha muitos dos fatos sôbre que é consultado, um tanto, como diremos... perigosos?
3 Acha que a "sua" maneira de responder é a mais certa? E por que?
4) Que pensa da humanidade, diante de tantos "casos" que chegam diariamente ao seu conhecimento?
5) Pensa que seus conselhos dão resultado? E como sabe que as suas palavras levaram a solução e o confôrto a quem delas necessitava?
6) Já recebeu visitas de "consulentes" depois das suas respostas? E como encararam êles as suas palavras? Sempre bem?
7) O que o levou a fazer êsse gênero de programa? Amor ao próximo? Um bom patrocínio? Outra razão? Qual?
8) Acredita que se cada emissora tiver um programa assim, isso contribuirá para melhorar as questões domésticas em nosso povo? E como aprecia o efeito da exposição dêsses problemas às crianças que também ouvem rádio?
9) Está contente com a sua tarefa ou abandonaria essas audições se lhe fôsse oferecida uma boa oportunidade completamente diferente? Já sofreu algum desgosto com os seus conselhos?

★ ★

Aí estão as perguntas. Não nos lembramos quem disse que, "não há perguntas indiscretas; as respostas é que o podem ser..."

SAGRAMOR DE SCUVERO

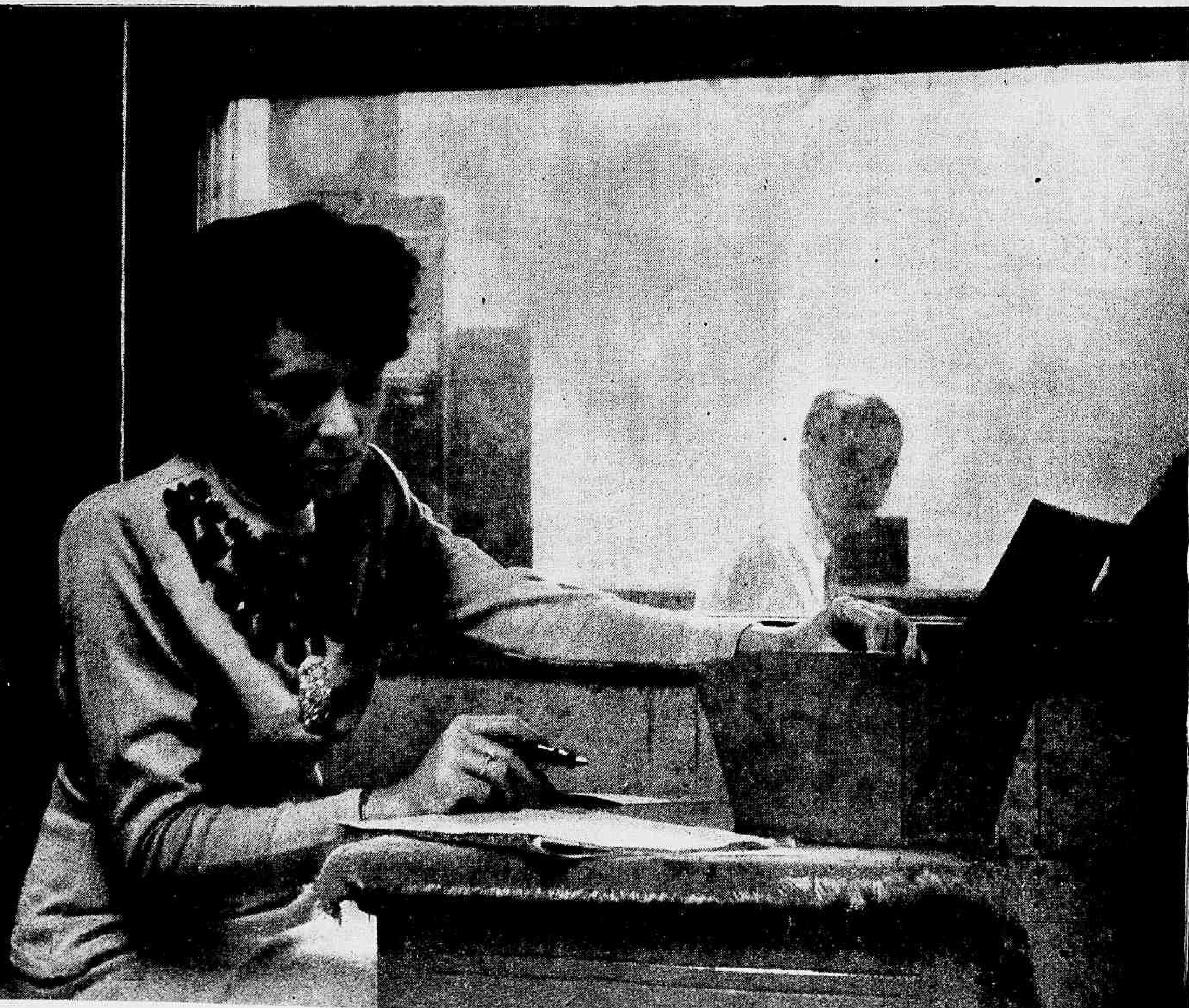
A quem entrevistaríamos primeiro? Roberto Mendes, o criador de "Pausa para meditação", ou seja, da radiofonização de casos sentimentais, expostos em carta, vividos por intérpretes em rádio-teatro, numa cena que é logo seguida pelo conselho, objeto da carta? Sagramor de Scuvero, autêntica paladina dos programas de conselhos e que deve a sua popularidade, justamente, ao interêsse que vota aos seus ouvintes, os quais em troca, lhe deram um lugar entre os seus representantes junto aos edis da cidade? Júlio Lousada, o locutor da "Ave Maria", agora também a voz conselheira na outra "Pausa para meditação", a da Tamôio? Aos orientadores espirituais, Aldo Madureira, da B-7, ou Gramury, da Mayrink Veiga? A Diva Paulo, veterana radialista que há muito vem pondo em prática a idéia de fazer com que as ondas que distraem sirvam também de mensageiras de fé e esperança?

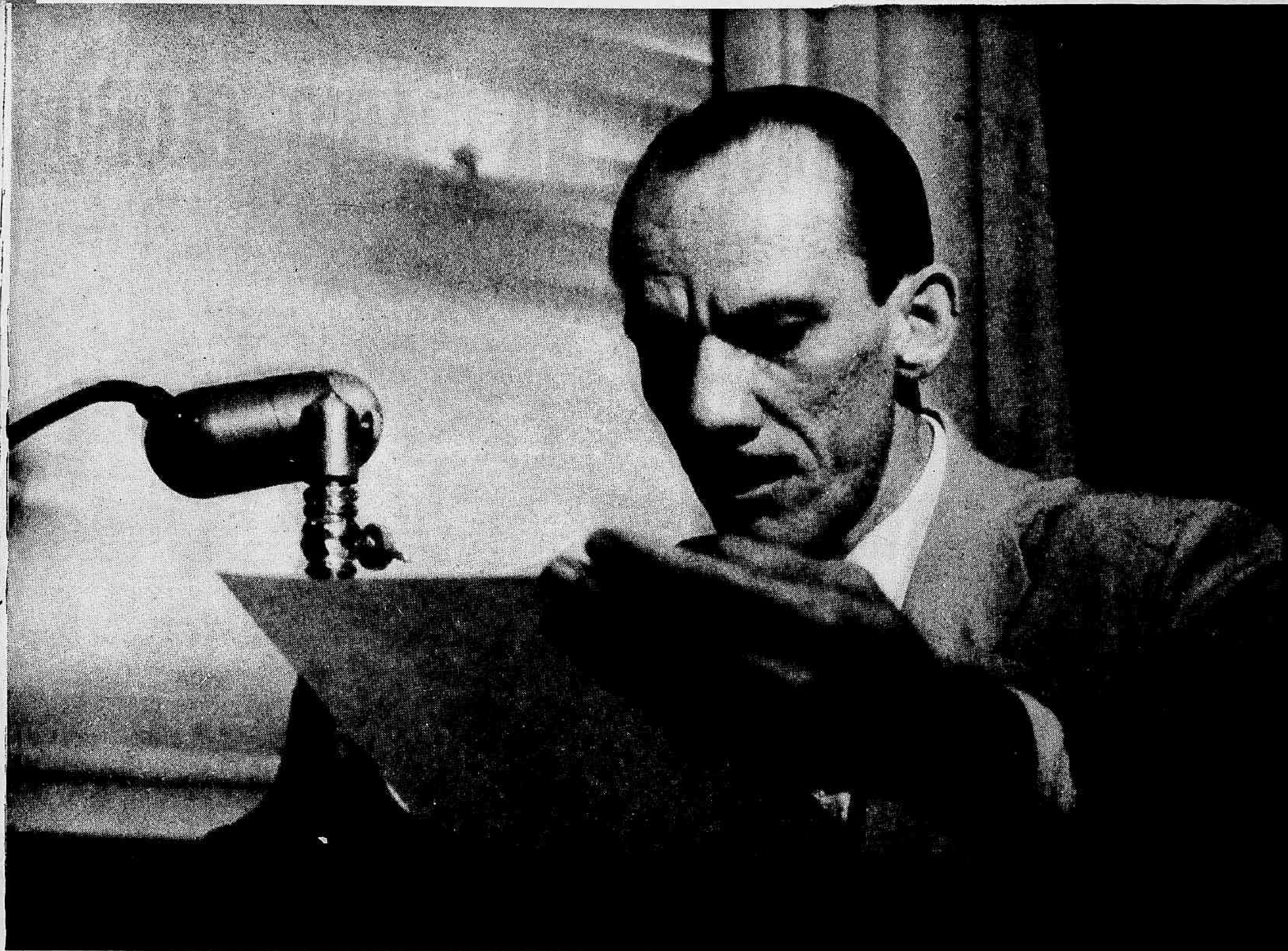
O problema era difícil, mas escolhemos Sagramor. As damas primeiro, e Sagramor deu-nos respostas tão interessantes que achamos, com ela, os debates estão abertos de maneira feliz.

A vereadora carioca, embora paulista de nascimento, dá-nos respostas prontas naquele seu estilo tão conhecido. Diz-nos:

— "Não quero me referir ao programa "Pausa para meditação" e outros dêsse tipo, pelas seguintes razões: a) não existem programas, atualmente, tipo "Pausa para meditação". Existem dois iguais: na Mayrink e na Tamôio. Radiofoniza-se o problema, vem o conselho depois. Logo não existem outros: Os outros são diferentes. Lê-se a carta, dá-se a resposta e pronto. b) Há sete ou oito anos atrás, Edmar Machado, grande administrador e homem de rádio, me chamou e mandou que eu realizasse uma idéia dele: radiofonizar os problemas recebidos e dar depois, o conselho. Realizei a idéia. Mantive o programa uns 2 ou 3 meses. Depois, como não o apreciava muito, desisti. E a Mayrink deixou a idéia de Edmar na gaveta, para revivê-la ultimamente na sua "Pausa para meditação".

"Quanto aos programas de problemas e conselhos, é claro que os acho úteis e construtivos, pois os faço! Por que? Respondo-lhe com outras perguntas: Quantas moças mergulham num máu caminho por falta de orientação? Quantas mulheres continuam numa estrada má por falta de mão amiga que lhes ofereça lar e carinho, trabalho remunerado e proteção? Quantas crianças são largadas na rua e nas portas dos asilos, por que suas infelizes mães não sabiam onde estavam as famílias que desejavam recebê-las como filhas? Quantos homens não se matam porque não podem pagar uma dívida? Quantas pessoas não morrem por falta de remédios? E quantas outras interrogações? E' o que faz o meu programa: encaminha crianças abandonadas a famílias; emprega; hospitaliza; interna crianças; dá remédios; mantém em





ROBERTO MENDES

escolas pagas, 16 crianças; dá mesada a 60 velhos e velhas; dá mantimentos mensalmente para 80 famílias; faz empréstimos sem juros e sem documentos e jamais alguém deixou de pagar! dá aparelhos ortopédicos, dá assistência médico-dentádria e cirúrgica! dá palavras de confôrto e orientação. E os outros programas de conselhos fazem na certa a mesma coisa. E agora me diga: — Por que são úteis e construtivos?"

Não tiramos conclusões, é claro. O trabalho é do leitor, por isso, passamos ao item dois e Sagramor retoma a palavra:

— "Fatos reais? Claro! Se eu escrevesse um romance de ficção usando os fatos reais que conheço, aquêles que o lessem diriam na certa: — "Que romance absurdo! Folhetim barato! Isso não existe!" E como existe! Eu vi morrer uma criança filha de pai e filha. Eu vi uma mulher cancerosa, esposa de cego com seis filhos aleijados. Eu vi a mãe que fugiu com o noivo da filha e levou-lhe o enxoval. Eu vi a filha apaixonada pelo padrasto. Eu vi coisas incríveis! Tenha a certeza, quando alguém inventa um caso, mente apenas para si mesmo, porque na certa o caso existe por aí. Coitado do Eça, quando escreveu "Os Maias"! Estava certo de que inventava um absurdo! E que trabalho me deu separar dois irmãos em um caso igual! Quando aparece um caso absurdo, minha secretária — por conta dela — vai averiguar. Eu não me importo com isso. Se a autora da carta mente, não faz mal, é que a personagem real dêsse caso não nos escreveu. Mas existe. A pessoa que escreve uma carta não interessa por ela mesma, sozinha; o que interessa é o caso. O caso onde não apenas ela, a missivista, sofre, mas sim muitas criaturas. Nunca pude dizer — isto acontece a você! Estou à espera de conhecer um caso único. Sempre existe muita gente na mesma situação. Quando respondo a um problema, não falo apenas a uma mulher que me escreveu — falo a ela e a muitas outras que não escreveram e estão no mesmo caso. Perigosos... faço o possível para que não o sejam. Esclareço o mais possível. Uso a linguagem mais primária que existe. Repito os argumentos principais. Estudo o problema em tese. Vou ao passado e ao futuro do mesmo. Faço dele exemplo e aviso. Lembro-me dos espíritos fracos que podem estar ouvindo — e daí acreditar que não há nenhum perigo para qualquer classe de ouvintes — a não ser as crianças! Peço sempre às minhas ouvintes que não deixem crianças ouvindo "Problemas de sua vida"! E' um programa para adultos".

Agora Sagramor examina o nosso questionário e responde ao item 3:

— "Por que serei eu melhor do que os outros? Acho apenas que é a minha maneira. E me basta. E me orgulho de ter sido a primeira pessoa no rádio carioca que iniciou êsse tipo de programa de problemas e respostas. Em São Paulo, não fui a primeira pessoa. Fui a segunda. A primeira foi Otávio Gabus Mendes. Quando fui para a Bandeirante, êle me entregou um programa de "consultório sentimental" destinado a consolar mocinhas infelizes. Tomei o programa, continuei-o dando então os meus conselhos e introduzindo no mesmo a solução também dos problemas materiais: médico, remédio, emprêgo, etc."

O item seguinte faz Sagramor pensar um pouco para logo dizer:

— "Tenho pena da humanidade: luta por pão, por glória, por progresso, e só lhe falta amor. Com amor ao próximo, todos os problemas serão resolvidos ou aliviados. Nunca pergunte porque alguém sofre — ou você sofre com êle ou você é um pouco responsável pelo sofrimento dele."

Sagramor defendia com idealismo o seu modo de fazer bem ao próximo, nada mais oportuno do que a pergunta imediata. Sagramor compreendeu e logo nos disse cheia de entusiasmo:

— "Graças a Deus dão. Como sei? Já casei. Já batisei. Já vi doentes curados, crianças crescendo, — tanta, tanta coisa. E a maioria dos amigos que tenho hoje, depois de dez anos nesta cidade que adoro, veio através de "Problemas de sua vida", de casos resolvidos. E os que vem me agradecer pessoalmente? E os que colaboram com o meu serviço social, mandando gêneros e remédios em prova de agradecimento aos resultados conseguidos com a palavra que receberam?"

O item seguinte era um complemento das suas declarações anteriores, portanto Sagramor ajuntou:

— "Já recebi muitas visitas. Sim, recebem bem, mas existem exceções, é claro. Uma ou outra se "queima" com a franqueza. Paciência..."

— Por que Sagramor se teria dedicado a fazer esta espécie de programa? Como teria descoberto o "dom" de conselheira? Essa a pergunta que muita gente por certo fará...

— "Foi uma razão pessoal". — Diz Sagramor. — "Um sofrimento próprio cujo relato não interessa. Nessa época, eu precisava bem pouco de dinheiro. Ganhava trezentos e cinquenta cruzeiros por mês e êsse dinheiro ficava nos gastos do próprio programa. Nem tinha nome para ser patrocinada. Queria apenas fazer alguma coisa por alguém. Não, não era o caso de amor ao próximo. Eu não tinha, ainda, idade para compreender isso. Eu tinha "apanhado" da vida e aprendia então a trabalhar pelos outros. E' uma salvação. E eu trabalhava em memória de alguém".

Ainda faltavam dois itens em nosso questionário e Sagramor responde:

—" Ajudará a resolver as questões domésticas, e o que é melhor, as questões sociais! Eu e minhas ouvintes em 1946, tiramos da favela e trouxemos para uma vida melhor na cidade, 146 famílias! Quanto às crianças, não devem ouvir êsses programas, assim como não lêem tôdas as seções dos jornais. Existe uma época para conhecer as verdades da vida e ela não deve e não pode estar na infância. As crianças ouvindo-os, ficariam conhecendo fatos humanos antes da época própria, logo não poderiam compreendê-los, poderiam deturpá-los, poderiam adquirir complexos, enfim, maus resultados".

Chegávamos ao fim de nossas perguntas e Sagramor manifesta o seu estado de espírito:

— "Contentíssima. E' um ideal. Faz parte de minha vida. Quantas vezes, veja bem, quantas vezes não deixei de aceitar melhores contratos, por não deixar de fazer meus programas de serviço social que trazem sempre uma complicação para a estação onde eu estiver trabalhando: o local para distribuição de gêneros, remédios, etc., para atender os pobres que me procuram. Salas para corte e costura, etc. A Rádio Globo bem sabe o trabalho que dá o meu serviço social nessa questão de local. Eu trabalho em muitas coisas porque preciso trabalhar, mas se um dia não precisar materialmente de trabalho, farei no rádio, um único programa: "Problemas de sua vida", com o meu serviço social. Para mim, um Natal sem a distribuição — feita por mim e pelas minhas ouvintes — de gêneros, remédios, bolsas de estudo, roupas e até móveis, não seria Natal — nunca. E eu não viveria sem Natal. Eu tenho duas coisas na vida — minha casa com os meus e meu programa com o meu serviço social. Sem essas coisas, nada mais valeria a pena. E' por isso que acho delicioso, deslumbrante, maravilhoso presente de Deus, cozinhar e limpar em casa e passar o ano todo esmolando e carregando embrulhos e, graças a Deus, em novembro e dezembro, não mais embrulhos, mas carregar saco às costas como estivador — tenho fôrça sim, que o digam aquêles que também carregam comigo — dormindo no próprio escritório, misturando noite e dia, em um trabalho que é impossível separar de mim — eu sou êle e êle é eu."

Dêsse modo Sagramor de Scuvero respondeu às nove perguntas de nossa "enquête" sôbre os programas de problemas sentimentais e, especialmente, sôbre "Pausa para meditação" que vem prendendo diariamente, em tôda a cidade, milhares de sintonizadores que se emocionam e vivem os dramas que o rádio tão bem lhes apresenta, trazendo para o interior de centenas de lares, no Rio e mesmo fora da cidade, até onde podem chegar as ondas de nossas poderosas emissoras, os dramas da vida cotidiana, as misérias do momento e, também, as palavras de confôrto, as soluções que os encarregados dessas audições de sucesso, julgam acertadas, diante de seu modo de ver.

OUVINDO ROBERTO MENDES

Uma mulher já nos tinha respondido e para finalizar a nossa primeira reportagem sôbre o assunto, queríamos ouvir um homem. Escolhemos então Roberto Mendes

(Cont. na pág. 52)

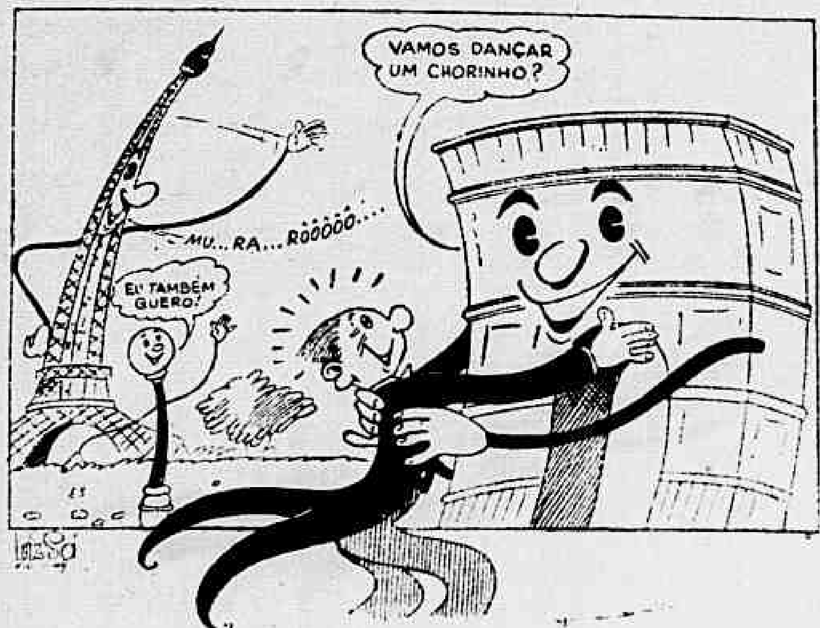
MURARO NA RÁDIO GLOBO

A música popular brasileira corre mundo através dos dedos mágicos daquele a quem chamaram de "incrible" ★ Tocando para a nobreza de Espanha foi parar na boite" de Josephine Backer ★ Portugal, a grande terra de além Atlântico ★ E agora, na PRE-3

Texto de ARMANDO MIGUEIS
Ilustrações de LUIZ SÁ

A música popular brasileira fascinou Heriberto Muraro. Êle trocou em miúdos tôdas as grandes páginas e "meteu os peitos" nas composições do nosso inesquecível Zequinha de Abreu. Também executou no "duro" as geniais composições do campineiro Carlos Gomes, deixando boquiabertos os que o consideravam um simples executante de tangos e marchas. Nesse crescendo chegou aos grandes mestres, fazendo vibrar as mais exigentes platéias. Mas, a música brasileira sempre foi o seu fraco. Basta sentar-se ao piano para "sapecar" um sambinha cem por cento, quando não toca um chorinho buliçoso. E' que as nossas melodias estão para Muraro como o coração está para a vida. Sente-se mal quando não pode executar uma dessas páginas de sabor popular do cancioneiro nacional. Por isso, quando se lhe ofereceu a oportunidade de integrar o elenco de Eva Todor, o argentino Heriberto Muraro pensou no quanto poderia fazer pela nossa música em terras extranhas, e sem olhar o lucro financeiro, tratou de arrumar as malas e seguir os comandados de Luis Iglésias. Lá pela Europa fêz misérias a favor do samba. Tocou-o em teatros, casas de chá, emissoras, cinemas. Bastava se lhe oferecer uma oportunidade, eis o nosso excelente propagandista a exibir na sua verdadeira roupagem a música do morro. O samba esteve em Portugal. Foi à Espanha. Visitou a França. Andou pela Itália. Intrometeu-se na Suiça. Voltou à terra de Camões. Sempre e sempre através dos dedos mágicos de Heriberto Muraro que, neste momento, estréia ao microfone da Rádio Globo.

A apresentação do eximio "virtuose" do teclado, em Portugal, fêz-se no Teatro Avenida. Cabia-lhe, durante os intervalos, executar páginas do cancioneiro popular do Brasil. Era de ver-se o entusiasmo do artista a interpretar ao piano, o buliçoso "Apanhei-te, cavaquinho". A platéia, tomada de verdadeiro frenesi, prorrompia em intermináveis aplausos, levando-o a repetir o número várias vêzes. Muraro sorria satisfeito. E êsse sorriso, segundo afirmava entre os intimos, era de orgulho pela sucesso da música brasileira. Daí, procurar cada vez mais expandir as composições dos autores nacionais, fazendo o máximo para que os portuguêses a compreendessem em seu verdadeiro sentido.



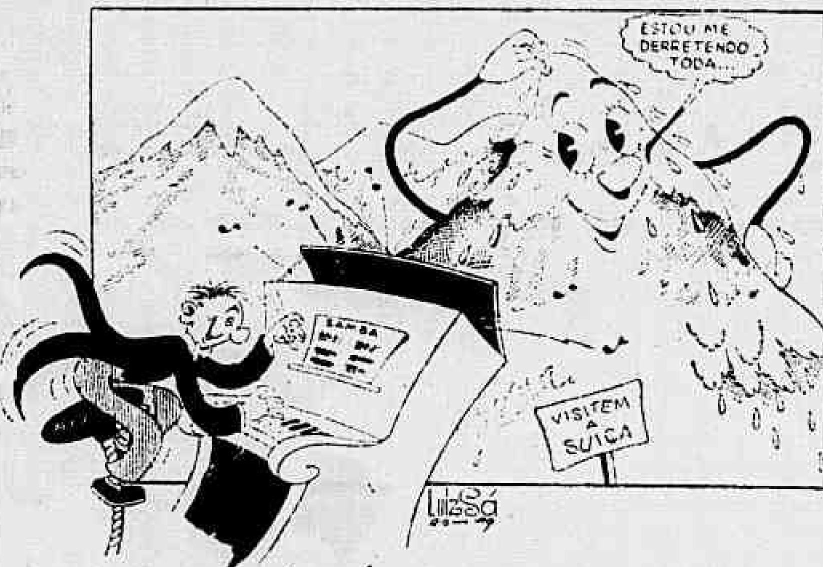
Deixando Lisboa, com a Companhia de Eva Todor, exibiu-se no Teatro Sá da Bandeira, no Pôrto, conseguindo despertar o mesmo entusiasmo. Depois rumou para Coimbra. A seguir, ainda com os artistas de Eva, esteve em Braga, Guimarães, Figueira da Foz e Póvoa, de onde retornou a Lisboa, a fim de voltar ao Brasil. Eis, porém, que o Teatro Politeama interessa-se pela sua presença, oferecendo-lhe seis mil escudos diários. Muraro resolve permanecer em Portugal, vindo a colhêr novos louros para a sua carreira de artista honesto e criterioso que, acima dos próprios interêsses financeiros coloca a Arte.

Nessa prorrogação, êle sente o sucesso de "Não me toques", uma composição de Zequinha de Abreu, por êle gravada no decorrer de 1944 para a fábrica Odeon, de Buenos Aires. Vê-se delirantemente aplaudido na execução de "Linda Flor" e não cabe em si com os aplausos que recebe após a magistral interpretação da "Protofonia" do "Guarani", por êle executada fielmente.

Enquanto seus recitais de piano no Politeama abafam por completo, na Emissora Nacional, seu êxito não é menos significativo. Milhares de bôcas, a uma só voz, reclamam êste ou aquêle número popular. Muraro vai atendendo, uma vez que seu desejo é tornar o samba conhecido e divulgado na terra portuguêsa.

CONDES... VISCONDES... E SAMBA

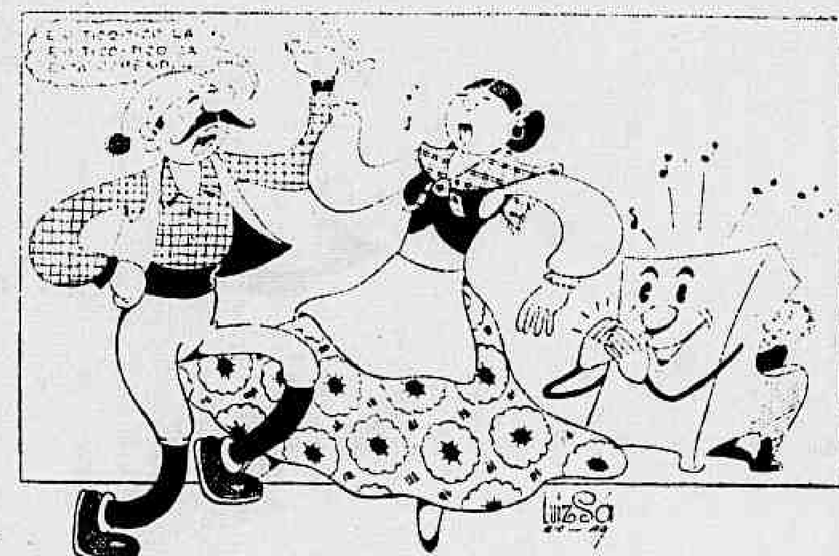
A Espanha deseja conhecer o samba. Muraro mete-o na mala, toma a condução mais próxima e bate à porta do "caudillo" Franco. Sua chegada serve de "manchette" para os grandes jornais da imprensa "madrileña". E a Rádio Madrid confia-lhe o melhor horário. Êle interessou a uma casa de flores, a qual fêz questão de patrocinar seus programas. Também a "boite" Vila Romana chamou-o para animar seus espetáculos. Durante quatro meses consecutivos, exibiu para a alta aristocracia espanhola, o ritmo gostoso da música popular brasileira. Todo



um punhado de condes, viscondes e demais nobres da Casa de Espanha desfilou pela frente daquêle pianista. Aliás, todos os "maiorais" da terra de Cervantes foram unânimes em render homenagem ao gênio que a "boite" Vila Romana contratara. E não poucos sentiram a partida de Muraro para a Cidade Luz, onde o esperava um vantajoso contrato. Uma vez em Paris, abriram-se-lhe as portas da "boite" de Josephine Backer. Nosso amigo sentiu, então, o apreço da famosa estrêla pela nossa música. E' que nessa casa as composições "made in Brasil" são executadas com desusada freqüência, revelando o carinho de Josephine pelo samba.

Mas, outra notável "chance" estava reservada ao novo integrante da familia PRE-3. O famosíssimo "Salon Pleyel" confiava-lhe a realização de um concêrto. Êle tratou de reunir suas partituras, dar os últimos retoques na indumentária e preparar-se para enfrentar uma das platéias mais cultas do mundo. No dia aprazado, ao transpor as portas dêsse centro de Arte, seus olhos viram uma casa super-lotada, ansiosa por conhecer o pianista que o Brasil lhe enviara. Muraro, com a calma que sempre o dominou, sentou-se ao piano, abriu a partitura e fêz subir ao espaço, as notas vibrantes da "Profonia" do "Guarani". A êsse número vieram juntar-se outras composições. A essas composições juntou-se o aplauso de todos os assistentes. Êle triunfara de maneira espetacular.

Tôda Paris comentou seu talento de executante. E sob os clangores da vitória, transpôs a fronteira da Suiça, rumo à terra de Gabriel D'Annunzio. Gênova, porém, mostrou-se desejosa de conhecer a sua arte. Muraro satisfez-lhe a vontade, realizando concêrtos no Salão Principe Jorge. Findos êstes, partiu para a Cidade Eterna, onde a Embaixada Argentina fê-lo realizar, sob seus auspícios, uma série de concêrtos no Teatro Dante Alighieri. Já, então, a saüdade do Brasil mexia-lhe com os nervos. Era preciso voltar. Por isso, disse um até breve aos italianos, seguindo para Portugal. Novamente, o Politeama prendeu-o para uma breve temporada. Finda esta, voou para a Cidade Maravilhosa.



A QUEM ATRIBUIR O SUCESSO

Heriberto Muraro é uma criatura simples. Em nada se assemelha aos "poseurs". Diz o que sente sem diminuir quem quer que seja. Por isso, quando lhe indagamos a razão de ser do seu êxito em outras plagas, não procurou falar da sua genialidade, nem tampouco enaltecer-se. Atribuiu, isto sim, ao executar, nessa "tournée", cem por cento de música popular brasileira. Revelou, mesmo, que dado êsse interêsse demonstrado pelos autores nacionais, não hesitou em assinar contrato com a Odeon, a fim de que as nossas melodias possam ser divulgadas, além fronteiras, numa roupagem vistosa, tal como os norte-americanos fazem com o "fox" e congêneres.

Outra referência importante de Heriberto Muraro, diz respeito a Fon-Fon. Êsse nosso patricio, apesar das dificuldades com que teve de lutar, sabido que sua orquestra desmantelou-se completamente, nem por isso deixa de trabalhar a favor do samba. Em qualquer país por onde ande, Fon-Fon leva a música do Brasil, executando-a no seu ritmo próprio e caracteristico. Daí, merecer o apreço de quantos aqui se encontram.

Embora mimoseado e aplaudido por todos, o exclusivo da Rádio Globo não tem palavras para agradecer a acolhida que lhe dispensaram os portuguêses. Seu entusiasmo pela terra de Amália Rodrigues é enorme, a ponto de enumerar fatos, pessoas e locais. Então, para Maria Elisa Pedrosa, Muraro tem as mais desvanecedoras frases. A ela coube organizar os espetáculos de que participou, fazendo-o com fidalguia e lhaneza. Por isso, ao encontrar-se na sua amada Cidade Maravilhosa, êle mantém na lembrança o trabalho e a dedicapão de Maria Elisa Pedrosa, que tudo lhe facilitou.

Tal como nos versos de Gonçalves Dias, o nosso "argentino" não pretende morrer sem visitar outra vez Portugal. E' seu desejo, quando isso acontecer, levar uma variada porção de músicas de autores brasileiros, tôdas orquestradas em condições e capazes de aumentarem o interêsse dos portuguêses que, desta vez, se entusiasmaram com os chorinhos de Zequinha de Abreu.

A CONFUSÃO E' GERAL...

Ante a versatilidade de Muraro, nosso espirito curioso avança. Queremos saber mil coisas. Mas, nem sempre êle nos satisfaz. Principalmente, quando indagamos do fracasso de alguns artistas que daqui se foram para... divulgar o que é nosso. Muda de assunto, envereda por outro caminho e acaba deixando-nos em "sinuca". Porém,

(Cont. na pág. 52)

A ESCOLA REMINGTON

INAUGURA AS NOVAS INSTALAÇÕES DO SEU DEPARTAMENTO MÉIER



ASPECTO DE UMA AULA DE DACTILOGRAFIA



AULA DE TAQUIGRAFIA



SALÁ DE ESPERA



GRUPO DE PESSOAS PRESENTES À INAUGURAÇÃO

NO dia 29 de outubro próximo passado, a Escola Remington, a tradicional organização esteno-dactilográfica desta Capital, inaugurou, na rua Dr. Pache de Faria, 45, no Méier, as novas instalações do seu Departamento Méier, que desde 1945 vem prestando serviços à população daquele subúrbio da cidade.

Êsse Departamento foi instalado sob os auspícios da técnica e da pedagogia, estando aparelhado com máquinas Remington do último modêlo, tendo sido feito especialmente o seu mobiliário, de forma a oferecer o maior confôrto a par de plena eficiência.

A Escola Remington, que conta quase 39 anos de existência, dá, assim, mais um passo decisivo para estender a novas áreas da cidade, o ensino dactilográfico e taquigráfico que já ministrou a mais de 76.000 alunos.

AS IMPRESSÕES DIGITAIS CONSTITUEM PARA UMA POLÍCIA TÉCNICA VESTÍGIOS DE GRANDE SIGNIFICAÇÃO NA PESQUISA DO CRIME



O QUE É A POLÍCIA DE PARIS





A POLÍCIA DE PARIS é dirigida por um Prefeito e seu gabinete. Aqui vemos a sede da Prefeitura, fotografada à noite. À direita: não basta ser técnico; é indispensável estar protegido contra as balas e os punhais dos delinquentes, e êste colete é útil

COM cêrca de quatro milhões de habitantes, a capital da França foi no passado e continua a ser no presente a cidade do cosmopolitismo esfusiante, a capital da heterogeneidade racial, do turismo intenso, o refúgio da delinqüência internacional com todo o seu cortéjo de planos e programas de vícios.

Situada em ponto estratégico na Europa, tendo à sua frente a gigantesca Londres; ligada a tôdas as capitais da Europa por excelentes e rápidas vias de comunicação, tanto terrestres como aéreas, Paris não poderia dispensar um serviço de policiamento modernissimo, cientifico e tecnico, para fazer face ao crime, proteger os seus habitantes e todos aquêles que vêm admirar a beleza famosa da célebre Lutécia dos gauleses.

Embora diante da exiguidade dêste ligeiro relato, vamos oferecer aos leitores da REVISTA DA SEMANA ligeiras informações acêrca do que é a Polícia de Paris em suas duas seções mais importantes: a Polícia Judiciária e a Municipal.

Sob as ordens do prefeito de Polícia e de seu gabinete, duas grandes diretorias, a P.M. (Police Municipale) e a P.J. (Police Judiciaire), garantem a segurança dos habitantes da cidade e do Departamento do Sena.

NENHUMA DAS GRANDES CIDADES DO MUNDO TEM MAIS NECESSIDADE DE POSSUIR E MANTER UMA POLÍCIA TÉCNICA E MODERNA DO QUE PARIS

Esta tarefa enorme é assumida, com devotamento, por um pessoal relativamente reduzido, cuja atividade se manifesta em todos os momentos e em todos os domínios.

A Polícia Parisiense, pela necessidade funcional de atender a todos os setores no combate à delinqüência de uma enorme cidade como é a capital da França, chegou a elevadíssimo grau de perfeição e dispõe de organização especial, eficiente, que passou, desde muito a servir de modêlo à maioria de suas congêneres nos principais países do mundo.

A polícia judiciária é um serviço público, cujo fim é descobrir os crimes, delitos e contravenções, conseguir as provas provadas e entregar os culpados ou criminosos aos tribunais encarregados de puni-los.

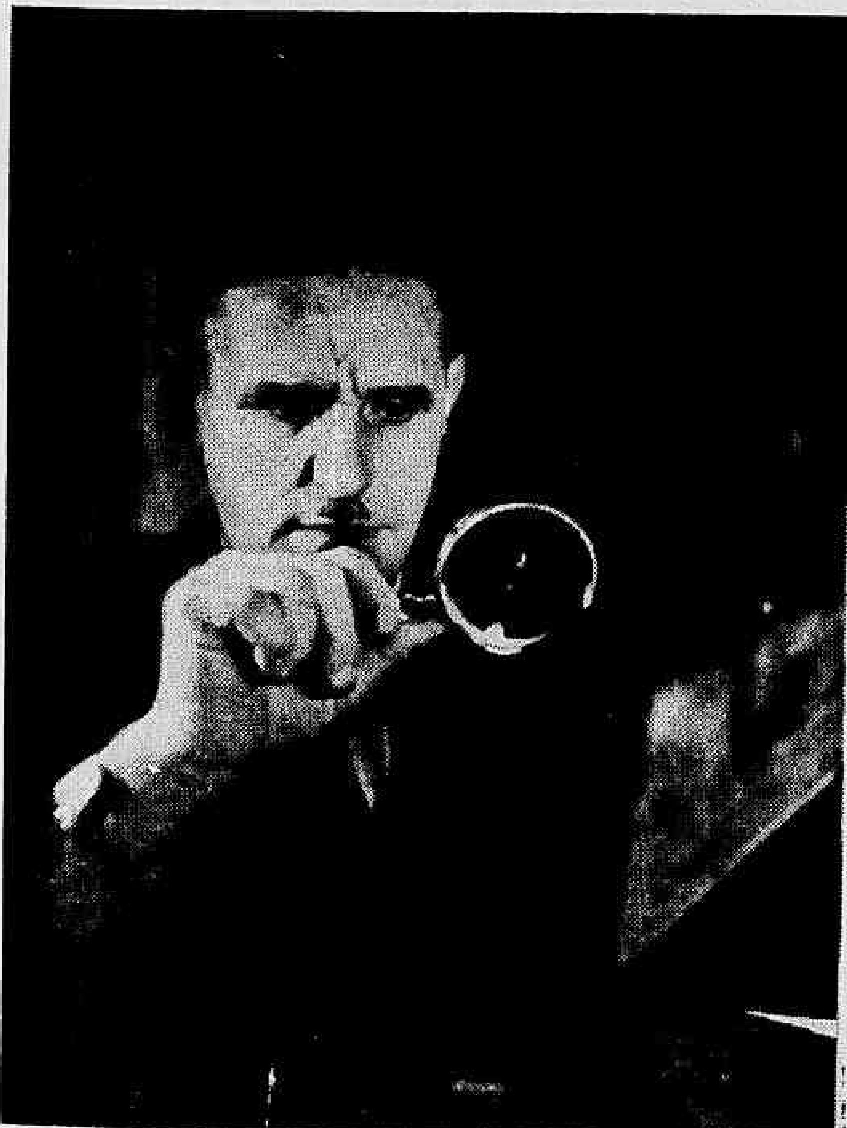
Os funcionários encarregados dêsse serviço tomam o nome de oficiais da Polícia Judiciária, dividindo-se em vários ramos, todos perfeitamente articulados para a luta contra o crime, na mais perfeita ação de defesa da sociedade.

Essa organização modelar possui todos os meios necessários à finalidade de seu exercício. Museus, flotilha fluvial nas águas do Sena, cursos de aperfeiçoamento técnico e científico destinado aos seus membros e aos que vão ingressando no corpo da organização, de maneira que nada falte à boa marcha dos soldados da batalha contra a delinqüência.

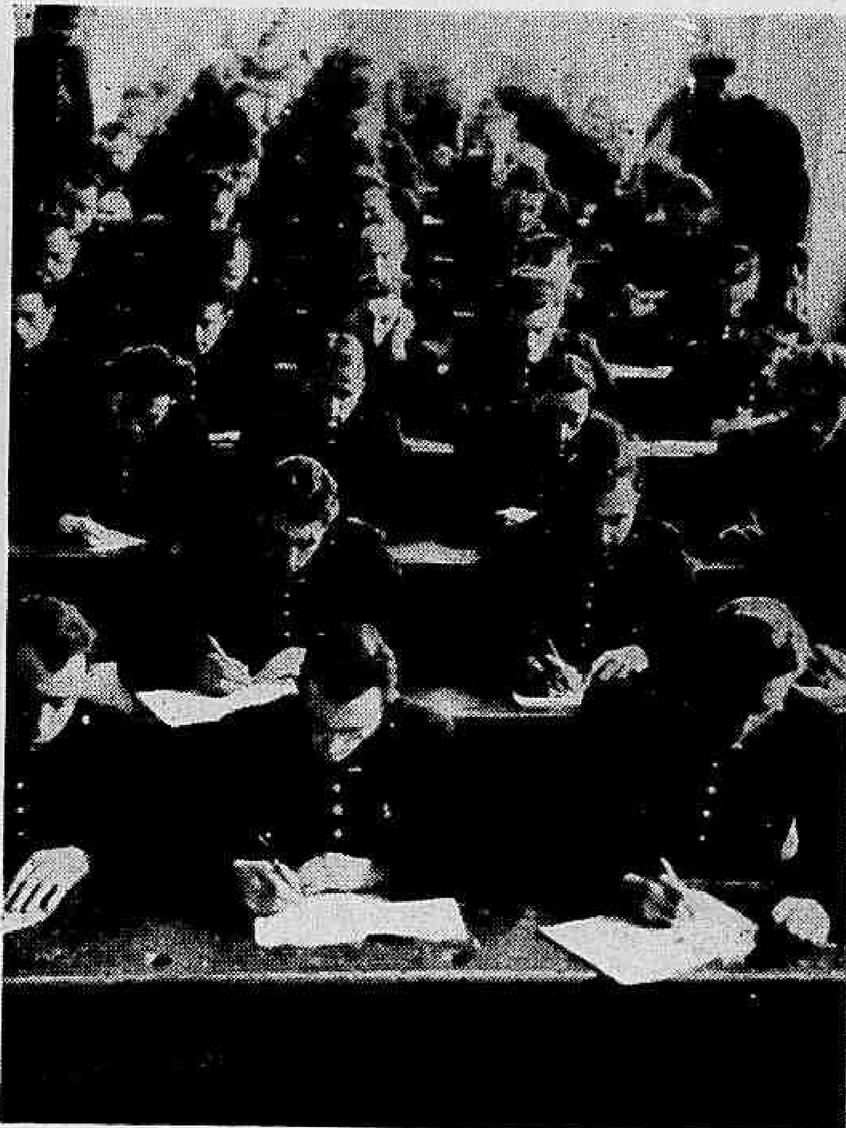
Cidade imensa, com os seus bairros da boêmia e da devassidão contrastando com os centros de estudos científicos, de Arte e Cultura, Paris, sem um serviço de policiamento perfeito converter-se-ia numa cidade de terror, perdendo o glorioso nome de Cidade Luz.

Sòmente o rio Sena oferece campo de trabalho inesgo-

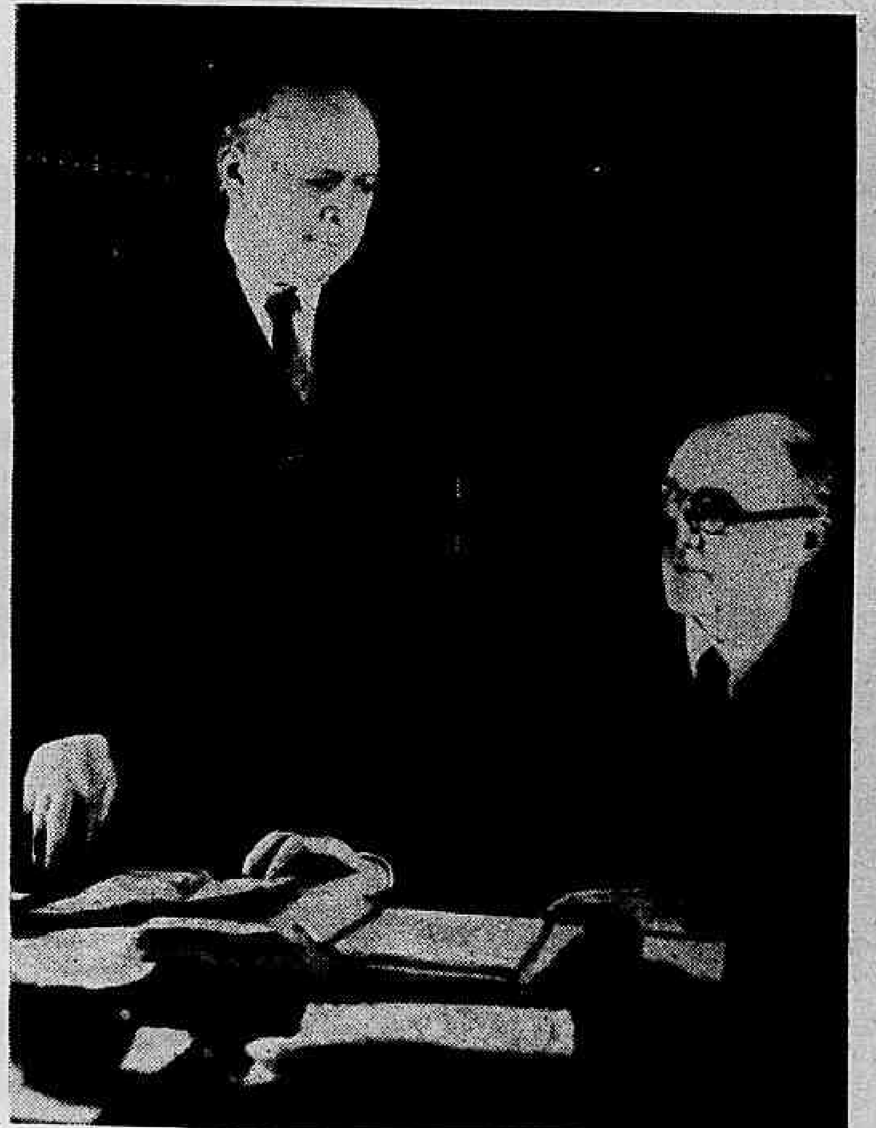
(Cont. na pág. 50)



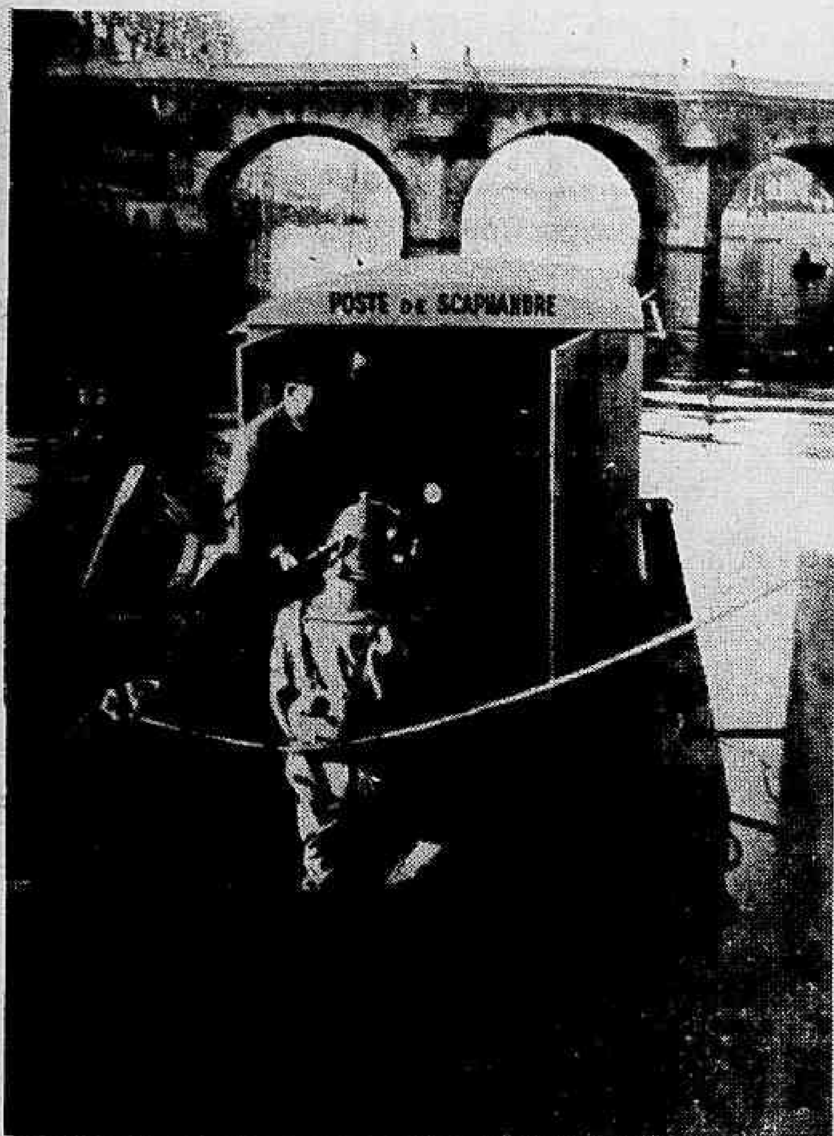
UM FUNCIONÁRIO examinando uma lâmina de vidro no Serviço de Identidade da Polícia Judiciária



SALA de aulas da Polícia de Paris. Uma turma se submete a provas na Escola Prática de Guardas-Civis



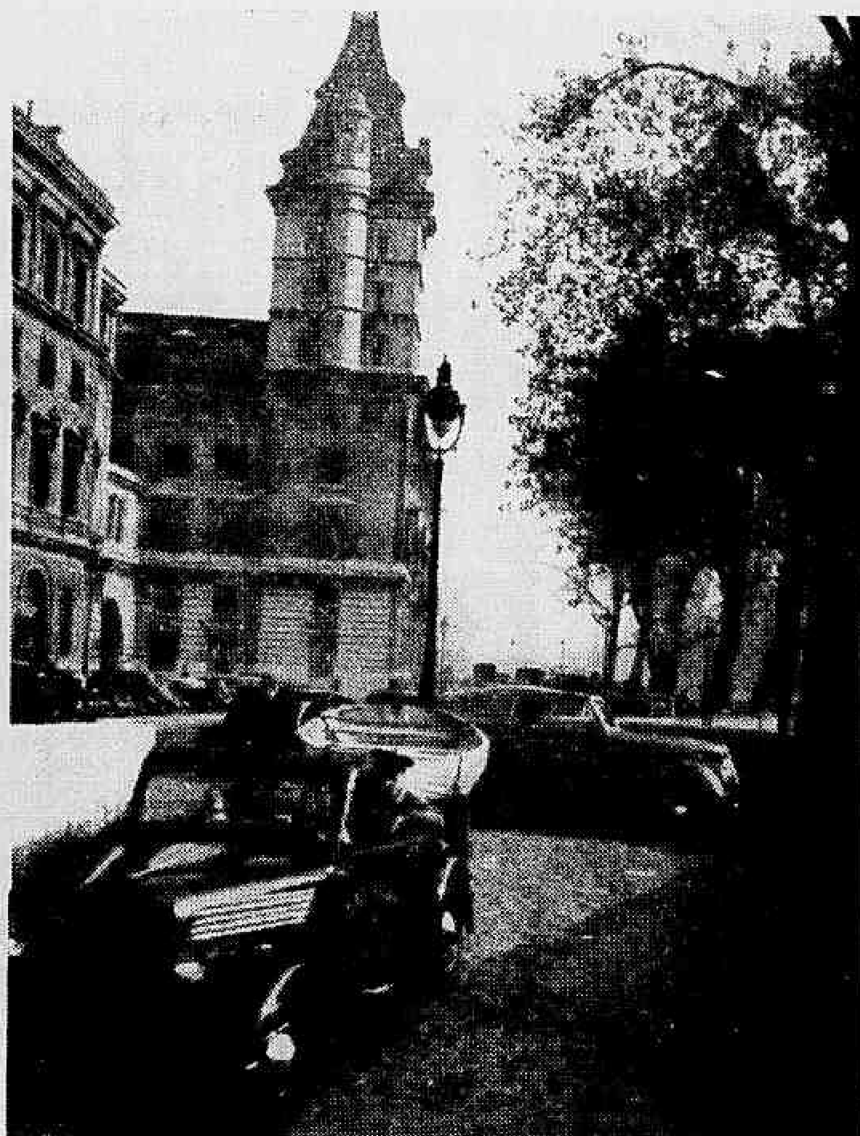
POLÍCIA JUDICIÁRIA — Vemos sentado à mesa de trabalho, o Diretor, Desvaux e Badin, Diretor Adjunto



QUANDO se torna indispensável uma busca no Sena, os escafandristas da Brigada Fluvial entram em ação



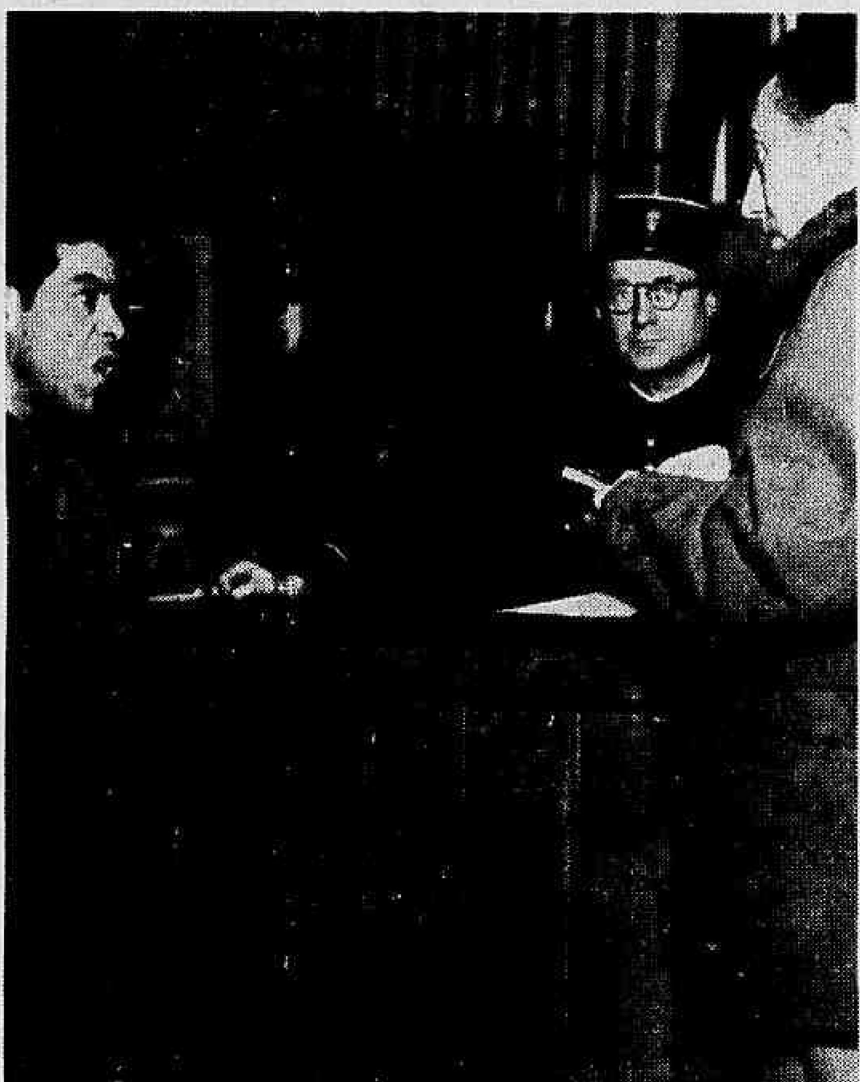
NAS ZONAS da vida noturna, constantemente a Polícia dá buscas. Vemos aqui, um aspecto dessas batidas



APÓS RECEBEREM as ordens de serviço para aquêle dia, os soldados da Brigada Fluvial se dirigem ao seu pôsto



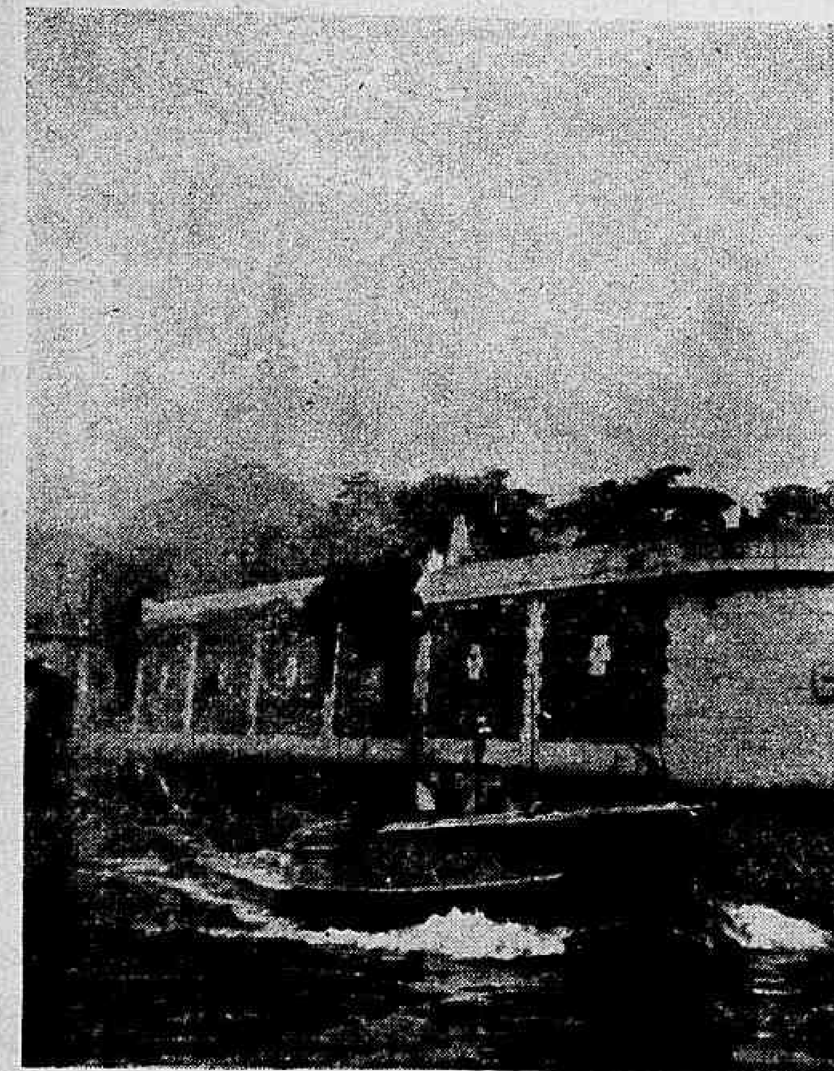
NOS COMEÇOS do século XIX, era assim que se fardavam os sargentos da Guarda-Civil da França



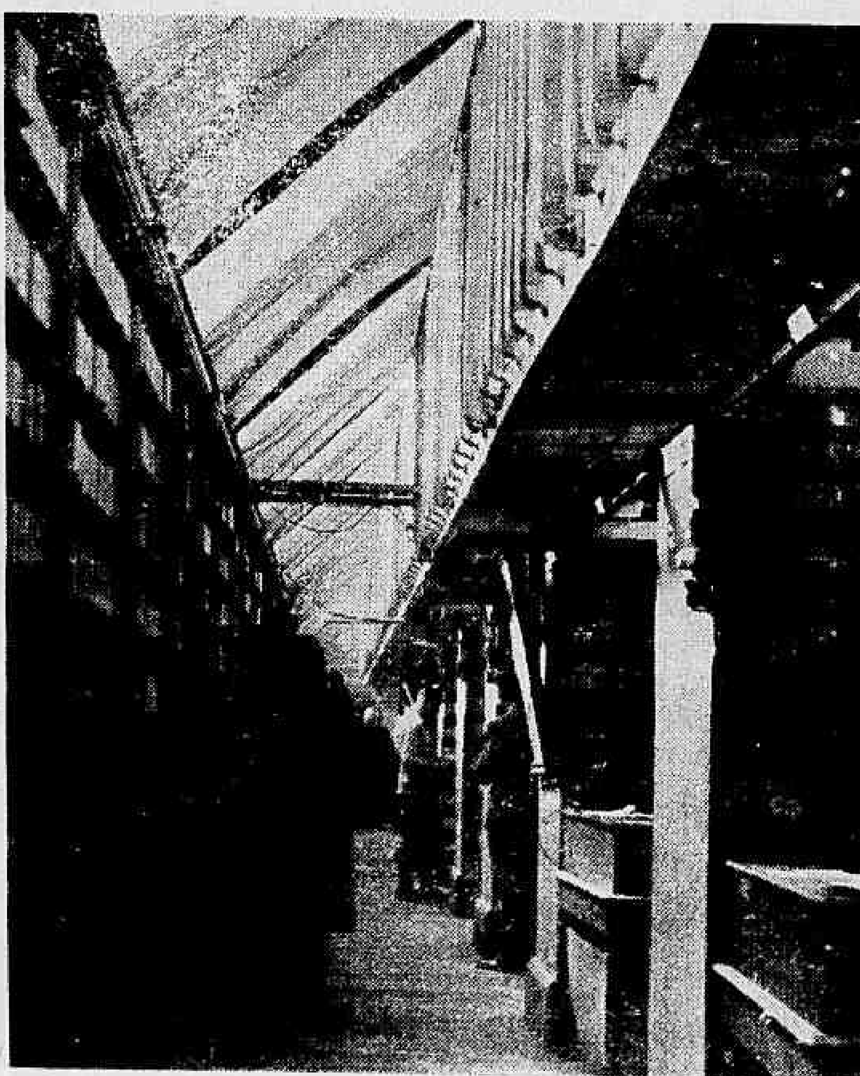
EMBORA a teoria de Lombroso esteja abandonada, não há dúvida que pela cara dêste, a polícia está com a razão



UMA DAS alas do Museu da Polícia de Paris, onde vemos os uniformes dos guardas-civis do século XIX



DISPÕE a Polícia de Paris de um flotilha para patrulhamento e pesquisa no rio Sena, como vemos nesta foto



PARA MAIOR eficiência da Polícia de Paris, êste enorme fichário encerra tudo o que se refere a delinquentes

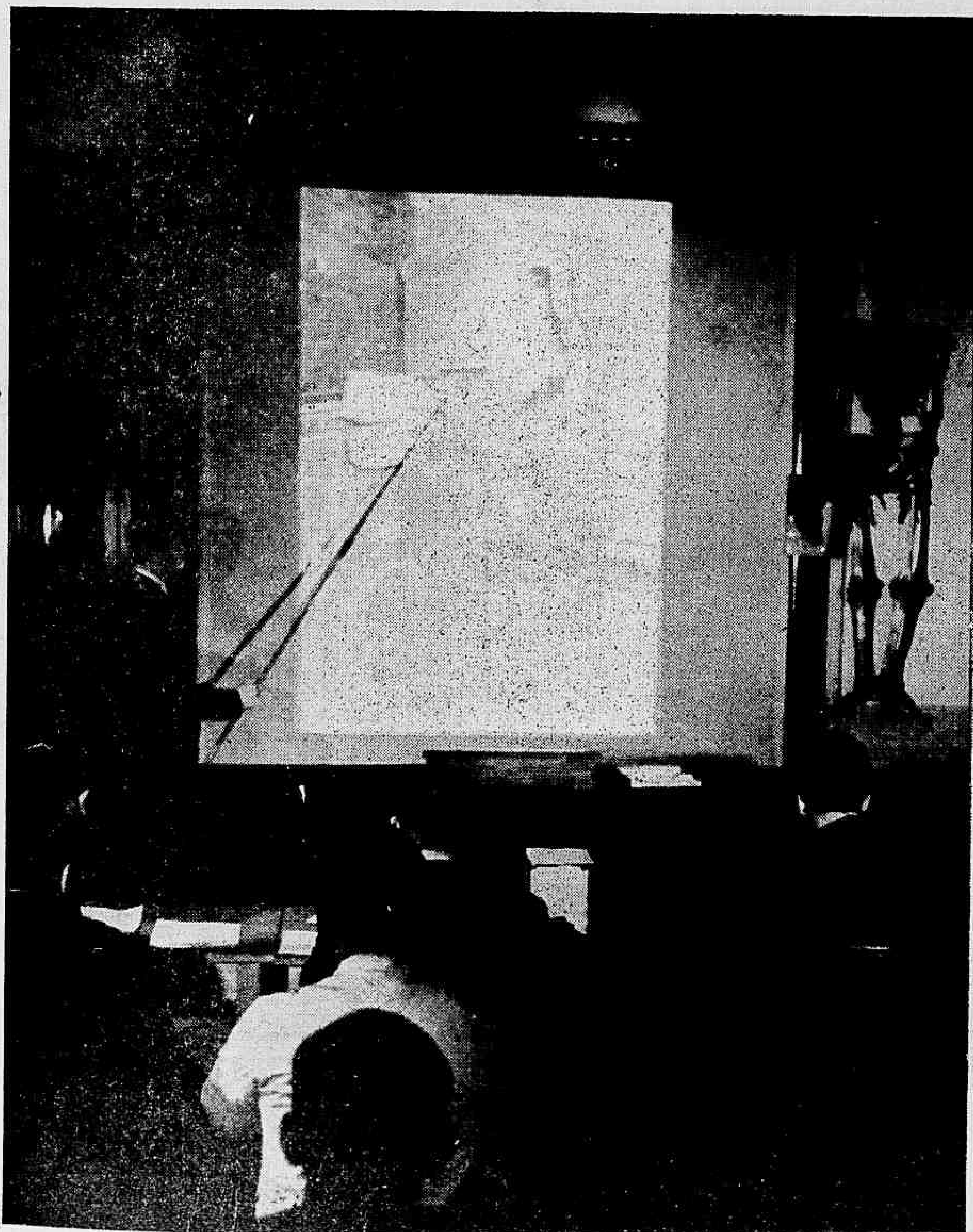


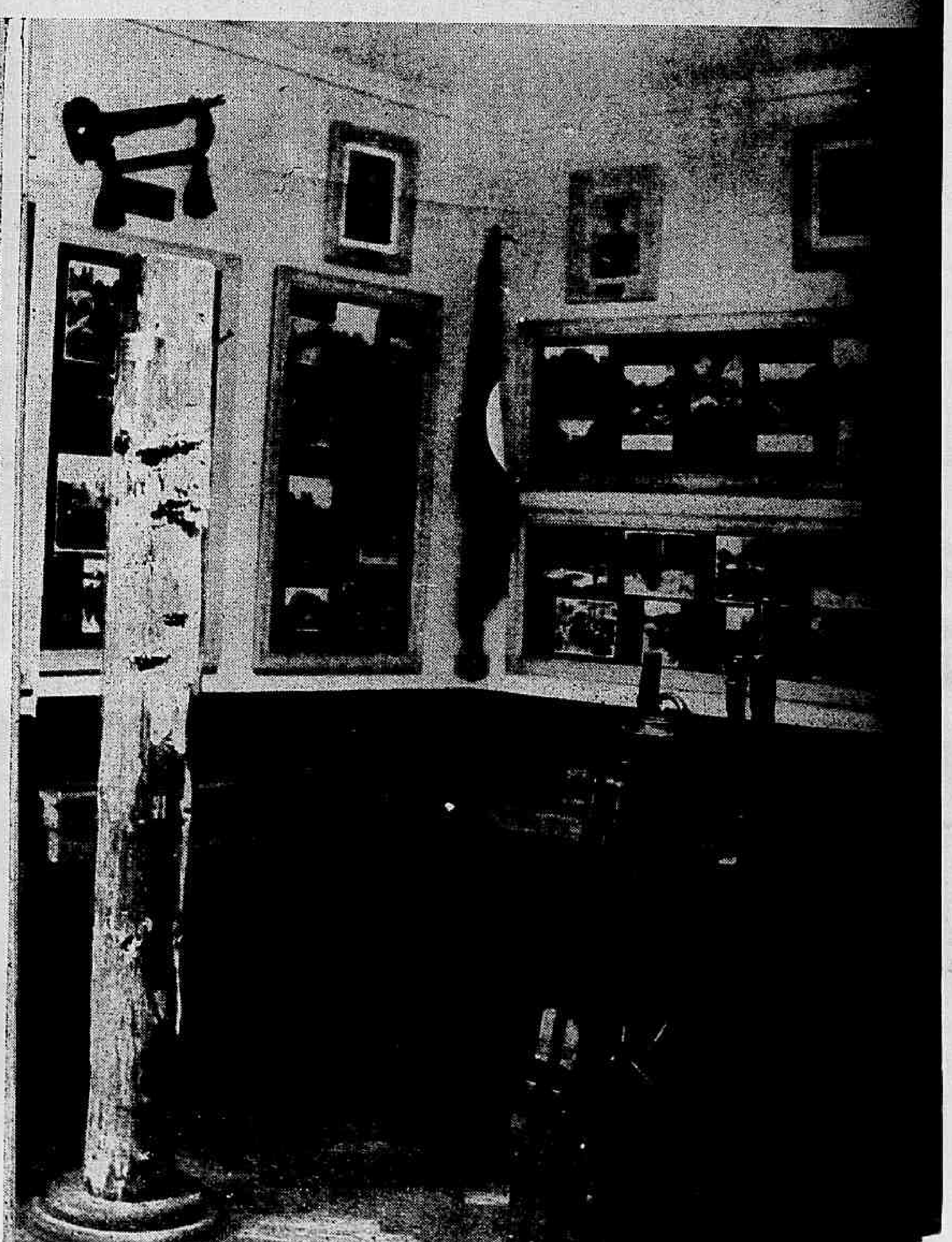
UM DOS ângulos do Museu da Polícia parisiense, vendo-se os instrumentos de suplício em miniaturas e quadros





Ao alto: O Sr. Mauricio, Diretor Geral da Polícia Municipal (à esquerda) e o Sr. Pellevoizin, Diretor dos Serviços Técnicos da Polícia Parisiense. A luta contra as contravenções é permanente. Aqui vemos um inspetor da Polícia examinando um cachimbo para ópio; em baixo: Curso de Polícia Técnico-Científica na Polícia Judiciária de Paris, com projeções cinematográficas, dirigido por peritos. Nesta seção do Museu da Polícia Parisiense, além de outros objetos, se vêem armas tomadas aos alemães pelos "partisans"





A carta MENTIROSA

O automóvel estacou junto à calçada. Um homem,, acompanhado de perto por um lindo cão, desceu. Suas roupas, fora da moda, não comunicavam o ridiculo, ao seu porte elegante a másculo. Tinha a pele, de um moreno avermelhado, sêca, que só as pessoas expostas ao sol e ao vento, adquirem. A cabeleira e o bigode grisalhos, brandavam seus traços um tanto duros.

O homem ficou parado junto ao portão, hesitando entrar. Sua fisionomia traía uma luta intensa. Sentia-se atraido, ao mesmo tempo que receava prosseguir.

A casa fechada, revelando abandono, tinha um quê de tristeza e indiferença, à vista de seu dono.

Após dez anos de ausência voluntária, Felix regressara. Dez anos viveu pelos mais longinqüos sertões, à cata de aventuras fortes em meio às matas virgens. Conviveu com as gentes simples, desprotegidas de nosso "hinterland". Dedicou-se de corpo e alma a elas, combatendo-lhes a ignorância, curando-as dos inúmeros males que as afligem. Seu objetivo único era minorar os sofrimentos alheios, para esquecer os seus.

Aquela vida em ambiente tão diverso, distraiu-o, deu-lhe a paz interior que havia perdido. Após dez anos, contraiu impaludismo. Com a saúde abalada, sentiu a nostalgia de sua cidade e de sua casa. Resolveu voltar...

Perdido em seus pensamentos, Felix esqueceu-se do lugar em que estava e do tempo que passava. Cabeças curiosas começaram a se mostrar nas janelas vizinhas. Isso decidiu-o a empurrar ô portão e entrar.

Um matagal espesso vicejava no local, onde outrora fôra um belo jardim. Só uma "bourgainville" tinha permanecido como marco de outros tempos. Tufos de suas flores rubras baloiçantes nos galhos, constituíam a única nota alegre a saudá-lo.

Cada passo à frente era o mesmo que um sôpro nas cinzas do passado... Existiriam ainda brasas sob elas?...

Tudo que julgava morto efervecia em seu coração. Sentiu as emoções antigas voltarem. A casa fôra cenário e testemunho de sua felicidade... Parecia que o ar que a envolvia estava impregnado pelo perfume das angélicas e dos cravos, como antigamente...

Uma idéia alucinante passou-lhe pela mente. Quem sabe tudo não fôra um sonho mau? Quando abrisse a porta Beatriz viria ao seu encontro, sorridente e linda! Felizes, bem juntos, haveriam de rir do sonho mau que tivera... Mas, o sonho se desfez ante as escadas cobertas de limo e da porta manchada de bolor.

Dominou com um gesto decidido e amargo aquelas recordações e tentou abri-la. A fechadura enferrujada resistia. Lembrou-se de uma janela ao lado, que nunca fechava direito. Tomou o lado do beco. Com um canivete foi cortando os ramos dos arbustos que obstruíam a passagem, e chegando à janela, forçou-a. Rangindo, soltando uma nuvem de poeira, ela cedeu. Jogou a mala e pulou para dentro. O cão, que em silêncio o acompanhava, imitou seu gesto. Um cheiro de môfo, poeira e umidade impregnava tudo. Teias de aranha passavam-lhe pelo rosto. Bichinhos — corriam pelo chão, a esconderem-se da luz.

Correu a abrir as outras janelas. O ar puro e a claridade entraram aos austos pela casa.

Sentiu-se meio estonteado e começou então a localizar os objetos outrora familiares. Tinha a impressão que uma voz o impulsionava — guiando-o pela casa, reavivando os fatos, os menores acontecimentos — ali desenrolados.

Na cozinha pareceu vê-la com seu aventalzinho pintado, de um lado para outro, a preparar-lhe surprêsas agradáveis. A sala vazia clamava por ela em seus intimos detalhes. Hastes escuras, cinzas de flores, ainda permanecim na floreira.

O quarto que fôra dêles, quantas recordações lhe trouxe... Mais do que nunca, ali sentiu sua presença... Objetos femininos ainda cobriam a penteadeira. Abriu o armário. Teve uma surprêsa: lá estavam seus vestidos, enfileirados nos cabides, como a esperá-la. O perfume que usava ainda impregnava o ambiente.

Uma interrogação formou-se em seu espirito. Por que aquelas coisas permaneceram ali? A dona não as levara?... Será que Beatriz não desejava ter consigo nada que fôsse dado por êle?

Puxou uma gaveta. As jóias lá estavam tôdas. Pôs-se a cismar... Parecia impossivel ter acontecido aquilo... Beatriz sempre aparentara ser tão feliz com êle! Dizia amá-lo com tôdas as fôrças de sua alma e, no entanto, mentira!... Fôra fútil e sem sentimentos, como criatura vulgar. A carta lá estava para provar.

Dirige-se para o escritório e tira da escrivaninha uma carta... O coração bate com fúria no peito, enchendo-lhe o rosto de calor. Sente um travo de amargura na bôca ao iniciar a leitura. Assim dizia:

"Felix: Seria dificil dizer-te, à viva-voz, o que há muito já te devia ter dito. Não mais o amo. Culpo isto sòmente ao abandono em que sempre me deixaste, para dedicar-se exclusivamente à tua ciência.

Quando reclamava, empurravas-me para cima de Henrique. Henrique, teu amigo de infância, mesmo que irmão, que me levasse a passeios e diversões. Tu, o grande cientista, não podias perder tempo com passeios e frivolidades de mulher. Sentia imenso. Desejava compartilhar da tua vida, um pouco mais do que me concedias...

Cheguei a odiar, detestar tua ciência que me roubava a ti. Não percebias nada. Sempre às correrias, fazendo tuas refeições às pressas, e regressando altas horas da noite.

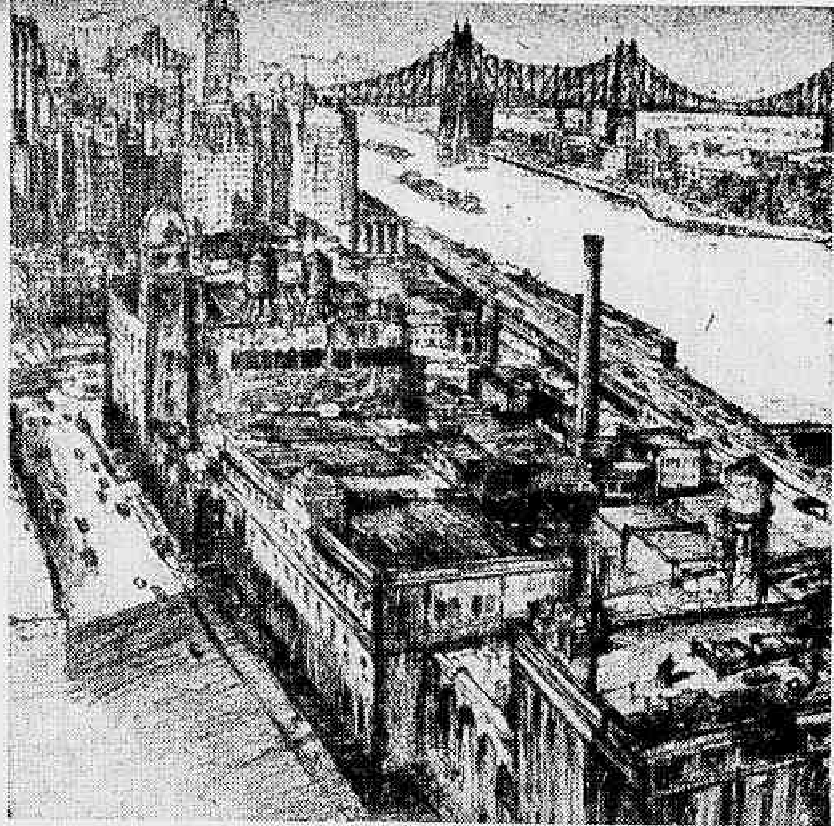
Com o tempo, adaptei-me àquela vida. Foi aí que o irremediável aconteceu: eu e Henrique descobrimos que nos amávamos. Tu nos lançaste nos braços um do outro. Lutamos o mais possivel contra êste sentimento. Cheguei a adoecer. Sempre com o pensamento ao longe, de nada desconfiaste.

Apesar de todos bons sentimentos que me animavam, tinha necessidade de teu auxílio. Tens a alma pura e bela, dedicada aos altos ideais da ciência, para compreenderes êstes sentimentos mesquinhos, terrenos, que habitam os corações do comum dos mortais; Eu e Henrique fomos tuas vitimas. Êle também sofreu horrivelmente! Por fim compreendemos que não podiamos fingir. Chegamos à conclusão que sofreriamos mais com a nossa separação, do que tu com a minha perca. A ciência há de consolar-te. Perdôa-me. Adeus. Beatriz."

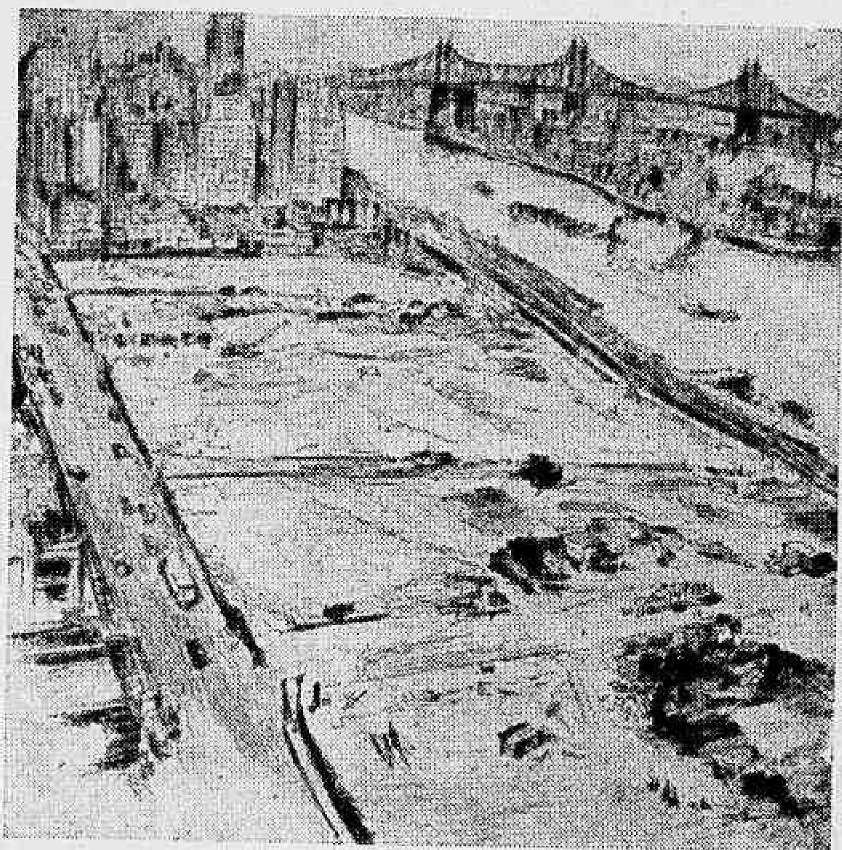
Felix sentiu as lágrimas nos olhos, chorou. Chorou como nunca o pudera fazer, nem há dez anos passados, no dia fatídico em que recebera aquela carta.

(*Cont. na pág. 50*)

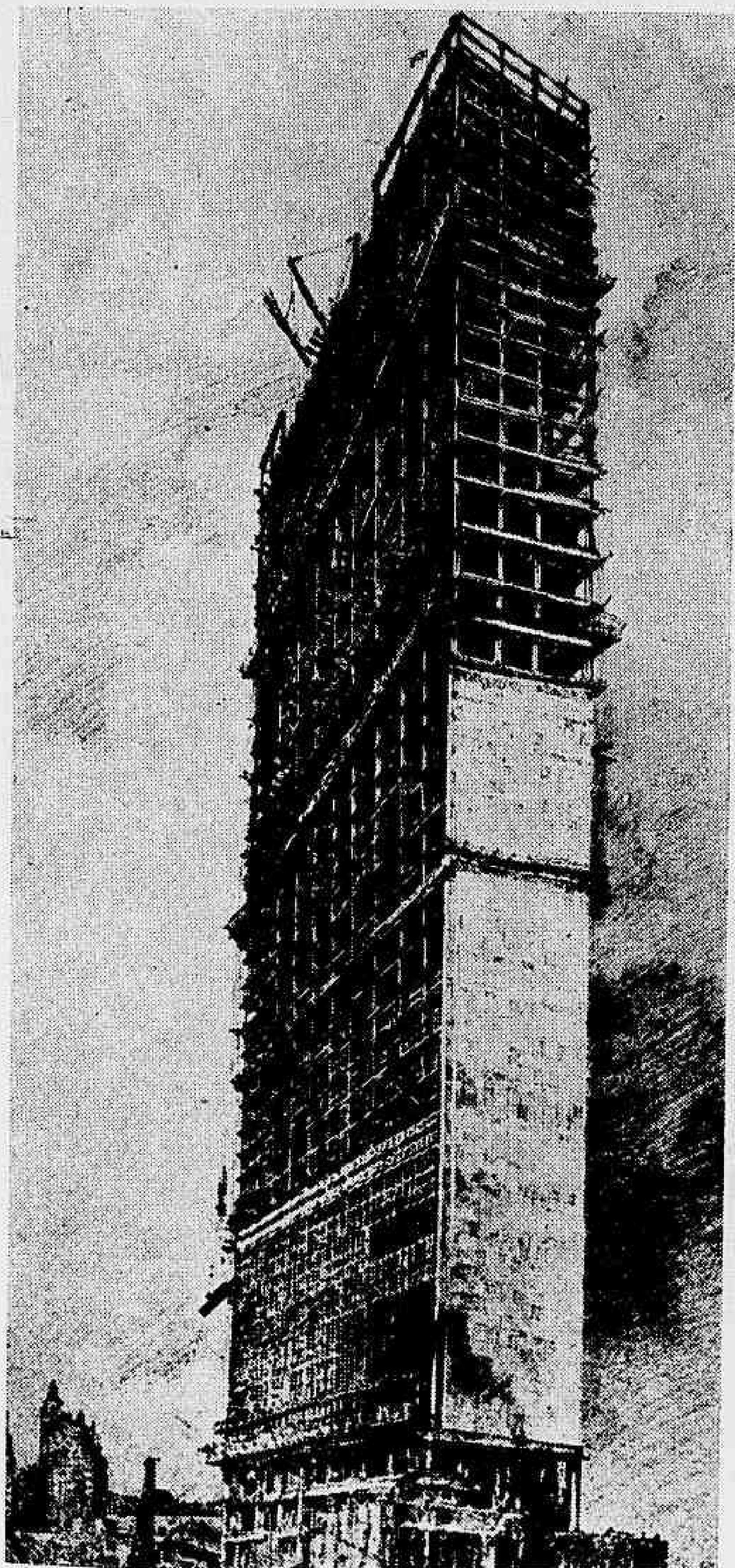
CONTO DE **MARIA DA CONCEIÇÃO GAMA**
ILUSTRAÇÃO DE **OSWALDO DA CUNHA**



Êste foi o local escolhido pelas comissões de construção da sede da ONU em Nova York, tendo-se demolido todo um quarteirão de velhos edifícios à margem do Hudson



Após a destruição completa de grande área edificada, os trabalhadores removeram o entulho que sobrava e prepararam o terreno para edificações, dois anos depois





Em 1952, segundo os cálculos dos construtores, será êste o panorama sôbre o antigo terreno aplainado em 1948. Edifícios em empolgante conjunto, num valor de 65 milhões de dólares, sede da Organização das Nações Unidas

A LUTA CONTRA A GUERRA

TRANSCORREU, faz poucos dias, o terceiro aniversário da fundação da ONU, ou seja, a Organização das Nações Unidas, com sede nos Estados Unidos. Para consolidar indestrutivelmente êsse sonho da humanidade, cujo objetivo é a paz internacional, as cinqüenta e nove nações vinculadas pelos desejos de concórdia universal, contribuem com suas quotas e prestigio para a construção da sede definitiva e monumental na cidade de Nova York.

O nome do Brasil se destaca neste momento em que já se aproxima de sua realização o conjunto de edifícios destinados à ONU, não sòmente porque somos também um dos países fundadores da mesma sociedade internacional, como pelo fato que muito nos honra de ter sido um arquiteto brasileiro, Oscar Niemeyer, um dos autores do projeto vitorioso.

Como devem estar lembrados os leitores, engenheiros civis de doze nações das mais civilizadas do mundo, concorreram com trabalhos de arquitetura para a escolha do projeto.

O Brasil entregou ao famoso Niemeyer a incumbência de apresentar seu plano. O jovem engenheiro empolgou a atenção de todos os seus colegas com a esplanação de sua teoria arquitetônica, sendo seu plano aceito pela comissão selecionadora, fazendo-se as necessárias adaptações em face de outros projetos, resultando daí o definitivo conforme as ilustrações que oferecemos aos leitores da REVISTA.

Desta forma o nosso país se alia às comemorações da data de nascimento da ONU e se sente orgulhoso por estar contribuindo moral, intelectual e financeiramente para a conquista de uma era que já se tornou abençoada entre todos os povos da terra amantes da paz e do progresso das nações.

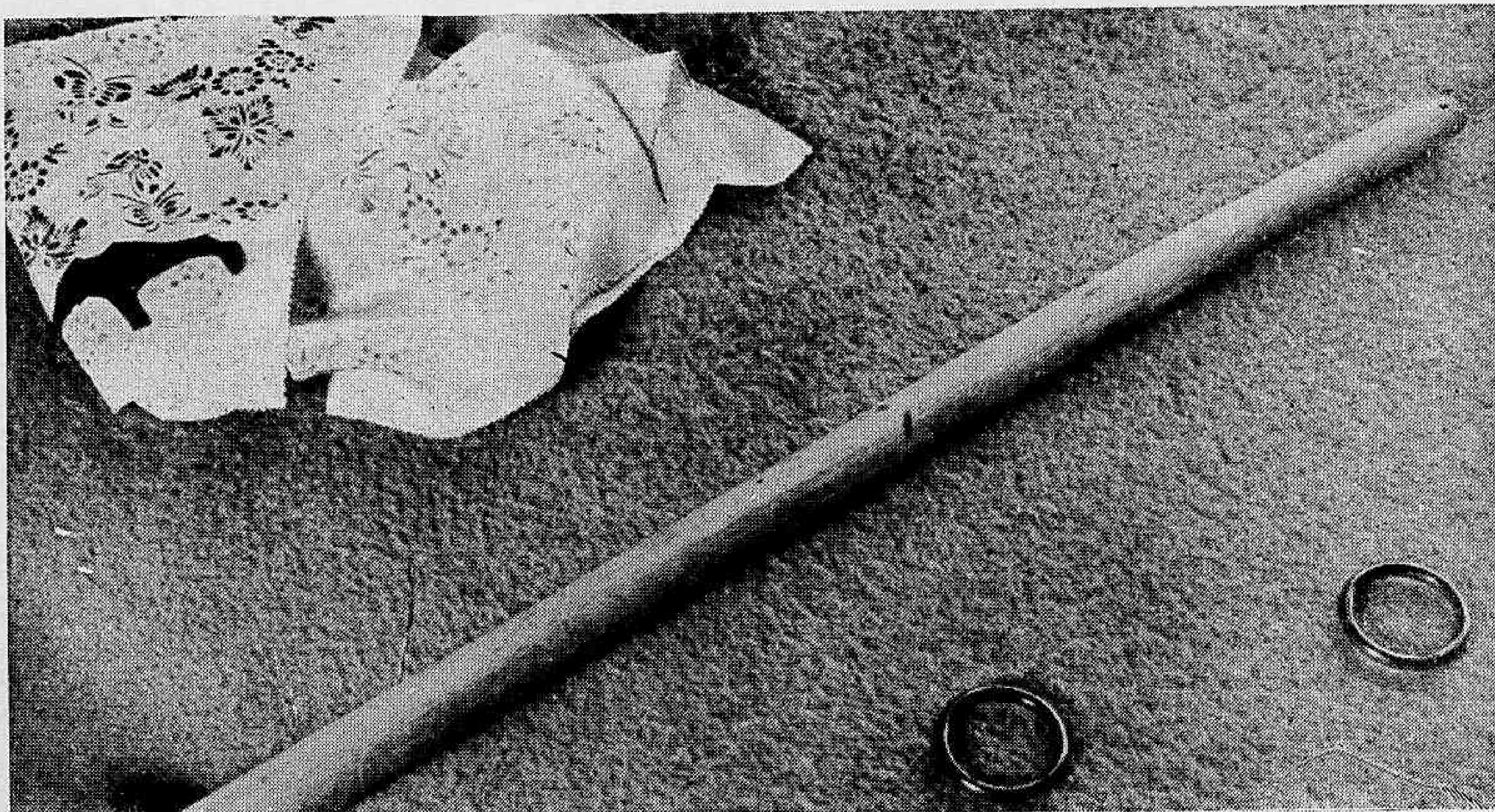
O mundo precisa manter a todo custo um organismo internacional em bases sólidas e exequíveis, a fim de que não venha a ver tudo destruído como sucedeu com a antiga Liga das Nações, nascida em Versalhes.

A ONU tem hoje cinqüenta e nove membros, em cujos ombros repousa tôda a estrutura da paz e da concórdia entre os povos na luta contra a guerra.

Êste monumental edifício de trinta e nove andares e que custará, depois de pronto, nada menos de 25 milhões de dólares, será a sede da Secretaria da Organização das Nações Unidas, belíssima construção de mármore e vidro

VOCÊ PODE TORNAR-SE UM GRANDE MÁGICO!

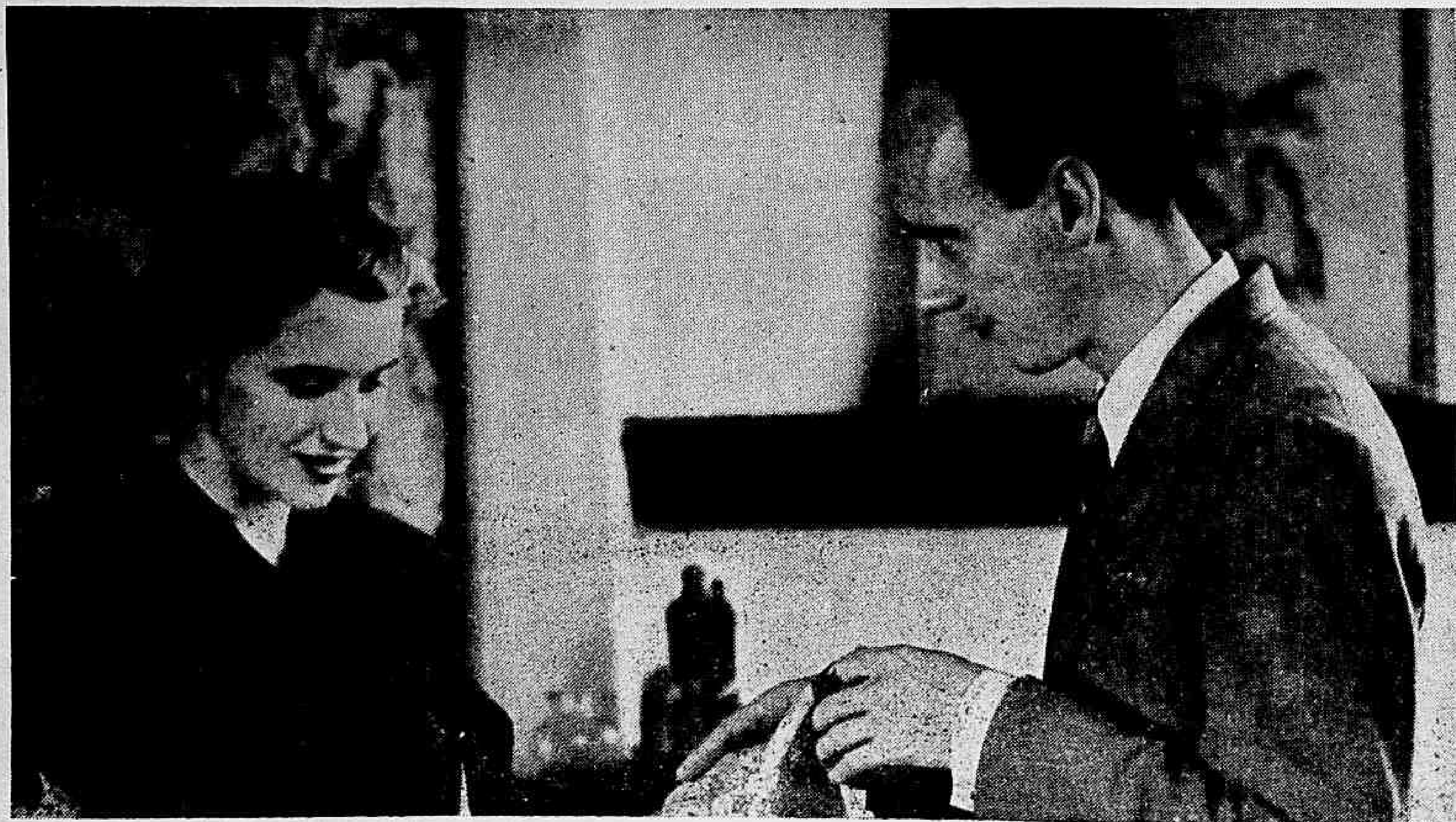
1 O ANEL NA BENGALA é um truque que pode impressionar qualquer espectador. Vá o leitor acompanhando atentamente o que passamos a explicar e, em seguida, munido dos "ingredientes", faça seus testes até ficar aperfeiçoado no manejo da mágica. Em primeiro lugar ponha um anel numa bengala ou numa vara segura em ambas as extremidades pelo espectador. Também se poderá usar, em vez de uma bengala, uma varinha de pescar, muito embora a primeira, isto é, a bengala, seja preferível, evidentemente.



2 E' indispensável que o exercício seja feito com paciência e a necessária atenção pela pessoa que deseja fazer "um bonito", e causar sensação aos que estão com os olhos num ponto da "mágica" enquanto as mãos do "mágico" manipulam o mistério noutra parte. Assim, use dois anéis ou argolas iguais. Oculte um dos anéis em sua mão. Ao mesmo tempo em que balançar a bengala de maneira natural, como a dar realce às suas palavras, enfie-o num dos extremos da bengala, preparando o que segue.





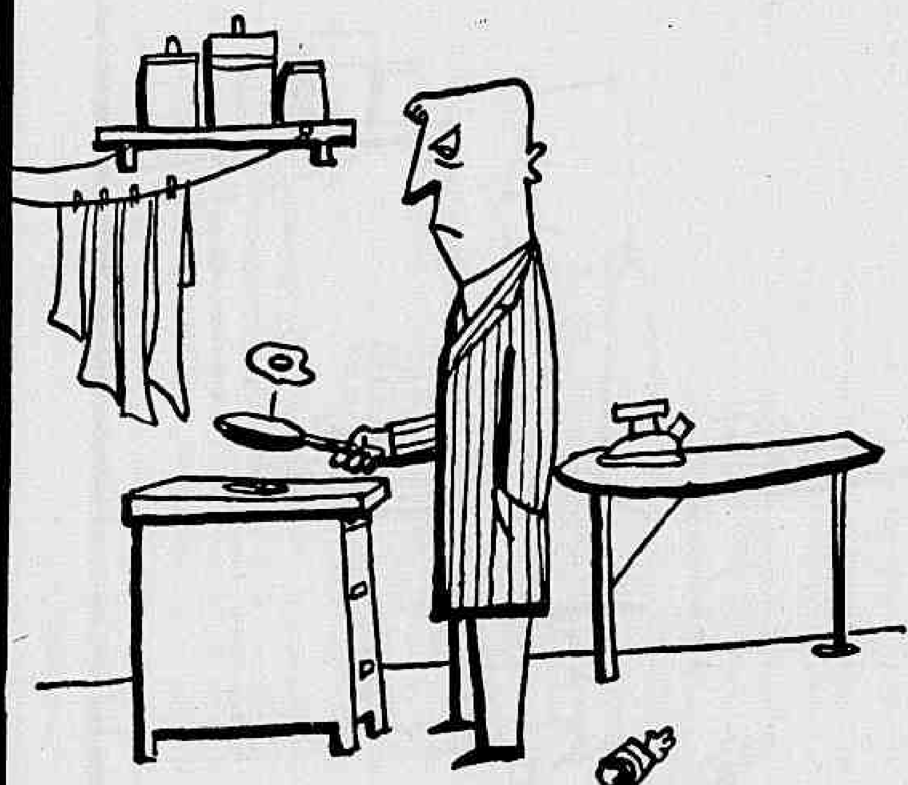


3 Segure o segundo anel e o lenço na outra mão. Deslisando a mão suavemente até ao meio da bengala, convide qualquer pessoa entre os assistentes para segurar ambas as estremidades. Coloque o anel visível entre os dedos de sua mão que está cobrindo o outro anel (na gravura isto é feito de maneira um pouco diferente, a fim de mostrar com tôda a clareza onde se encontram os anéis). Em tôda e qualquer mágica a agilidade e a "conversa mole" para distrair o público são importantes.

4 Ponha o lenço sôbre sua mão, pronuncie algumas palavras cabalísticas e puxe o lenço com o anel livre oculto em suas dobras. Ao puxar o lenço, dê um pequeno impulso ao anel que se encontra na bengala de modo que êle saia correndo sôbre a bengala. Isto não somente arrematará a exibição de maneira brilhante, como também lhe permitirá fazer desaparecer o anel que se encontra no lenço, enquanto a atenção dos espectadores está ainda prêsa ao pedaço de metal girando na bengala.

Nicodemus entôa um hino em louvor à

VIDA DE CASADO...



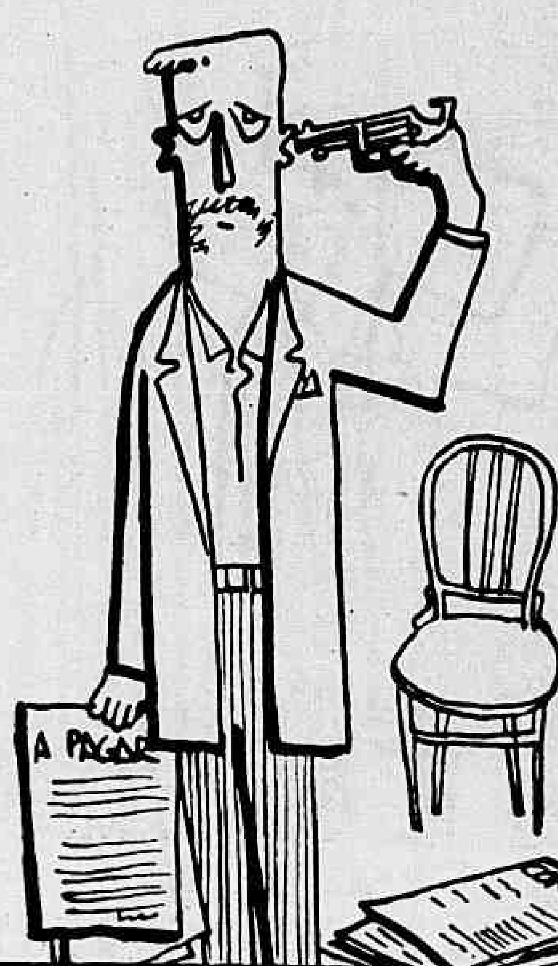
SER CASADO E'
DEPOIS DO EXPEDIENTE,
RETORNAR
AO HOME SWEET HOME
AO ACONCHEGO, AO CARINHO,
SABENDO QUE O ESPERA A ALMA ACOLHEDORA
DAQUELA QUE JUROU COMPARTILHAR
DO BEM
DO MAL ...

E' SENTIR NO ROSTO
A BRISA
BEMFAZEJA
DO AMÔR ...

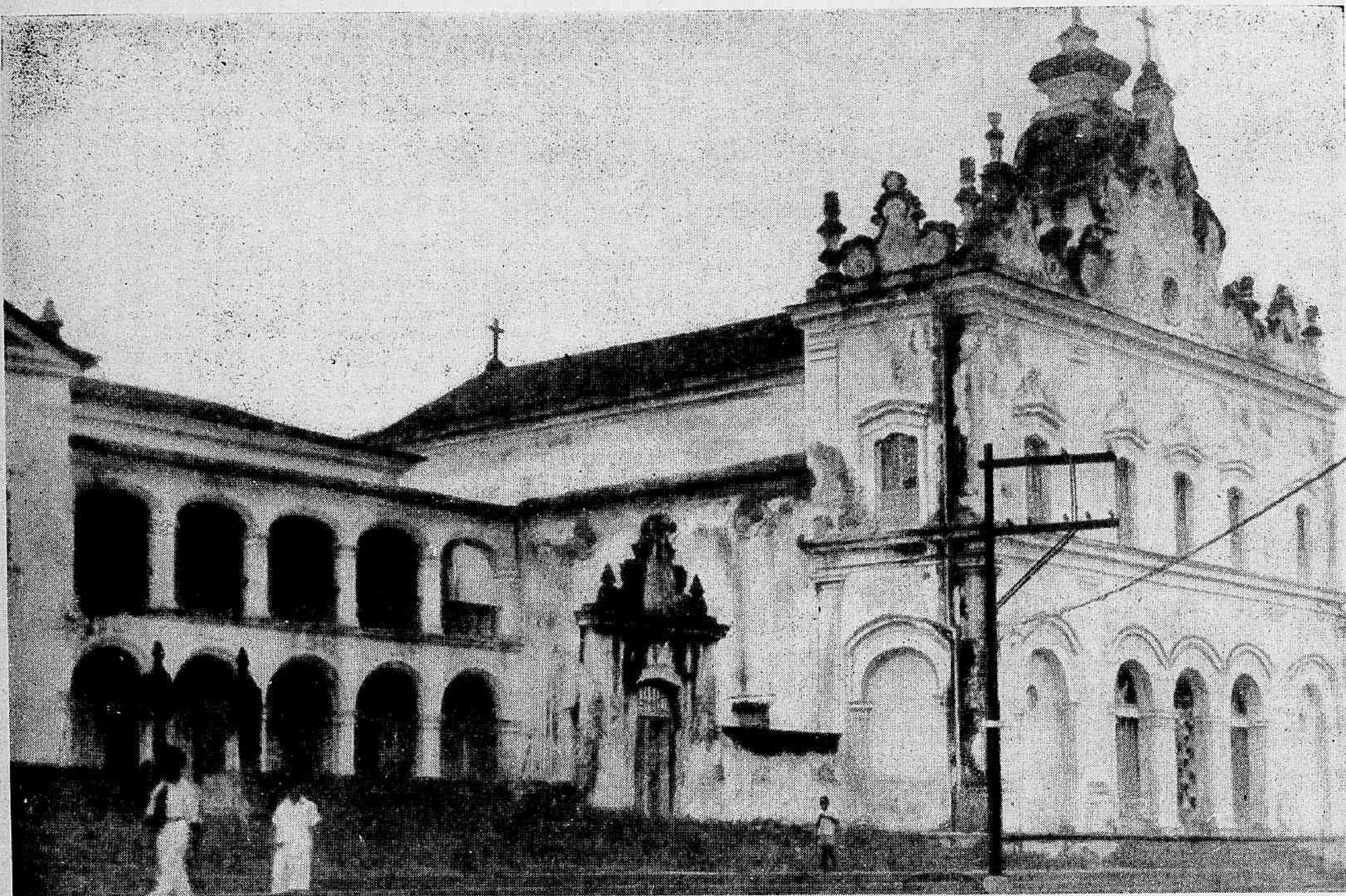


... E' OUVIR PASSAROS, ESTRELAS, A NATUREZA, ENFIM, EM SEUS GORGEIOS ...





SER
CASADO
E' POSSUIR
A
JOIA
DA ALEGRIA
DE VIVER ...



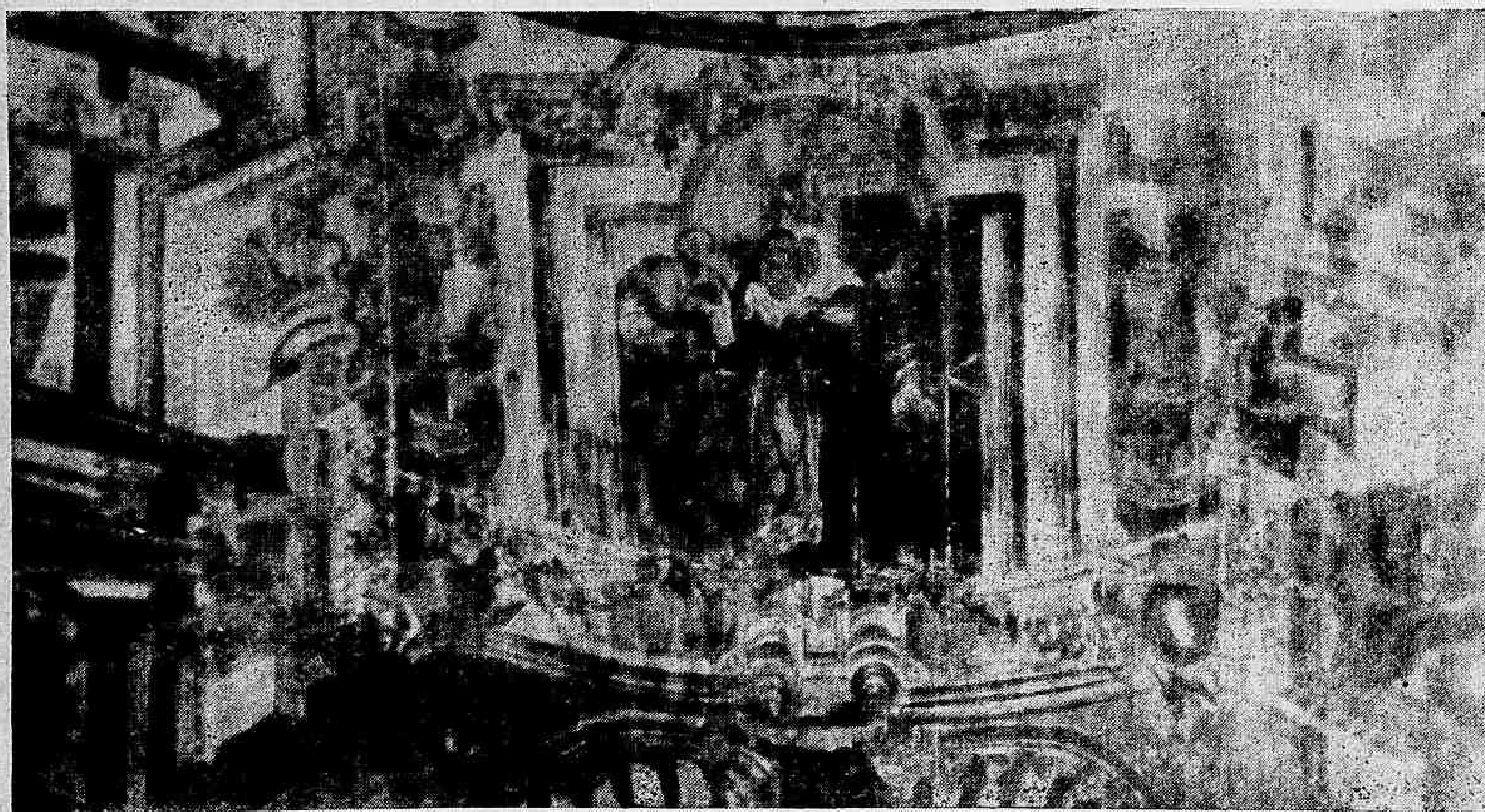
EM CACHOEIRA
Igreja de Nossa Senhora do Carmo, de onde, segundo a tradição, teria desaparecido uma preciosa imagem em ouro, de Santo Inácio, que estaria enterrada no subterrâneo que existia, partindo de Belém, mesmo no centro da igreja, mas um mistério impenetrável encobre o seu desaparecimento. O próprio subterrâneo, parece estar hoje desmoronado

MARCOS DA NOSSA FÉ

BELÉM DA CACHOEIRA ★ A POVOAÇÃO ★ O SEMINÁRIO E A IGREJA ★ UM EPITÁFIO CURIOSÍSSIMO ★ O SANTO DE OURO QUE DESAPARECEU ★ PAIRA, EM TUDO, A SOMBRA DO PADRE ALEXANDRE GUSMÃO

III

Antonio Loureiro de Souza
(Do Instituto Histórico da Bahia e Diretor do Arquivo Municipal do Salvador)



IGREJA-MATRIZ
Aqui está a vista parcial do fôrro da igreja-matriz, em Cachoeira, cidade de projeção na história da Bahia, e templo edificado pelo Padre Alexandre de Gusmão. Tôda a pintura do teto é digna de menção. Ali se encontram sepultadas ilustres figuras da época

COMO a cidade de Cachoeira, a cujo município pertence, o aprazível arraial de Belém tem um lugar destacado na história da Bahia. Quando das lutas em prol da nossa independência política, a sua contribuição foi valiosa. Dali desceu um pugilo de homens destemidos, sob o comando do coronel Rodrigo Brandão. Patriotas exaltados, foram juntar-se aos seus irmãos que, cansados do jugo lusitano, iniciavam as primeiras lutas, cujo desfecho vitorioso ocorreu a dois de julho de 1823. E' que Belém, prolongamento da heroica cidade, não poderia deixar de contribuir para abater os que lhe queriam cercear a liberdade e implantar um regime de opressão. Assim, foi de lá que partiu o grupo de decididos cidadãos, dispostos, todos, à refrega que se feria na cidade. Mas, não é só por isso que o antigo arraial de Nossa Senhora de Belém merece o justo destaque que tem nas páginas da nossa história. Essa povoação, hoje vivendo, apenas, do passado, em doloroso abandono até mesmo das administrações de Cachoeira, chamava-se, nos primórdios da formação do Brasil, Sigumudo, denominação de etimologia desconhecida. Posteriormente, nos meados do século XVII, o abnegado Padre Alexandre de Gusmão dava ao logarejo outro nome — Belém, sendo ali fundado, em 1686, um seminário, hoje desaparecido, e uma igreja, que ainda existe, bem conservada aliás, graças aos cuidados do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Em abono do que afirmamos acêrca da fundação, ali, pelos jesuítas, dirigidos pelo Padre Alexandre de Gusmão, do Seminário, e quanto ao ano de 1686, citaremos Aires Casal: "Obra de uma légua ao nordeste da Cachoeira, ou com pouca diferença, está a aldeia de Belém, assim chamada da invocação de uma capela, que nela há, resto de um Seminário que os jesuítas ali fundaram em 1686".

Outros depoimentos valiosos ainda existem, como seja o de Milliet Saint Adolphe: "Belém — aldeia da província da Bahia, fundada pelos jesuítas para dou-

trinarem índios. Está situada uma légua ao nordeste da cidade da Cachoeira, perto da Serra da Conceição. Sua igreja é dedicada a N. S. de Belém, e seus habitantes, quase todos índios, são obra de duzentos".

Encontra-se facilmente a razão por que resolveram os jesuítas instalar ali o Seminário, sabendo-se que Belém é um logarejo aprazível, de clima ideal e água pura, a que se atribue propriedades terapêuticas. Fica a 230 metros acima do nível do mar. O povoado assenta sôbre terreno ligeiramente acidentado e fica à margem de um rio chamado Pitanga, que deságua em Cachoeira. De alguns pontos descortina-se encantadora vista. Belém foi visitada, em 1695, por D. João de Lencastre, que gabou os encantos dos seus arredores. Ainda hoje, pela excelência do seu clima, é procurado o arraial por famílias das cidades circunvizinhas, que até ali vão retemperar as energias.

A IGREJA

Citemos, inicialmente, o que sôbre a Igreja já dizia Rocha Pita: "Com algumas esmolas, e com o seu laborioso cuidado, fabricou (referia-se ao Padre Alexandre de Gusmão) pelo seu desenho, suntuosa Igreja, a que deu o título de N. S. de Belém, e fêz os excelentes artefactos de retábulo, fabricado de fina e manchada tartaruga, e de várias pelas da Sacristia, e muitos presépios de diferentes materiais pelas suas mãos".

A fachada do tempo, embora singela, é de aparência imponente. Possue apenas uma tôrre, onde havia um relógio, posteriormente retirado para, afirmam algumas pessoas, a matriz da Cachoeira. A tôrre, assevera Pedro Celestino da Silva, foi reformada em 1849. Mede a nave, da porta principal ao arco cruzeiro, 22m,84 de comprimento por 10m,30 de largura. Pintura digna de menção era a do teto. Entretanto, como houvesse esmaecido pela ação do tempo, foi substituída por outra, absolutamente diferente e sem o esplendor da primitiva.

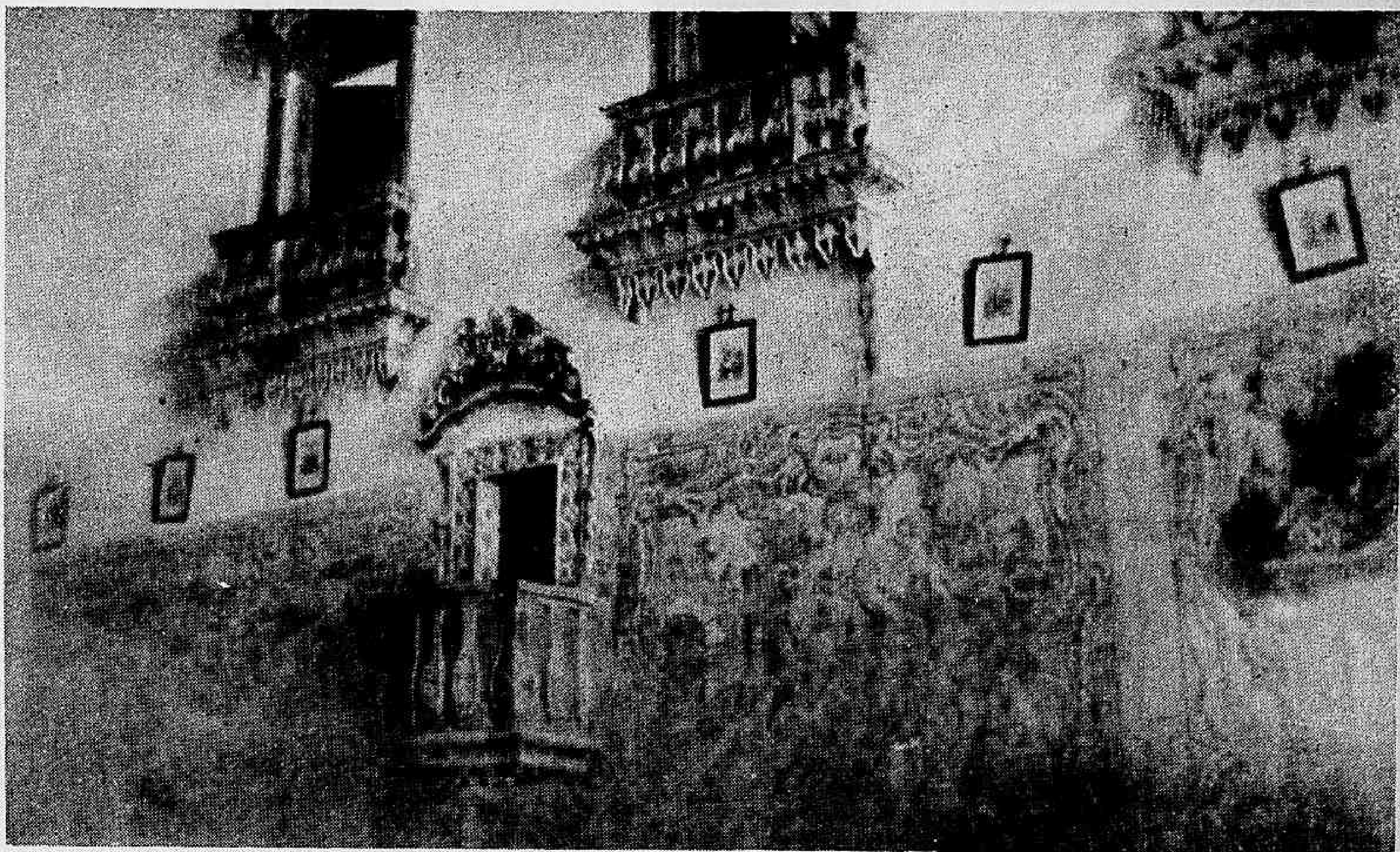
Das sepulturas existentes no interior do templo, sobressaem as seguintes: do Coronel de Cavalaria Antônio de Aragão de Menezes, Moço Fidalgo da Casa de Sua Majestade e de sua mulher D. Maria de Menezes, fundadores do Seminário.

"Diz a tradição que ali foi sepultado D. Fr. Manuel da Ressurreição, 3.º Arcebispo do Brasil, falecido a 16 de janeiro de 1691". Isto diz o pesquisador Pedro Celestino da Silva, que foi um dos mais dedicados conhecedores da história do recôncavo da Bahia. Todavia, compulsando a "Notícia Geral desta Capitania da Bahia", datada de 1759, da autoria de José Antônio Caldas, (original existente na Diretoria do Arquivo e Divulgação da Prefeitura desta Capital), às páginas 42, encontramos, sob o título "Notícia sôbre a Relação Eclesiástica": "Dr. Fr. Manuel da Ressurreição... Falece andando em visita em 16 de janeiro de 1691. Está sepultado no Seminário de Belém que administram os Padres da Companhia de Jesus". Há também a sepultura do Padre Alexandre de Gusmão e de outras pessoas de destaque na época ou que concorreram para a edificação do Seminário.

UM EPITÁFIO CURIOSO

Antes de passar pelas reformas de que mais carecia, feitas, como dissemos, pelo

(Cont. na pág. 51)



LENDA
Outra vista parcial do interior da Igreja-Matriz. No chão existiam lápides com epitáfios curiosos, mesmo alguns pitorescos. Uma delas diziam: "Aqui jaz Fulano d eTal, que, por suas virtudes conjugais, fêz em vida as delícias de sua esposa". Mas esta foi retirada



VILA DE BELÉM
No município de Cachoeira, encontra-se, em Vila de Belém, essa velha nave, conservando bem distintas as linhas dos antigos templos portuguêses. Se não existem trezentas e sessenta e cinco igrejas na capital baiana, como dizem, é provável que talvez sejam encontradas, numa estatística geral, percorrendo todos os municípios do grande Estado



O cr[illegible] casa, protetor [illegible]reiro onde mais tarde, noite alta, o candomblé será batido



VÃO BATER

Bater o candomblé é a expressão mais comum para anunciar que em determinado ponto, nos arredores da cidade, vai ser feito o culto com todo seu ritual. No topo do Engenho Velho, é onde êle melhor pode ser assistido, sempre que seus "animadores" assim o permitam, em autorização prévia. Agora, aqui, tudo é paz e silêncio. Mas logo, à noite...

VISITA AO CANDOMBLÉ NA BAHIA

Percorrendo os terreiros de Salvador ★ Quem é João da Goméa ★ Menininha, mãe-de-santo" com 126 quilos ★ Sacerdotisas e iniciadas ficam recolhidas no quarto aguardando a chamada dos "santos" ★ Soturnos atabaques "batem" noite e dia ★ O verdadeiro candomblé em Engenho Velho, Rio Vermelho de Baixo e de Cima ★ Pelo menos dezoito seitas ali existem

Reportagem de PAULO FABIO

— Estão batendo?

— Vai começar hoje à noite, no Matatu, mas o melhor é na Goméa.

Essa expressão "estão batendo" é comum na Baía de Todos os Santos e de quase todos os pecados. Significa que estão batendo os atabaques anunciadores de candomblés. O turista chega à Bahia e procura um motorista qualquer:

— Vamos à Goméa.

Não é preciso dizer mais nada. Êle já sabe que o destino é o terreiro de Joãozinho da Goméa, mulato simpático e sabidão, pai de santo número 1 da Bahia e sucessor de Jubiabá, que morava na Cruz do Cosme, amigo quase íntimo de Jorge Amado.

★

QUEM É JOÃOZINHO DA GOMÉA? — Antes de tudo é um nome de prestigio no terreno da magia negra. Dias antes, o compositor Valdemar Henrique, nome de prestigio no nosso mundo folclórico, me avisara:

— Não faça reportagem sem licença do pai de santo.

— Por quê?

— Não sei explicar. Mas o fato é que Humberto Pôrto compôs uns jongos "sem licença" e acabou num suicidio todo misterioso...

Mas vamos a Joãozinho da Goméa. Mulato claro, alto, simpático. Trinta e poucos anos de idade. Consta que uma portuguêsa cheia de dinheiro apaixonou-se por êle. "Pediu-o" em casamento. E depois, para desquitar-se, Joãozinho ia ganhar quase 700 mil cruzeiros. E' o que consta na cidade.

Como surgiu Joãozinho da Goméa, bailarino eximio, mestre de Eros Volúsia em algumas danças afro-brasileiras?.



SACRIFICIO

No interior, apoiada no chão, uma vela acesa. Fora, o galo é sacrificado, defronte da casa de Exu. Enquanto a ave está sendo submetida ao sacrifício, os atabaques batem forte e os cânticos são entoados. Lá dentro, os preparativos, porque a cerimônia vai estender-se até amanhecer e as iniciadas sujeitam-se, por sua vez, a outras exaustivas provas



ASSISTINDO
Êste é um ângulo obtido na sala e ocupado pelo auditório mais humilde, mas até as mais ilustres personalidades vão assistir ao candomblé. Embora êle seja "batido" alta noite, lá estão também as crianças. Que pensarão elas de tudo a que assistem?



ATABAQUES
Também os instrumentos são enfeitados para maior realce da grande função. Os atabaques, confiados a experimentados batedores, aguardam o tam-tam, até quando aparecer o sol, momento em que será feito o sacrifício de Agutan com os presentes



EM TRANSE
Mãe-de-santo em transe, com o rosto convulso, em vibrações nervosas. Nessa altura tem de sair do terreiro

Êle se chama João Alves Tôrres e nasceu na cidade baiana de Inhambupe. Tinha 13 anos quando foi para o Salvador, filho de mãe africana e pai baiano. Adoecendo gravemente, foi consultar Jubiabá, alto expoente da magia negra em todo o Brasil. O negro velho examinou o menino e aconselhou:

— Largue o armazém onde trabalha. Vou cuidar de você. Mas você precisa "fazer o santo", Joãozinho.

Goméa trabalhava num armazém na Cidade Baixa, chamado "Ao Bom Gôsto da Calçada". Largou tudo e ingressou nos terreiros. Foi iniciado sob os auspícios de Oxóssi, o caçador.

— Quando foi isso, Joãozinho?

— Posso dizer-lhe a data exata: 21 de Dezembro de 1930. A Revolução já havia vencido e eu já era pai de santo...

★

QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS ORIXÁS NA BAHIA? — Uma vendedora de cocadas da Ladeira do Pelourinho, mãe de Santo no Matatu, figura de prestígio no Terreiro Branca de Neve, me perguntou, mastigando um acarajé:

— Iôiô conhece os orixás?

— Mais ou menos.

— E os fetiches de cada um? E os alimentos sagrados?

— Conheço poucos.

— Pois iôiô, se quiser, tome nota.

E numa linguagem estranha, cheia de têrmos gêge-nagôs, disse mais ou menos o seguinte:

— Como orixás de maior importância, nós temos muitos que começam pela letra "O": Oxalá, Ogum, Oxóssi, Omolu, Oxun e Oxun-mauré. Existem outros, de outras letras, mas fortes, também. São Exu, Yemanjá, Ifá, Beji e mais uma porção.

— Todos têm significação?

— Claro que têm, meu filho. Xangô, por exemplo, corresponde ao relâmpago. Yemanjá, que os brancos acham a mais poética de tôdas as rainhas, representa a água salgada. E' a rainha dos mares, protetora dos navegantes. Ogum é a guerra, o ferro, o poder material. Há outros que significam a caça, a peste, o espírito do mal, a chuva, o arco-íris e tanta coisa mais. Quanto aos alimentos sagrados, a lista é grande também. Oxalá prefere a cabra e o pombo. Sim, porque, nos candomblés, há comidas para os "santos" e para os pais de santo. Já Xangô é engraçado. Come galo, tartaruga, bode e caruru. Ogun come muito mais: bode, cabeça de boi, galinha de Angola e galo. E há um que toma cerveja...

— No duro?

— No duríssimo. E' Locô, também conhecido por Irocô. Seu sexo e sua personificação não são muito divulgados,

(Cont. na pág. 50)



DANÇAM AS "FILHAS"
Depois da queda dos "santos", dá-se a entrada das "filhas", para mais tarde surgir o Cavaleiro da Pedra Preta. Elas dançam, com atitudes graves, solenes, mas em todos os semblantes reina a alegria e a fraternidade. Candomblé sempre foi a festa da união



NO TRONO
Enquanto Dona Menininha, a "mãe-de-santo", preside a solenidade, sentada no trono simbólico, elas bamboleiam, bamboleiam sempre, passam e repassam, fazendo graciosas evoluções no terreiro, ao som dos cânticos entoados pelo côro e os instrumentos





BABALAÔ!
O chefe do terreiro, Babalaô (Menininha), pesa cento e vinte e seis quilos; Mas quando ela ajuda a bater, confunde-se com as iniciadas e ninguém lhe leva a melhor. Não há cansaço, nem intervalos, porque ela tem de servir de exemplo às demais

INICIADA
A iniciada tem de prosternar-se diante da mãe-de-santo, que permanece indiferente no seu trono. Ela recebe as honras das sacerdotisas e é quem administra a casa. Nada se faz sem sua aprovação. Estas fotos foram obtidas só depois do seu consentimento

EXU!
E o pai-de-santo, Joãozinho da Goméia, acolitado pelo "assobá", rega com o sangue de "akikô", o fetiche de Exu. Sangue sagrado, respingando do galo pouco antes sacrificado, sem o qual nenhum rito seria considerado perfeito nas grandes cerimônias da noite

TUDO E' SOTURNO
Em frente ao "assento" de Exu, os três atabaques soam em homenagem ao "embaixador do mal". Todos sentem a miraculosa influência dos deuses negros que atendem aos chamados soturnos dos atabaques — e nesse dia bateram até 1 da tarde seguinte







OXOSSI!

Duas evoluções do bailado de Oxossi, o santo caçador, encarnado por Joãozinho da Goméia, figura popularíssima nos candomblés da Bahia. Ao centro, outra fase do ritual, com o aproveitamento do animal que também será sacrificado. A quilômetros de distância já se ouve o bater surdo dos atabaques, tambores de madeira, de 50 centímetros de diâmetro, com altura variável. E' a grande hora









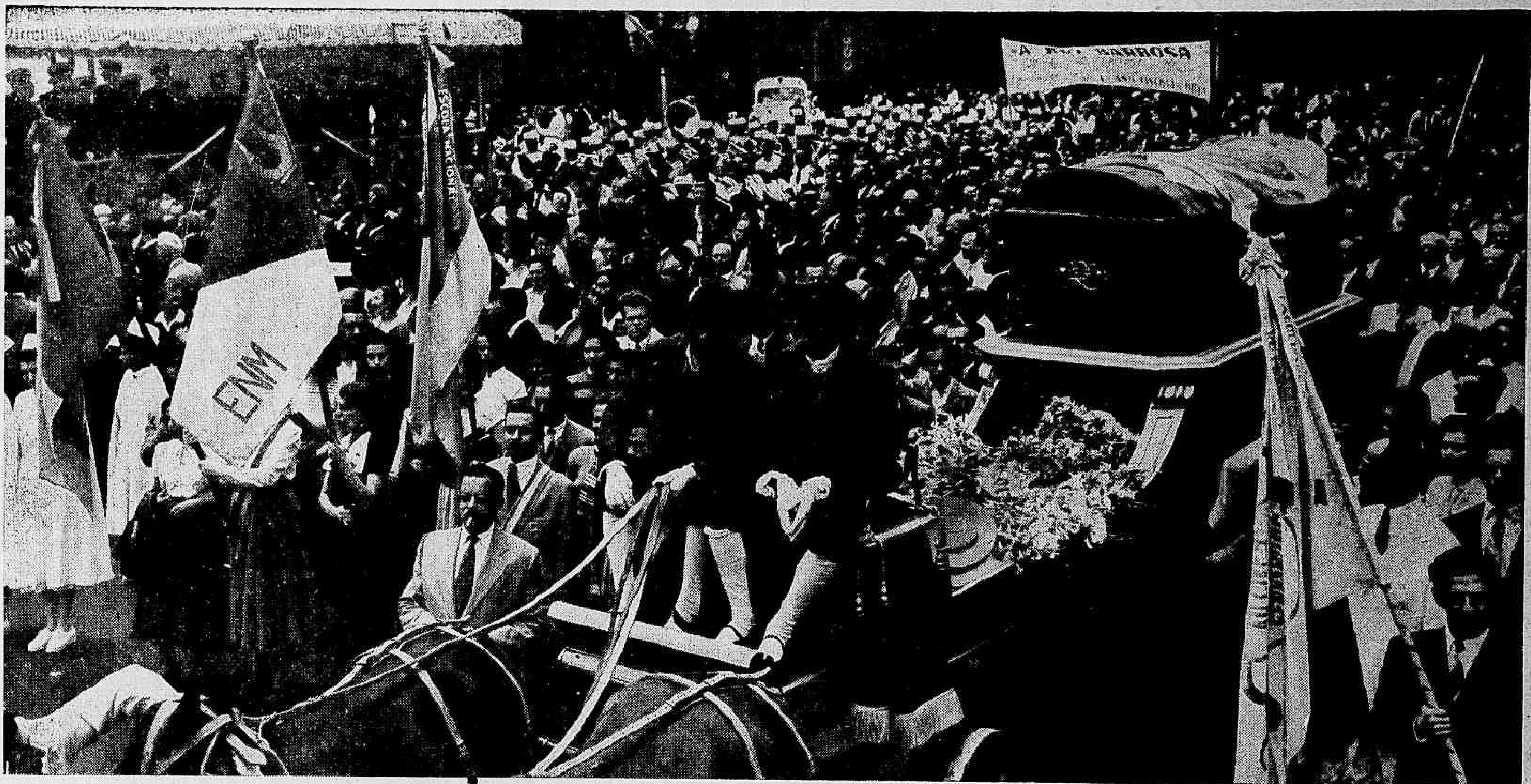
OMULU!

Omulu com seu capacete de fibra, acompanha Oxossi nos passos extravagantes do ritual, como se vê acima. Em baixo, o "cavalo" do pai-de-santo dominado pela maior possessão fetichista. Foi sôbre Joãozinho da Goméia, o pai-de-santo famoso da Cruz do Cosme, que Jorge Amado se inspirou para escrever "Jubiabá". Seu nome, fora do candomblé é João Alves Tôrres, pelo qual poucos o conhecem





A urna contendo os restos mortais de Ruy Barbosa, quando embarcada da carreta do Exército para bordo do cruzador "Mariz e Barros" que a conduziu para a capital baiana no mesmo dia



O último adeus dos cariocas ao maior jurista do país, constituiu um acontecimento inesquecível nos anais da história do Rio de Janeiro. A trasladação dos restos fúnebres da "Águia de Haya" arrastou uma multidão incalculável pela densidade de seus aspectos humanos, vendo-se, desde as mais altas autoridades aos mais modestos homens do povo

A ÚLTIMA VIAGEM DE RUY

OCORRENDO êste ano, a cinco do mês em curso, o primeiro centenário de um dos maiores nomes de nossa Pátria, — Ruy Barbosa, desde maio do ano corrente o nosso Congresso Legislativo havia considerado essa data como de reverência nacional.

Ruy era filho da Bahia, e, embora a maior parte de sua existência êle a houvesse passado no Rio de Janeiro, onde se fixou logo após sua formatura em Direito pela Faculdade de S. Paulo, nada mais justo do que conceder ao seu torrão natal o direito de guardar em seu seio os restos mortais do imortal brasileiro.

Assim, a 3 de novembro, com imenso acompanhamento humano, passando entre fileiras de tropas, sob salvas de canhão e bandeiras escolares, a urna contendo os seus despojos fúnebres seguiu em carreta até ao cais do pôrto e ali embarcou no cruzador "Mariz e Barros" em demanda da Bahia.

Uma flotilha de oito belonaves se fêz ao largo a fim de escoltar o "Mariz e Barros" em sua chegada à capital da Bahia, onde o govêrno e o povo aguardavam o seu grande morto.

No Rio, êste último adeus dos cariocas ao maior vulto de nossas letras jurídicas, ao paladino das liberdades políticas, ao homem que elevou o Brasil em Haya a tão grandes alturas que todo o mundo nos viu, foi maior do que no próprio dia de seu enterramento, em março de 1923.

Era como se o nosso povo quisesse mostrar a Ruy Barbosa que jamais esquecerá os seus ensinamentos, seus exemplos de patriotismo, seu imenso saber.

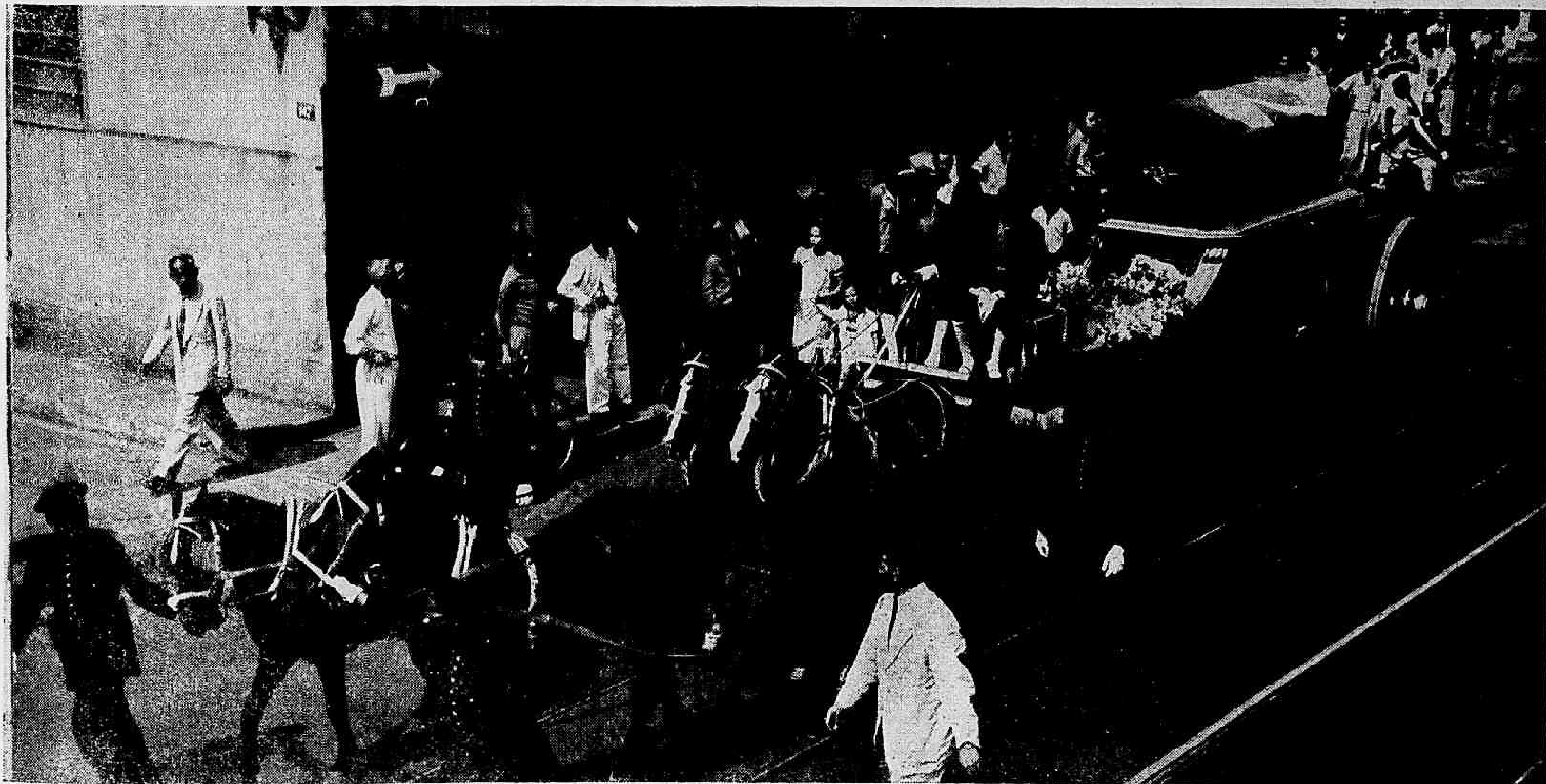
Durante o cortejo muitos oradores falaram, dentre êstes o Ministro da Educação, o Sr. Pedro Calmon, o Ministro da Marinha, entre expressões de solidariedade do povo a Ruy Barbosa, cujas idéias democráticas continuam a ser mantidas vivamente em todos os espíritos que desejam o progresso espiritual do país.

A cidade inteira se movimentou para ver o desfilar do cortejo da reverência e da saudade, da gratidão e da solidariedade à memória daquele que sempre manteve sua vida como uma reta entre o Direito e a Justiça.

Ruy, paradigma de probidade e saber, era como um raio de sol sôbre a terra.



O Sr. Ministro da Marinha ao receber das mãos do povo a urna com os despojos do grande morto, pronuncia o seu discurso



O cortejo com os restos mortais de Ruy Barbosa, ao sair na Praia de Botafogo, vindo da rua S. Clemente, desfilou entre alas de fôrças de exército, sendo saudado por uma bateria de peças de artilharia e filas de tropas que lhe renderam honras de Chefe de Estado. O povo, escolas de todos os gráus, colégios, ministros, clero, foram render-lhe homenagens

O RELÓGIO ANTIGO

Novela de ROMEU M. CABRAL

JÁ havia um mês que eu chegara à quela cidadezinha obscura e triste. A cidade, se é que assim se pode falar, era um aglomerado disforme de casas apressadas, de ruas esburacadas e forradas de mato. A iluminação muito precária tornava quase irreconheciveis, à noite, as pessoas e as coisas. As casas mesmo possuindo pendentes onde oscilavam lâmpadas elétricas, em geral, utilizavam lampeões. O lugarejo, contudo, denotava efervescente movimento e agitação comercial e quase tôda a sua população era constituida de gente aventureira, sequiosa por dinheiro e oriunda de todos os quadrantes.

O aspecto da cidade era rude e tinha qualquer coisa de primitivo. Uma rua comprida, empoeirada se estendia interminável, ladeada de casas comerciais e botequins em profusão desconcertante. No centro abria-se uma clareira, onde se via uma igrejinha suja, soltando o rebôco das paredes. Em tôrno dela apareciam canteiros pisados, cobertos de grama ressequida. Árvores esqueléticas e calcinadas pelo sol impiedoso, derramavam sombras difusas no chão. Um sol dardejante martirizava eternamente a população sempre empapada de suor. Defronte da pracinha abandonada ficava o hotel. Era um casarão de tijolos, grosseiro, onde os adventicios, os funcionários públicos, as professorinhas do Grupo Escolar e alguns rapazes empregados no comércio se hospedavam.

A principio eu ficara contundido de decepção. Esperava encontrar um lugar que a minha fantasia me indicara como o ideal para principiar a vida e, no entanto, estava num covil de aventureiros e segregados, por assim dizer, da civilização. Aos poucos, porém, fui me habituando com o lugar e dentro de algum tempo já me sentia mais confortado e disposto. O hotelzinho era alegre e divertido, sempre animado pela conversação alacre dos pensionistas. E como as noites fôssem escuras e lugubres e não houvesse divertimentos de outra espécie a não ser o clubezinho insignificante, perdido num recanto afastado, e, que s' funcionava por ocasião dos bailes improvisados ao som de orquestras desafinadas, os pensionistas, as moças e os rapazes, se reuniam no salão do refeitório e lá conversavam ruidosamente, inventando trapaças e brincadeiras intermináveis.

Os pensionistas nada tinham de extraordinário. Era gente comum lutando, heròicamente, na esperança de compensações que, intimamente, sabiam não viriam nunca. Um dêles, apenas, desde logo, despertou-me a curiosidade. Era um cinqüentão esguio, alto, comprido, de busto levemente arcado, um conversador inveterado e que parecia ser uma figura muito apreciada tanto pelos rapazes como pelas moças. Usava óculos de lentes espessas e de aros de tartaruga. Apresentava-se sempre bem asseiado, de barba rigorosamente raspada, envergando um terno de casemira azul-marinho, camisa branca de colarinho irrepreensivel e gravata de côr berrante, o que constituia um contraste ostensivo. Tinha uma cabeleira branca, esvoaçante e a pele era levemente tisnada e bastante rugosa. A fronte estreita se confundia com um principio de calva lustrosa. Os olhos denotavam uma expressão suave e se comprimiam quando êle fixava os interlocutores. O seu aspecto era agradável e de certa maneira tinha um porte soberbo, lembrando a figura de um artista. Tinha uma excentricidade que parecia divertir os pensionistas, da qual, aliás, mofavam com freqüência. Era um relógio de feitio antigo, grandalhão, que trazia prêso à calça através de uma grossa corrente de prata enegrecida. Tôda vez que o retirava do bôlso o fazia com uma certa dificuldade devido ao seu tamanho descomunal. De vez em quando ouvia-se um dos pensionistas gritar:

— Oh! "Seu" Gaspar, quanto marca o ante-diluviano?

Êle sorria exibindo dentes enormes e ralos e atendia desconhecendo o propósito maldoso dos pensionistas.

Tôda vez que entrava no hotelzinho, vindo da rua, o fazia triunfalmente. Dirigia-se a todos, saúdando ou dizendo coisas engraçadas. Trazia sempre uma pasta e alguns dias depois, tratando com êle, soube que se dedicava ao negócio de terras no vizinho Estado de Mato Grosso. Tornámo-nos amigos quase que instantâneamente. Saiamos a passeios longos pela cidade ou pelos seus arredores e êle se mostrava sempre muito solicito e atencioso. Falava com um certo entusiasmo das possibilidades daquele simulacro de cidade brotada como por encanto no recesso do sertão, embora sempre frizasse que muito brevemente voltaria para junto de suas propriedades, onde tencionava findar ós seus dias. Referia-se com uma ternura quase envolvente às mocinhas da pensão, as professorinhas, jogadas naquele fim de mundo, longe das familias e, desde o principio descobri a inequivoca simpatia que nutria por uma delas, de nome Cecilia. Era uma mocinha delgada, miúda e que aparentava ser a mais idosa de tôdas, isto é, ter, seguranmente, uns vinte e seis anos de idade. Não era bonita, mas tinha uma irradiante simpatia. Muito timida, vivia ensimesmada, quase nunca se envolvendo nas conversas das companheiras, limitando-se a rir e, assim mesmo, tolhida pelo acanhamento indisfarçado. À medida que os dias se passavam veririquei que ela também o apreciava e, muitas vêzes, os encontrei conversando sossegadamente, no refeitório ou nos bancos tôscos, de madeira da pracinha triste e abandonada.

Quando êle soube que eu me fechava no quarto para alimentar a minha veleidade literária, dedicando-me a composição de histórias, seu rosto pareceu iluminar-se. Aquilo deve ter-se-lhe afigurado como uma coisa extraordinária, e, realmente o era, naquele fundo de sertão onde todos só pensavam no dinheiro. Aos poucos verifiquei que êle tinha uma boa cultura e sabia discorrer com facilidade e segurança sôbre os mais variados assuntos.

A nossa amizade foi evoluindo até que um dia redundou num acontecimento notável e surpreendente.

Aquêle dia amanhecera escaldante e insuportável. Os raios dardejantes do sol reverberavam implacáveis. Fôra um dia exaustivo e asfixiante. A noite, em conseqüência, estava abafada. Logo após o jantar os pensionistas se dispersaram a procura de lugares mais frescos e ventilados. Acompanhado do velho rodamos também pelos bares da cidade, bebericando refrigerantes insôssos, depois pusemo-nos a vagar pelas ruas e, finalmente, aboletamo-nos no jardim. Da terra vinha uma quentura detestável. No céu um dossel de estrêlas faiscava. Gaspar tinha um aspecto estranho que me desconsertava. Havia inquietude nos seus olhos. Não falava com a mesma naturalidade. Sugava o cigarro com desespêro. As mãos se contorsiam e tive a impressão que evitava deliberadamente os meus olhos. Estava perturbado por alguma idéia obsidente e isso transparecia claramente na sua atitude. A cabeleira grisalha estava desalinhada e a fronte salpicada de suor. Sùbitamente êle levou a mão ao bôlso, sacou o relógio grandalhão e quedou-se a observá-lo, acariciando-o com os dedos finos e longos. O dôrso cortado de arabescos do relógio monstruoso era escuro e gasto. De repente veio-me a idéia de que o seu estado de espirito se relacionava com aquêle objeto e cheguei a pensar que êle encerrava alguma história pungente. A curiosidade cresceu e rompi o silêncio pesado que se fizera entre nós e perguntei, constrangido.

— Alguma reliquia, êsse relógio?

Êle sobressaltou-se como que apanhado em flagrante, fixou-se por alguns momentos, estendeu os olhos para a escuridão e exitava francamente em responder à minha pergunta. Notei que desencadeara uma tempestade. Depois êle falou sem me olhar.

— Uma história terrivel!

Eu senti um choque, com a revelação intempestuosa e brusca.

— Sim, uma história que nunca revelei a ninguém. A história dêste relógio é a própria história da minha vida. Uma vida malograda, compreende?

Falava de sopetão e parecia terrìvelmente inibido. Depois irrompeu tumultuosamente, como estivesse se aliviando de algo há muito recalcado e a custa de ingentes sacrificios.

— Uma mulher! Não era uma mulher linda. Não! Mas tinha a candura de uma santa, embora eu a tivesse encontrado num lugar baixo e horrivel. Eu era estudante, nessa ocasião. Cursava o terceiro ano de engenharia e dedicava-me com entusiasmo ao estudo. E mesmo sendo de familia bastante rica era um rapaz sossegado e avesso aos vicios tão comuns à mocidade. Vivia isolado no meu quarto, debruçado nos livros, procurando mitigar uma insaciável sêde de conhecer que me empolgava. Tinha idéias avançadas, modernas e um idealismo escaldante. Isso me colocava em choque com a minha familia afogada nas tradições e num remanescente de nobreza estulta e pretensiosa. A casa dos meus pais tresandava a môfo, a coisas sediças. As paredes maciças do solar soberbo, de estilo antigo, eram farrodas de figuras horrendas e desbotadas, os antepassados, que meu pai olhava com ve-

(Cont. na pág. 52)

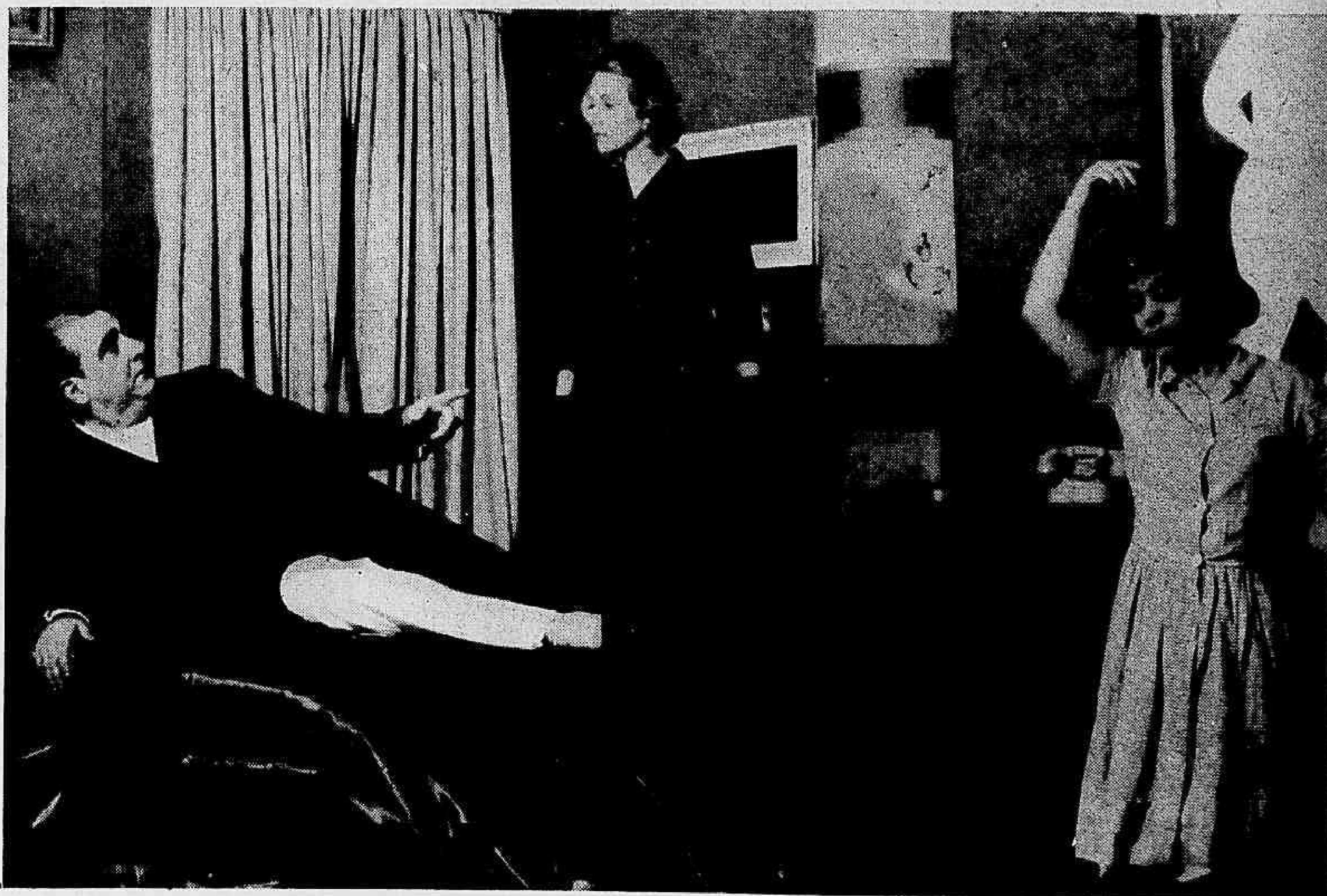




O AMOR COMPENSA TUDO

A COMPANHIA JAIME COSTA ESTA APRESENTANDO, NA "ALVORADA DOS NOVOS", A COMÉDIA EM TRÊS ATOS, "O AMOR COMPENSA TUDO", DE AUTORIA DE LEONOR PORTO

1 O Dr. Darci (Arlindo Costa) possue uma garconnière que vai deixar, por algum tempo, entregue ao amigo Rômulo (Jaime Costa). Antes de fazê-lo, telefona para a Dra. Minerva (Heloísa Helena), cujo consultório está no andar de baixo. Propõe-lhe, mais uma vez, corresponder às suas propostas de amor, pois apesar de casado e com filhos, está separado da esposa, e a Dra. Minerva é solteira e independente, não deve contrariar a natureza que lhe impõe deveres de mulher. Ela persiste na recusa. O Dr. Darci adverte a então de que na sua ausência ficará tomando conta da garçonnière um amigo dele, advogado, ricaço, e habituado a conquistar qualquer tipo de mulher. Ela será mais uma vez uma de suas vítimas.



2 À chegada de Rômulo (Jaime Costa), Darci aposta que nada conseguirá nos seus ataques donjuanescos à Dra. Minerva. Rômulo aceita a aposta e toma conta da garconnière. Maria (Sueli Rios), a espevitada empregada, vem se oferecer para trabalhar para Rômulo assim como o fazia para o proprietário da casa. Inesperadamente, aparece Lulu (Déa Selva), uma das amantes de Rômulo, que aos poucos fica sabendo que é casada, tem dois filhos e o marido, ciumento, seguiu-a, armado. Maria a empregada, volta para avisar que um velho muito nervoso, parou em frente ao edifício e entrou. Lulu, assustada, para não ser surpreendida, refugia-se no consultório da Dra. Minerva.



3 O Velho (Aristóteles Pena) entra e, com a desculpa de querer comprar o apartamento, revista-o. Não encontrando a mulher, que se escondeu no andar de baixo, desabafa e conta o seu caso. Já idoso, casou-se com Lulu, viuva jovem e bonita, pela qual sente um amor cada vez maior, que o torna um ser ciumento e desesperado. Rômulo consola-o e diz que talvez ela tenha ido se consultar com a Dra. Minerva, no mesmo edifício, porém no andar em baixo. E' possível até que tenha uma boa notícia para lhe dar. O velho será pai. Esta palavra comove de tal maneira o ancião, que desmaia de alegria, obrigando Rômulo a chamar a Dra. Minerva (Heloisa Helena) para socorrer o infeliz.



4 A médica atende e anima o pobre velho, que sai agradecido, transbordando alegria, pois pensa que vai ser pai. Rômulo, fascinado pela Dra. tenta retê-la e declara-lhe o seu amor. E' repelido, dizendo-lhe a Dra. que o único amor para ela é a medicina, e que está vacinada contra os homens. Rômulo, despeitado, prepara-se para tomar banho e vai acender o aquecedor. Provoca uma explosão que o chamusca no rosto. Volta à Dra. Minerva, atraída pelos gritos da empregada, desta vez para cuidar do próprio Rômulo. Êste, apesar de recostado na cama, procura seduzir a glacial médica. É desprezado com palavras ainda mais ásperas, que lhe robustecem o desejo de conquistar aquela mulher.



5 Na presença da primeira mulher que lhe resiste, êsse inveterado conquistador passa as noites em farras, que o distanciam cada vez mais do ser amado. Aos tios, que o visitam, o Dr. Átila (Cazarré), pisicananalista de fama e sua esposa Carlota (Valery Martins), conta Rômulo a sua desdita. Consegue, como sempre, entrar nas boas graças da tia, que promete auxiliá-lo. Também Maria, a empregada, usará das artes ao seu alcance para trazer Minerva até Rômulo, se êste livrar da cadeia o gatuno O. K., de quem é a namorada. Rômulo promete, e então o Dr. Átila é forçado a chamar pelo telefone a colega, a quem entrega o doente imaginário.



6 Minerva acede em visitar Rômulo. Êste aproveita a ocasião para dizer que está doente do coração, que vive pensando nela e que se afogará em ácool se não fôr correspondido. Minerva, apesar de já estar gostando dele, responde com frieza que só o atenderá profissionalmente. Ela é médica, odeia os homens e considera um insulto propostas de amor de um homem casado. Rômulo desfaz o engano e dá-se a conhecer. Ele é o Presidente da Liga dos Bons Costumes e sobrinho do Dr. Átila. Minerva descobre a presença dêste na casa e, furiosa com o engano, retira-se. Decide, em seguida, vender o consultório e ir morar no Amazonas. Só a medicina a interessa.



7 Ao par dessa decisão, Rômulo desespera-se e resolve, com a cumplicidade da tia, lançar a última cartada. Havia êle sabido, por intermédio da mexeriqueira empregada, que Minerva só temia uma coisa: os gatunos. O namorado da Maria, O. K. (Adolar) vai até a garçonnière para agradecer o interêsse demonstrado pelo Rômulo. Êste, apesar de lhe haver anteriormente arrancado o juramento de nunca mais assaltar, por meio de um convincente arrazoado, consegue iludir o rapaz. Assim O. K. promete assaltar o consultório da Dra. Minerva, que, face a face com o perigo, só terá uma coisa a fazer: cair nos braços de Rômulo para pedir-lhe proteção.



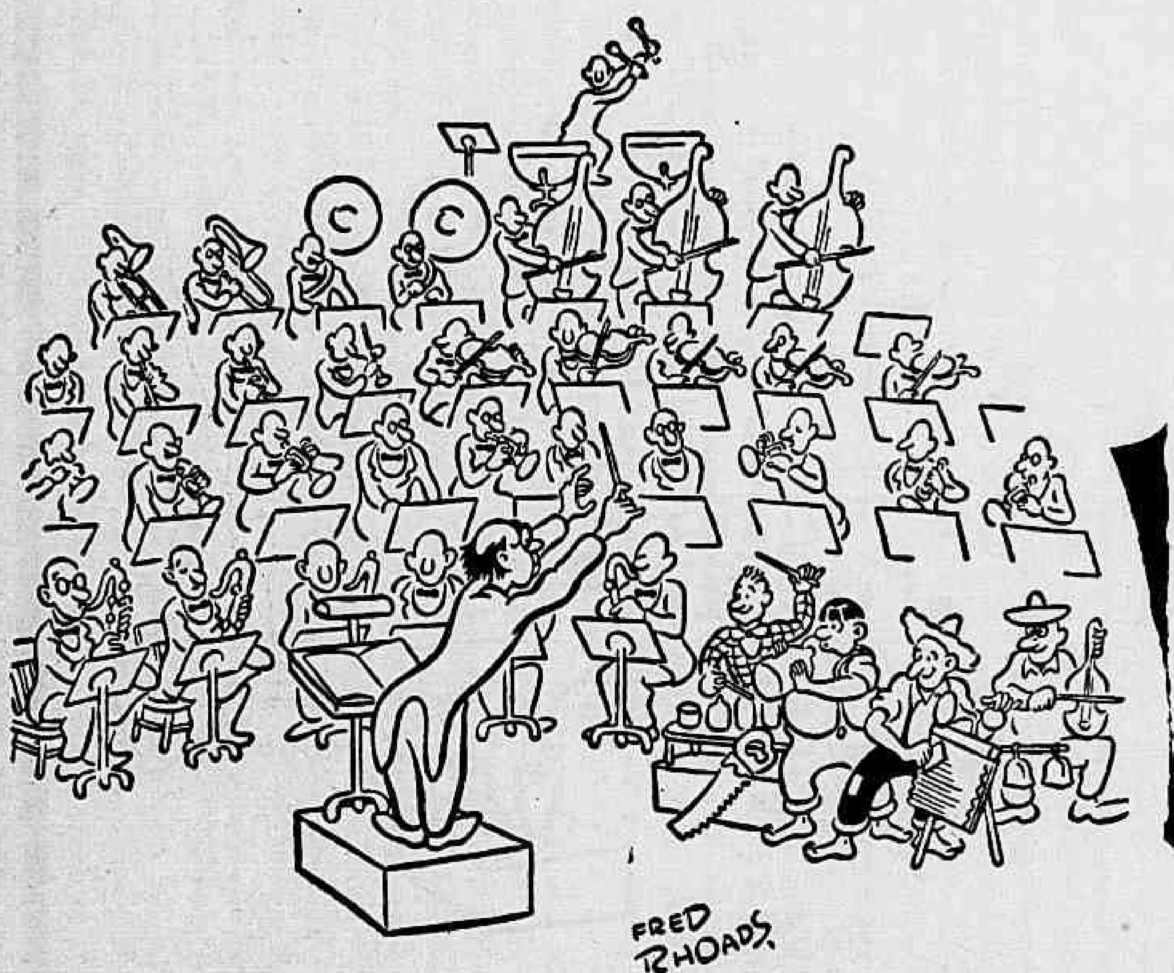
8 Enquanto isso, Minerva vendeu o consultório a Rubens (Milton Morais), o qual, apesar de pobre, conseguiu o amor de Neli (Margarida Léa), rica e detentora do primeiro lugar no concurso da Faculdade. Minerva está encaixotando os livros, quando chega o Dr. Átila. Vem para dar-lhe explicações e interroga-a sôbre a razão dessa fuga perante o amor. Como psicanalista, vence-a facilmente nesse terreno sentimental. Mostra-lhe, sem possibilidade de se esquivar, os motivos que a impedem de ser feliz: recalques, complexos, e principalmente orgulho. Pede-lhe para despir a falsa superioridade d emédica e ser mulher, unicamente mulher.

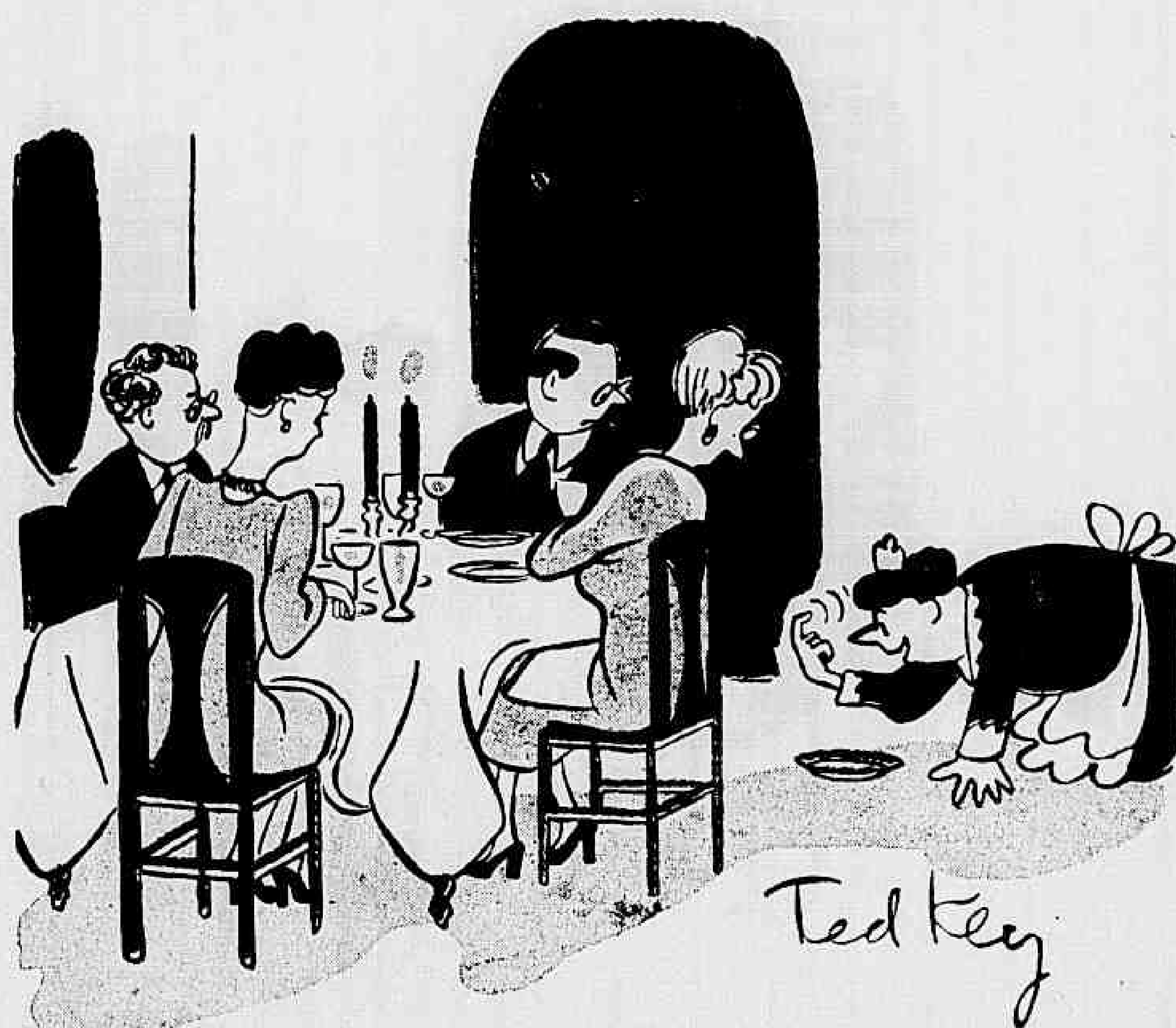


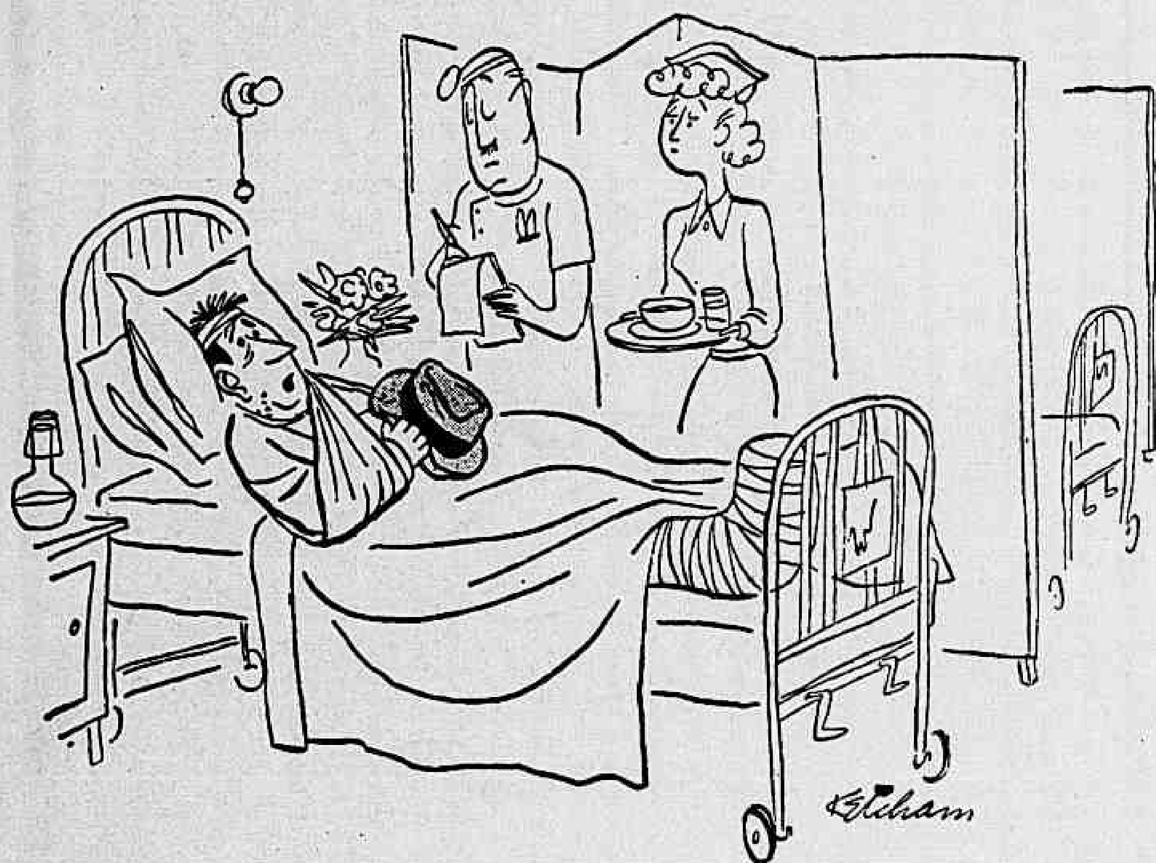
9 O desassossêgo que há muito tempo perturba Minerva, acentua-se. E' a luta do coração contra a razão, dos sentidos contra a inteligência. E' a natureza que reclama da mulher a sagrada missão do amor, e condena a castidade forçada, o voto da Vestal. Minerva tem o sangue em ebulição a lhe pedir satisfações para o psico-somático, enquanto o raciocínio frio e calculador lembra-lhe a vitória do meta-físico sôbre o instinto. Êste parece vencer, ela vai chamar Rômulo, mas, recobrando a razão, arranca o fio do telefone, não terá mais essa tentação! Nervosa, abre um livro, liga o rádio e um bolero que fala de amor enche o sala. Assim é de mais! Desliga o rádio.



10 Nisso, ouve alguém forçar a fechadura da porta. Corajosamente arma-se de revólver e espera. Entra o gatuno. Enfrenta-o, manda acender a luz e reconhece O. K. Vai narcotizá-lo com éter, para entregá-lo à polícia, quando surge correndo, Rômulo. Na confusão O. K. foge. Minerva adivinha mais uma trapaça de Rômulo e ameaça-o com o revólver, intimando-o a saír. Rômulo recusa e revela o verdadeiro e grande amor que sente por ela. Diz que do amor não se pode fugir. Ela será perseguida em qualquer lugar que vá, sempre que aparecer alguém capaz de inspirar-lhe amor. Desista portanto desta luta vã, e viva feliz como tôdas as outras mulheres. Minerva enfim cede, convencendo-se de que "o amor compensa tudo".





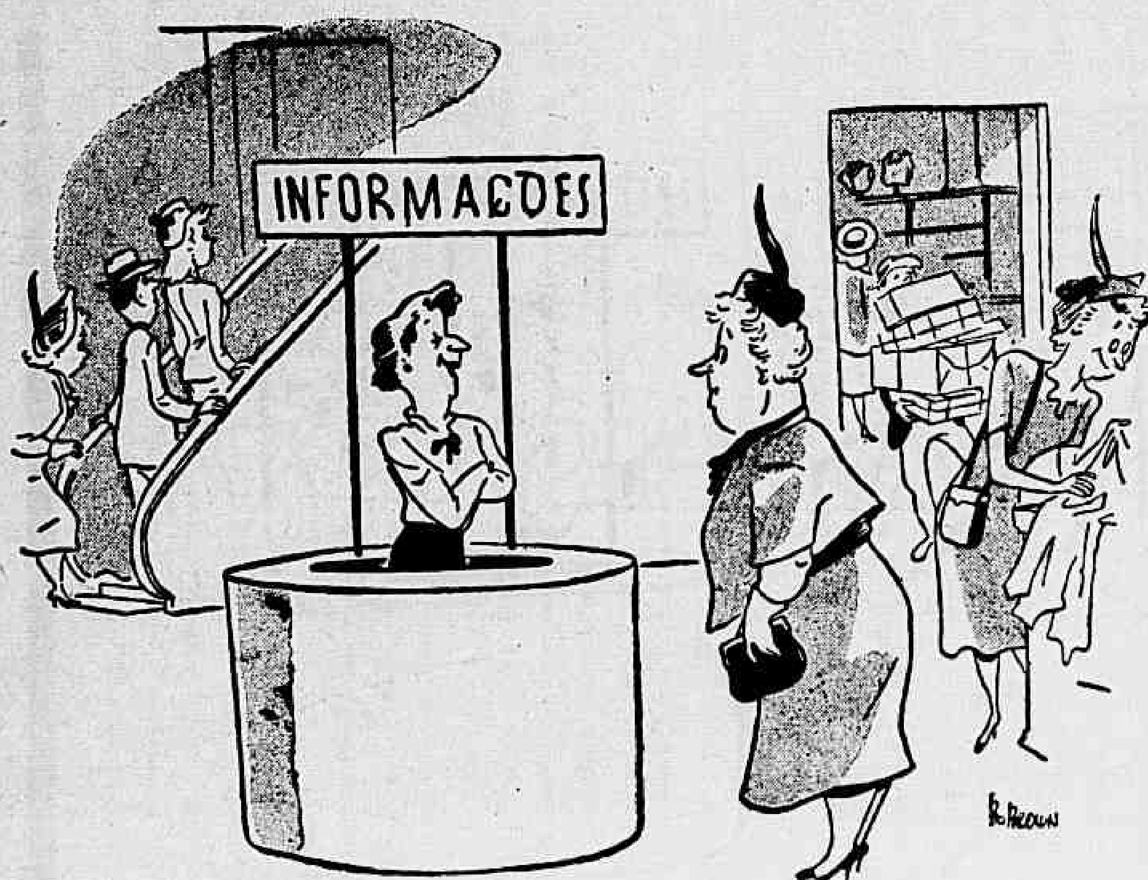


— Só me lembro de quando a Marocas me perguntou as horas...

BOM HUMOR



— Pois foi justamente por descrevê-lo tão bem que tudo isto aconteceu...



— Não adianta, Madame, seu marido me deu dez cruzeiros para não dizer nada!



— Agora, mana, mostre ao Pancrácio como você é capaz de engolir uma bola d ebilhar!

OS DIVERSOS ASPECTOS DA MODA

O ressurgimento da moda duas vezes por ano, é como um rito sagrado cujas primícias são reservadas a um certo número de privilegiados. Dar uma pequena idéia da que acaba de ser revelada, é uma tarefa um tanto difícil, porque a silhueta geral é realçada por um número infinito de detalhes que dão a cada coleção uma particular originalidede. Livre de escravidão de um estilo rigorosamente justo, o corpo readquiriu a liberdede de suas curvas, a perfeita harmonia das susa linhas. À delicada elasticidade e ligeireza das linhas, se acrescenta uma variedade de movimentos que exalta o caráter tão pessoal dos verdadeiros realizadores da moda, cuja nota dominante é a assimetria. O comprimento dos vestidos não vai além de 35 cm. do solo. A silhueta surge de um busto sempre perfilado na na base, abrindo-se como uma flor nos ombros, deixando ver a garganta e acentuando assim a pequenez da cabeça com os seus cabelos ainda muito curtos. E daí, surgem também os prodigiosos decotes ao redor dos quais os mais variados tecidos se enchem de fantasias. A palavra "clássico" parece haver perdido o seu significado; apenas a encontramos em alguns modelos muito simples, em alguns "tailleurs" para o dia, etc. A amplitude exagerada deu lugar a uma linha reta, rigorosa, dissimulada por panos soltos que oferecem os mais imprevistos movimentos. O esmerado trabalho do corte e da costura, é valorizado pela qualidade impecável dos tecidos. Muitos tecidos unidos, muitos estampados, muitos "pois", muitos "pied-de-poules", etc. Para o dia, o azul marinho e o branco oferecem a nota dominante. Existem também tons delicados como tons vivos cantam a alegria de viver. O branco o rosa, o azul, o cinza e entre êstes, alguns e o preto são sempre tons favoritos. Para a noite, existem dois estilos: um é o vestido curto, com decotes originais, ao qual, um pequeno bolero dá o aspecto de um vestido de dia; usado para as reuniões íntimas; o outro, para reuniões mais imponentes, é o vestido preto, enriquecido por "tulles", rendas, cetins, etc. Raramente a palavra "feminilidade" teve um sentido tão exato quanto nesta estação; a mulher terá oportunidade de se cobrir com as mais belas e originais criações cujos detalhes principais passamos a enumerar:

SEM AMPLITUDE — Linhas retas e estreitas, dissimuladas frequentemente por aberturas que facilitam o caminhar.

AMPLITUDE — Sem excesso durante o dia, acentuada na frente ou atrás algumas vezes lançada de um determinado ponto, mas sempre assimétrica. Muitas pregas, em feitio de raios de sol, de leques, em espiral. etc.

BUSTO — Muito justo na base se dilatam nos ombros deixando então aparecer as mais originais golas e os mais originais decotes. Alguns costureiros lançam movimentos para a frente enquanto outros o fazem para trás.

OMBROS — De curva suave, natural, sem afetação.

GOLAS — Raramente clássicas, cheias de diversidade. São afiladas, irregulares, assimétricas. "Capelines", grandes gravatas, etc.

DECOTES — Generosos, que deixam sempre livre o nascimento da garganta e de uma grande riqueza de formatos. Frequentemente prolongados nas costas mesmo para o dia.

MANGAS — Na maioria "kimono", mesmo para o "tailleur" clássico. Muito curtas ou longas, são raramente largas e se adornam com punhos em pontas.

SAIAS — A 33 ou 35 cms. do solo para o dia ou para trajes de baile. Alguns movimentos vêm desde o alto do vestido. Em tôda a parte triunfa a assimetria. Pétalas separadas umas das outras numa saia-tubo; saias-corneta; saias de vários babados irregulares; saias-duplas, saias-cascata, uma variedade enfim de movimentos que dão ondulação ao andar.

BOLSOS — Muito importantes e numerosos nas mangas, no busto, nas cadeiras, do lado, na frente, acentuando a assimetria.

BOTÕES — De forma sempre clássica, porém empregados em séris sôbre numerosos modelos e com frequência em assimetria.

Essas são as características principais da nova moda. A moda de verão que nos traz ainda os vestidos bordados em linho ou "piqué", sempre tão frescos e tão agradáveis de serem usados.

O. B.

JANE RUSSELL (R.K.O)





VESTIDOS PARA A TARDE

Para as tardes elegantes, para um cinema, um passeio, ou um chá, aqui estão três das mais elegantes e recentes sugestões que Paris nos envia, assinadas por três dos seus mais famosos costureiros.

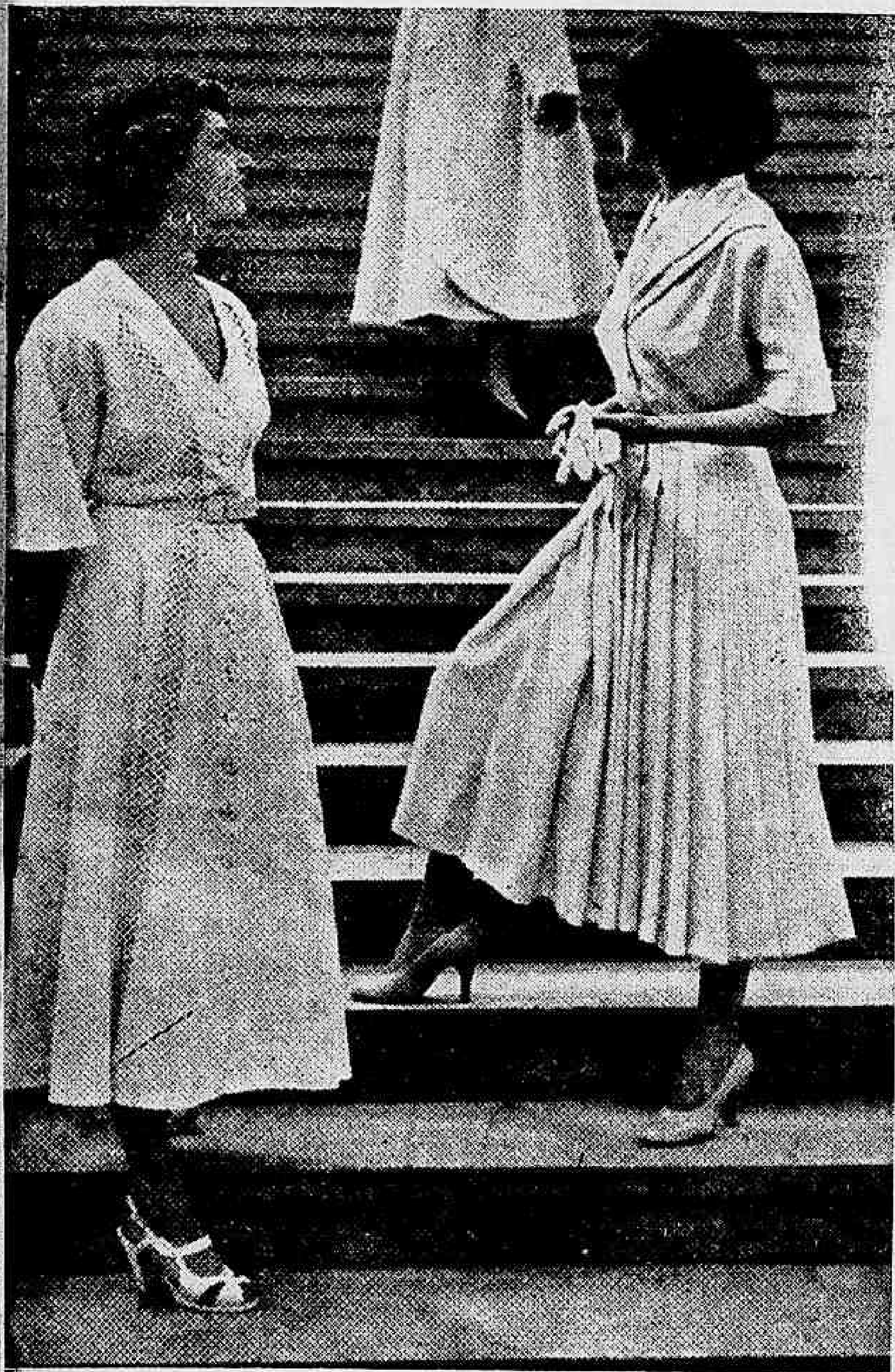




JACQUES HEIM, apresenta esta elegantíssima sugestão em tafetá azul-marinho, saia assimétrica completada por amplo babado em tecido escocês. Chapéu de aba larga em palha preta.

De JACQUES GRIFFE, modêlo em seda clara. Original blusa abotoada na frente, com mangas japonesas. Saia ampla, bem franzida, com dois babados, cintura justa.

De JEAN DESSÉS, "tailleur" em seda preta, casaco de mangas curtas, tipo túnica, saia em babados enviezados, com pano sôlto atrás. Grande chapéu em palha brilhante, com fita de veludo.







VESTIDOS BRANCOS



NÃO pode haver verão sem vestidos brancos. Êles são alegres, juvenis, encantadores. Tanto para a manhã como para a tarde ou para a noite, um vestido branco é sempre bem recebido. Alguns modelos ligeiros, para serem confeccionados em seda, shantung, linho, etc., são aqui oferecidos às nossas leitoras.







VESTIDOS LIGEIROS

A moda para o verão apresenta um sem número de detalhes novos, uma grande variedade de feitios, permitindo assim à mulher que escolha aquilo que mais convém ao seu tipo físico. Nos modelos para a tarde aparecem as sedas, os tafetás, os linhos, as cambraias. Também o organdi e a mousseline ocuparão lugar de destaque nesta estação. Os modelos destas páginas são as mais recentes criações dos mais famosos costureiros de Paris.













O VERÃO VEM AÍ!

EM CIMA: Paulette Goddard, da Paramount, usa um vestido de shantung havana, com "remendos" amarelos. Joan Evans, da RKO, escolheu um estampado estilo mexicano para o seu vestido, cujo corpete é todo franzido. **EM BAIXO:** Ainda Joan Evans, aproveitando a mesma saia com um corpete diferente e... muito mais fresco, sem dúvida... Um tecido muito original é empregado no modêlo de Jane Greer, da RKO. Larga faixa de gorgurão de seda. Echarpe do mesmo tecido.







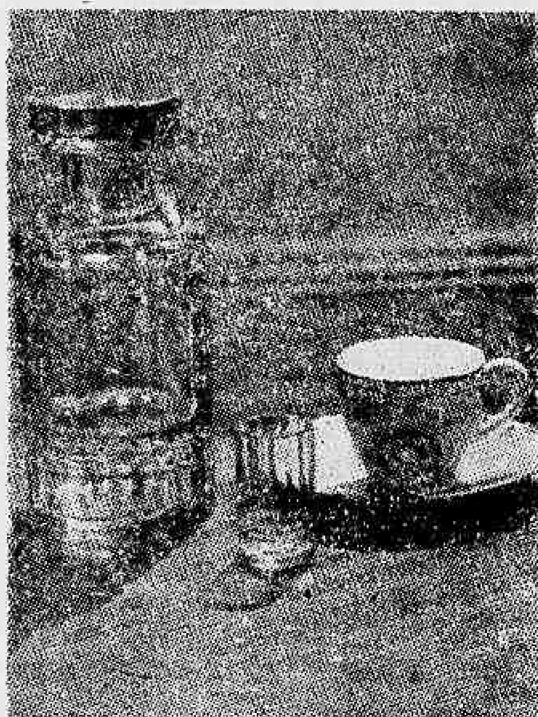




SILHUETAS ELEGANTES

PARA se manter sempre elegante, a mulher deverá saber escolher os seus modelos de acôrdo com a hora e com o momento em que o vestido deverá ser usado. O clássico "tailleur" tem a vantagem de poder ser usado pela manhã e à tarde, dependendo exclusivamente da sua "linha" e dos seus acessórios. Os vestidos mais ligeiros para a tarde, ou mesmo para as primeiras horas do dia, deverão ser simples, residindo a sua elegância no seu talhe e no seu tecido. Os modelos aqui apresentados são de Jeanne Lafaurie, Grès, Marcelle Chaumont, Lucille Maaguin, Heim, Balenciaga, Marcel Rochas, Jean Patou, etc.

week-end NA COZINHA



SALADA RUSSA MODERNA

Corte em pedacinhos compridos, quantidades iguais de cenouras, vagens e batatas cozidas separadas e 2 talos de aipo crus. Abra 1 lata de "petit-pois" e outra de atum em conserva e escorra o caldo de ambos. Desfie o atum no meio do prato e faça um buraco no centro; arrume ao redor os legumes aos de cada qualidade, e cubra tudo com môlho de maionese. Coloque no centro pontas de aspargos de 1 lata pequena, ou 1 bouquet de couve-flor cozida. Enfeite com pedacinhos de pickles ou alcaparras.

★

TORNEDOS NINON

Corte em 1 quilo de filé mignon 3 bifes redondos, pequenos e grossos, tempere com sal, amarre um barbante ao redor e leve a tostar de ambos os lados, em manteiga clarificada. Depois retire para um prato. Na frigideira junte 1 colher de manteiga com 1 colher de chá de farinha, toste um pouco, adicione 3 colheres de caldo, 1 cálice de vinho Madeira, coloque sôbre os medalhões abaixo, deite um pouco de môlho por cima e enfeite o centro do prato com pontas de aspargos de 1 lata partidos ao meio e com as pontas para cima em feitio de flor.

★

MEDALHÕES DE MAÇÃS

Misture 250 gramas de farinha de trigo, 125 gramas de manteiga, ½ colher de sal e leite môrno até a massa ficar macia. Amasse um pouco, e deixe repousar por ½ hora. Corte 12 rodelas maiores que o tornedos e leve a assar em forno. Cozinhe 4 maçãs, escorra, passe na peneira, junte 1 colher cheia de açucar, engrosse no fogo e passe uma camada sôbre a massa assada.

★

PALMITO COM PARMEZÃO

Cozinhe 3 palmitos, ou empregue os de lata; parta em toros de 4 centímetros e arrume num tabuleiro untado; regue com manteiga derretida e polvilhe , só em cima, com parmezão ralado. Pouco antes de servir leve a tostar no forno.

LEGUMES EM PÉROLAS

Com a colher de legumes menor, tire pérolas de cenouras e batatas, 2 a 3 xícaras de cada. Cozinhe as cenouras com um pouco de açucar e sal e as batatas leve a fritar na banha; depois reuna as batatas e as cenouras, 1 lata de "petit-pois", 1 colher de manteiga e ½ de açucar. Esquente e sirva.

★

BOLINHOS DE AIPIM

Cozinhe ½ quilo de aipim, passe pelo passador, junte 250 gramas de batatas cozidas e também passadas, 1 colher de chá de manteiga, sal e 3 gemas. Misture tudo e por último acrescente as 3 claras em neve. Esquente bastante banha numa frigideira e vá jogando dentro às colheradas; deixe corar, retire da gordura e arrume num tabuleiro forrado de papel pardo. Devem crescer como sonhos.

★

PUDIM DE LARANJA BAIANO

Desmanche bem 12 ovos, 6 sem claras, junte 1 quilo de açucar, 1 colher



de farinha, 1 copo de caldo de laranja. Passe na peneira e leve ao forno em banho-maria numa fôrma forrada com calda de açucar queimado.

★

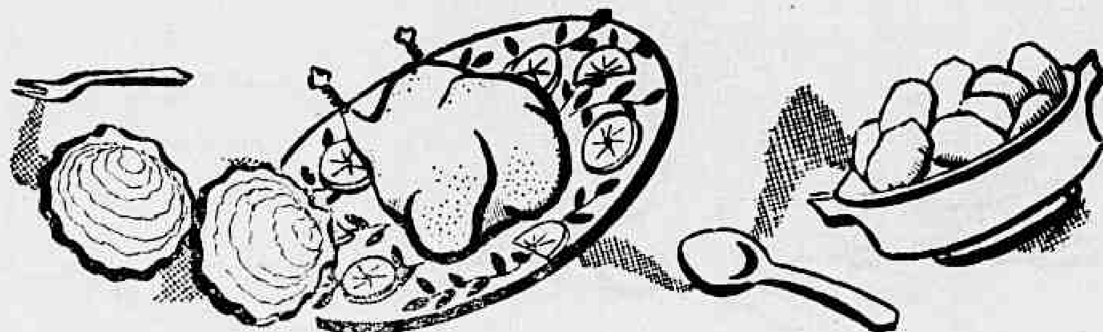
COCADA DE OVOS

Tome 450 gramas de côco ralado, 450 gramas de açucar, 12 gemas e 4 claras batidas. Misture tudo e leve num tacho ou panela a tomar ponto. Está pronto quando inclinando a panela, desprende-se completamente do fundo. Despeje numa travessa, alise a superficie e deixe esfriar, depois cubra com uma camada fina de farinha e guarde. No dia seguinte, umedeça as mãos com água, enrole a massa em bolas do tamanho de nozes e arrume num tabuleiro polvilhado de farinha, pincele com gemas desmanchadas e leve a tostar em forno quente. Deite em caixinhas de papel.

★

CREPES DE MAÇÃS

Tome 2 maçãs, descasque, parta em fatias finas e deixe por ½ hora a tomar o gôsto, polvilhadas de açucar e regadas com 1 colher de cognac ou de água ardente. Tome 3 colheres de farinha, 1 de açucar, 3 ovos, as claras em neve e 1 xícara de leite. Misture tudo muito bem e deite dentro as fatias de maçã bem escorridas. Tire as colheradas e frite na manteiga ou banha quente. Depois de fritas, tire com um garfo e deite sôbre papel pardo. Sirva quentes, polvilhados de açucar e canela.



Compre a melhor gordura...



...E TERÁ UMA LINDA LATA PARA MANTIMENTOS

COMPANHIA CARIOCA INDUSTRIAL
Rua 1.° de Março N.° 6 - 10.° andar - Telefone 23-2010

A nova apresentação

DOS
PÓS-DE-ARROZ



MADERAS
DE ORIENTE

FINOS COMO SEMPRE

· MYRURGIA ·



BLUSAS

A blusa compõe sempre uma "toilette" prática e juvenil. Há blusas para tôdas as horas, como as blusas esportivas para a manhã, as mais rebuscadas para a tarde e as mais "sofisticadas" para a noite. Aqui, Madeleine de Rauch, Jacques Heim, Agnés Drecoll, Mad Carpentier, Schiaparelli, Jacques Fath e Marcel Rochas, apresentam algumas sugestões interessantes e originais em matéria de blusas.





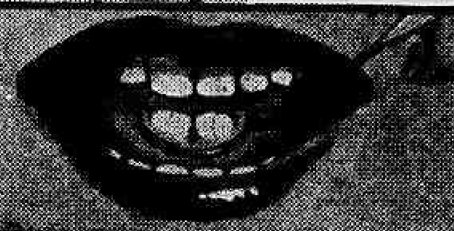




DENTES LINDOS E SADIOS são os de todo KOLYNOS-ISTA!



MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...
olhe os dentes de outra boca... cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diário de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA
Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS
A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos cientificos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE
A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as particulas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova película. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante!
E ECONÔMICO TAMBEM:
Basta 1 cm. na escova seca.



Mc CANN

Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-303

A SAÚDE DO BEBÊ

Perturbações do estado de nutrição da criança

DR. SABÓIA RIBEIRO

AQUILO a que nós, pediatras, chamamos *eutrofia* é o estado corporal da criança "normal e forte". A *eutrofia* depende, essencialmente, de duas condições: criança sadia, isto é, vinda à luz sem taras orgânicas ou distúrbios funcionais, e alimentação sadia, isto é, correta sob o ponto de vista de sua composição e de sua quantidade.

Como expressão de desvios alimentares, quer derivando apenas da quantidade escassa do alimento (sendo êste em si correto), quer devido à alimentação unilateral, ou seja, o alimento incompleto (caso, por exemplo, de uma escassez de hidratos de carbono — farinha, açúcar — ou uma alimentação com misturas sem leite ou com pouco leite) — temos os quadros das *distrofias*, onde se destacam a *distrofia láctea* (em que as fezes saponáceas são o sinal mais importante), a *distrofia farinácea*, e as diversas *avitaminoses* com suas manifestações tão complexas e de intensidade tão variável de criança para criança.

Não se deduza, porém, que nas *distrofias* prevalecerão sempre o aspecto negativo do pêso.

Lactentes demasiadamente gordos e pastosos não apresentam o estado corporal eutrófico, ideal; para que a criança seja considerada eutrópica não basta satisfazer requisitos quantitativos, mas é preciso apresentar também requisitos quantitativos. O turgor da pele e do tecido celular subcutâneo deve ser bom, a pele não deve ser mole e flácida mas sim tensa e elástica. A musculatura deve apresentar um bom tonus e ser rija e sem frouxidão.

Por outro lado, muitas vêzes, sòmente discretamente é o pêso alcançado, e o que mais avulta, então, são outros sinais como a anemia, o atraso da dentição, a flacidez dos tecidos, a vulnerabilidade da pele e das mucosas, etc.

Não poucas vêzes a distrofia depende, exclusivamente de disposições orgânicas da criança, caso em que se cogitará, sempre, da possível herança da sífilis ou da tuberculose.

Na criança diatésica, subsistem formas de reações individuais em face do alimento, de modo que êste, sendo embora correto em si mesmo, não é bem aproveitado por ela; daí sofrer a nutrição da criança o seu desenvolvimento.

A diátese exsudativa, com sua tendência ao eczema, às infecções das mucosas (catarro), à diarréa verde e com grumos é a manifestação mais costumeira na espécie.

Nas crianças neuropatas verifica-se o mesmo desenvolvimento escasso do pêso e do crescimento, não obstante o alimento correto e suficiente, como o é o próprio leite materno; o fundo nervoso da criança é descoberto através do interrogatório, no seu exame, e pela observação desta — gritos intensos, assustando-se aos menores ruídos, o sono agitado ou interrompido.

A criança com o pêso parado, quando a alimentação é perfeitamente correta, é, sempre, passível de um diagnóstico sério, que sòmente meticulosos exames logram esclarecer a contento (reações de tuberculina, sorologia da sífilis).

Quando o alimento é correto e dado em quantidade suficiente, e o estado distrófico da criança é patente, duas hipóteses há, para logo, admitir: a diátese exsudativa, ou a neuropatia; um mau estado hereditário (alcoolismo, sífilis, tuberculose).

A má nutrição da criança, acompanhando-se de diarréa, induz pensar, logo, no êrro alimentar crônico, e mudança da flora normal do intestino (conseqüentemente existe, no mínimo, iminência de infecção).

Se o que há é prisão de ventre, pensar-se-á na fome da criança, no *aleitamento* natural; na carência de carbo-hidratos (farinhas, açúcar); no *aleitamento artificial* (aqui as fezes são duras, saponáceas, expelidas com esfôrço).

Sucede, às vêzes, qualquer que seja o regime, que a má nutrição é patente, sem que a particularize nenhuma perturbação aparente do aparelho gastro-intestinal.

Nesta hipótese, a causa da má nutrição tanto pode explicar-se pela insuficiência do alimento (embora bom em si mesmo), como pela ausência de vitaminas no regime da criança, ou um mau estado orgânico (sífilis, tuberculose).



Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

Correio da Revista

S. G. S. V. (São Paulo) — Seu trabalho "Uma ida quase sem volta" deixa de ser aproveitado por faltar-lhe características de conto. E' conveniente também evitar excessiva linguagem inculta. Tente outro motivo e o converta em conto literário.

Ribamar Galiza (Barreiras — Bahia) — Seu conto "Quero Morrer Contigo" saiu publicado em nossa edição de 8 de outubro. O outro vamos distribuir aos ilustradores.

Anatole Ramos (Rio) — Esta seção continua, sim senhor; se, algumas vêzes, deixa de sair é porque tivemos necessidade de espaço para alguma matéria mais imprescindível. Seu conto "O Cigarro" já saiu.

D. Guilherme de Almeida (Rio) — O assunto de que nos fala V. S. não pode ser aceito por esta *REVISTA*, por tratar-se de trabalhos de especialização que fogem à nossa finalidade.

R. P. Lima (Aracaju) — Queira ler o que respondemos em nossa edição de 5 de novembro de 1949.

D. R. (Rio) — "Jóias na Lama" não foi aproveitado.

Centro do Professorado Paulista (São Paulo) — Agradecemos a comunicação sôbre a vinda de uma caravana de professôres dêsse Centro em visita ao Rio a 28 de dezembro próximo.

Anatole Ramos (Rio) — Muito interessante sua carta. Mas o amigo não tem motivos para julgar-se diminuído na sua personalidade por um pequeníssimo aditivo no final do seu conto, completando o estado de alma da personagem.

Donalice (Rio) — Não foi possível aproveitar o seu conto "Ouro... perdição". Evite excessos de linguagem inculta. Isso aborrece muito os leitores.

M. A. A. M. (Rio) — Vamos dar busca no seu conto "Maria Lúcia" e, depois informaremos. Não pense que nos aborrecemos com o atender os nossos leitores. Temos prazer. Lamentamos apenas quando nossa resposta não é satisfatória. Pode escrever-nos.

José de Oliveira Nunes (Rio) — Vamos ver o que há com os seus contos. Quanto às crônicas, serão restauradas dentro de pouco tempo.
"Yuruka".

BANCO DO COMERCIO S. A.
FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

MÚSICA

CONCURSO DA JUVENTUDE

NOVOS CONCERTOS DE KOUSSEVITSKY --- WALTER GIESEKING

De ROBERTO LYRA FILHO



Guiomar Novais

JÁ foi anunciado o resultado do concurso da juventude que a REVISTA DA SEMANA patrocinou. Por iniciativa do maestro Eleazar de Carvalho, foi oferecida aos jovens compositores brasileiros (até 35 anos) uma bolsa de estudos para o Berkshire Music Center, Tanglewood, Estados Unidos, além de ficar garantida a execução da obra premiada no Brasil e no estrangeiro e a indenização do que foi gasto no preparo do material respectivo. Por sua vez, o Ministério da Educação e Saúde resolveu conceder ao primeiro colocado, Cr$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros).

A Comissão Julgadora reuniu Serge Koussevitsky, Eleazar de Carvalho, Camargo Guarnieri, Paulo Silva e Roberto Lyra Filho. Depois de examinar os nove trabalhos apresentados, resolveu conferir o 1.º Prêmio à Sinfonia N.º 3. Essa decisão foi tomada por maioria de votos, tendo quatro membros da comissão votado pela mencionada Sinfonia, divergindo dos demais apenas um.

Identificado o candidato vencedor, verificou-se que era Cláudio Santoro. Vindo do Amazonas, para estudar, no Rio, Cláudio Santoro dedicou-se, primeiro, ao violino, tendo feito parte da Orquestra Sinfônica Brasileira durante muito tempo. Voltou-se para a composição, obtendo vários prêmios em certames internacionais. Finalmente, partiu para a França, onde estudou sob a orientação de Nadia Boulanger.

NOVOS CERTAMES

O maestro Eleazar de Carvalho pretende continuar vigilante, esperando que surjam novos compositores brasileiros, cuja obra se encarregará de lançar, no estrangeiro, no cumprimento do programa patriótico que se impôs: dar à música nacional a maior divulgação possível.

Para realizar essa tarefa, conta com a cooperação de Serge Koussevitsky, que já tem acolhido, na Fundação que dirije, em Tanglewood, inúmeros artistas brasileiros.

A obra premiada provavelmente será apresentada ainda êste ano, em primeira audição, com a Orquestra Sinfônica Brasileira.

SERGE KOUSSEVITSKY

Encerrando a série extraordinária de concertos com a Orquestra Sinfônica Brasileira, Serge Koussevitsky apresentou um festival Brahms e mais um programa inteiramente dedicado a Beethoven.

A obra de Brahms é portadora de uma mensagem sonora que não se comunica facilmente a quem não está familiarizado com a música alemã. A serena imponência, a densa e maciça construção sinfônica de Brahms encontrou, entretanto, um intérprete tão compreensivo que a primeira e quarta sinfonias transpuseram as fronteiras, encontrando receptividade e simpatia no Brasil, valorizadas pela precisa e vigorosa tradução de Koussevitsky.

Guardaremos entre as recordações mais preciosas do velho frequentador de concertos a apresentação de sinfonias de Beethoven, sob a batuta de Kossevitsky. Já tínhamos tido oportunidade de ouvi-lo, na estréia, reger a sétima sinfonia. Com a primeira e a nona, que representam fases diferentes da evolução musical de Beethoven, pudemos apreciar mais demoradamente a identificação do maestro com o sentido da obra, tanto na primeira sinfonia, de um sabor ainda clássico, quanto na nona, na qual o romantismo se desdobra, impetuosamente, culminando na exuberante ode à alegria, em efusão à qual a eloquência da linguagem musical de Beethoven comunica uma impressão de grandeza.

O contacto de Koussevitsky com a Orquestra Sinfônica Brasileira tem sido dos mais proveitosos. Não sòmente êle nos proporcionou admiráveis concertos, como o conjunto vai aproveitando as lições preciosas do mestre.

WALTER GIESEKING

A Associação Brasileira de Concertos trouxe, novamente, ao Brasil, o pianista Walter Gieseking.

E' possível discordal da versão da obra de Beethoven tal qual nô-la apresenta êsse artista. Conquanto correta, a sua interpretação de algumas sonatas não transmite tôda a vigorosa e máscula emoção daquelas peças.

Da mesma forma, escapa a Gieseking, por falta de uma maior intimidade com o nosso povo, o sentido da música brasileira, sobretudo o seu ritmo.

Mas aludimos a senões que não comprometem a grandeza do artista. Na música francesa moderna, êle encontra as afinidades mais sugestivas com o seu espírito. A leveza, a graciosa fantasia de um Debussy, o colorido nítido de um Ravel são traduzidos com carinho. Pura magia sonora, sutil, delicada. Entretanto, não é sòmente com Debussy ou Ravel que Gieseking demonstra o seu talento de intérprete. A precisão e a elegância dos clássicos nada perdem nas suas mãos; êle é, também, capaz de valorizar, com execução vibrante e impetuosa, páginas românticas de um Schuman ou um Schubert.

A série de recitais oferecida pela A.B.C. situou-se em nível artístico elevado e despertou interêsse e os aplausos do público.

GUIOMAR NOVAIS

Há muito tempo Guiomar Novais não tem oportunidade de oferecer um recital, aqui no Rio. Continua, entretanto, em forma, a pianista patrícia, que acaba de obter um grande sucesso em Washington, onde despertou o entusiasmo da assistência. Esse mesmo entusiasmo ecoou, no dia seguinte, na imprensa, em artigos dos críticos.

Um deles afirmou, mesmo, que aquêle programa merecia ser ouvido e — mais do que isso — aquelas interpretações da obra de Chopin — tratava-se de concerto comemorativo do centenário dêste compositor — mereciam estudo demorado, tal o equilíbrio, a fôrça da sugestão poética e o brilho da técnica.



Eleazar de Carvalho



Desperte seus atrativos femininos usando em seu maquillage social o super-creme "O SEGRÊDO DA SULTANA", dando à tez um precioso e sedutor aspecto, dissimulando os defeitos e beneficiando a pele.

Liquido, sólido e em bastões para barba



Há ainda para higiene, saúde e beleza da mulher:
Água de Colônia 107
Sabonete 107
Sabão Russo, liquido,
vidro de 270 grs.
vidro de 630 grs.
vidro de 1.000 grs.
À VENDA EM TODA PARTE



Laboratório do SABÃO RUSSO
FUNDADO EM 1830
MANOEL LUIZ GARCIA
Rua D. Maria, 107 — RIO DE JANEIRO

Indispensáveis em todos os lares

A MEDIDA DO SEU BUSTO
é a medida de sua BELEZA!

Corrija os defeitos de sua plástica com HORMO-VIVOS, um produto que atúa no local onde é preciso: no próprio seio. HORMO-VIVOS n.º 1 é indicado para os seios pequenos ou flácidos; HORMO-VIVOS n.º 2 para os seios excessivamente desenvolvidos. Inofensivo à saúde e de absoluta confiança, HORMO-VIVOS é encontrado nas bôas farmácias e perfumarias. Para maiores detalhes mande seu nome e endereço para a Caixa Postal, 3871 – Rio de Janeiro, ou então remeta, para o mesmo endereço, o cupon abaixo, devidamente preenchido.

Nome......................................
Rua:......................................
Cidade.................. Estado. ....

BUSTO PERFEITO COM Hormo Vivos

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS
Sociedade Anônima
Depositos -- Descontos -- Cauções
ALFANDEGA n.º 50 - Rio

O relógio antigo

(Cont. da pág. 52)

tinha um gênio irascível e snob. Minha casa era um covil de mandriões enfatuados e ociosos. Uma noite, chegando inesperadamente, surpreendi-a nos braços de um dêles. O meu primeiro impulso foi esganá-la. Agarrei-a, porém, enfurecido e arrastei-a até aos pés de meu pai, vociferando palavras tremendas. Fui duro, cruel, pois, afinal, meu pai, talvez, não fôsse pròpriamente culpado, e sim eu próprio, mas só muito mais tarde pude pensar e compreender assim.

Gaspar parecia sufocado, mas continuou:

— Fugi, depois. Houve um momento em que estive prestes a estourar os miolos, tal o meu estado de espírito. Reagi, porém, e embrenhei-me nos recessos do sertão fugindo apavorado daquela sociedade convencional. Lá construí um mundo todo meu e há vinte anos vivo em comunidade com gente primitiva e selvagem. O destino, porém, parecia não querer poupar-me e um dia, por mera casualidade, aporta em minhas terras um velho amigo, amigo da mocidade que veio abrir a velha ferida, cicatrizada apenas na superfície. Sabia onde estava Lúcia. Estivera com ela. Mal pude conter a emoção, e, assim que êle partiu, voltei a correr o mundo que detestava à procura da minha inditosa Lúcia. Encontrei-a. E em que estado! Um farrapo! A nossa filhinha, aos três anos, fôra entregue aos cuidados de uma modesta família. Lúcia resistiu pouco tempo, mas teve um fim suave. A nossa filha, fiquei surprêso quando a encontrei seguindo as instruções de Lúcia, era o retrato fiel da mãe. Uma semelhança desconcertante. Soube que era professôra e iniciara há pouco sua vida pública num lugarejo afastado.

Eu estremeci e apanhei com sofreguidão o relógio que êle me estendia com o dôrso escancarado. No fundo aparecia uma fotografia corroída e desbotada pelo tempo.

— Veja, meu amigo, e compreenderá...

Eu olhava Gaspar e o retrato ao mesmo tempo assombrado de espanto. Via seus olhos brilhando umedecidos. Depois êle se levantou do banco, caminhou uns passos e estacou em seguida e olhando-me fixamente, de repente, falou:

— Ela é a minha filha!

O QUE E' A POLICIA DE...

(Cont. da pág. 17)

tável para uma Polícia durante todo o ano. Crimes sensacionais são cometidos no silêncio noturno de suas águas tendo como testemunhas o perfil das pontes desertas.

Mas a polícia de Paris emprega os escafandristas de suas brigadas fluviais e desce até o lodo dos leitos misteriosos e traz à tona da verdade tudo o que é necessário à prova judicial contra criminosos e em favor dos inocentes.

Essa organização não tem um só minuto de descanso. Turmas e turmas se renovam dia e noite, de janeiro a dezembro, no mesmo afã de defender a sociedade das artimanhas dos malfeitores.

Enquanto a cidade dorme, altas madrugadas, seja no frio intenso do Inverno, seja nas noites cálidas do verão, lá estão as janelas do grande edifício da Polícia Judiciária estrelando na noite densa, como luzes de gigantesco farol, protegendo os que deslisam pelas ruas ou dormem em seus lares.

Para o intelectual o Museu de Polícia é um repositório de sugestões sem par.

Lá se encontram todos os vestígios, todos os documentos do que foi na antigüidade a Polícia de Paris, até os dias que correm na atualidade.

Os instrumentos de punição, a guilhotina, a forca, os uniformes dos policiais em todos os tempos, os tipos que ficaram nos romances de Dumas, a polícia montada, guardas-florestais, os rurais, tudo enfim que recorda a Polícia da França através dos tempos, vemos nas salas e nas paredes do Museu da Polícia de Paris, incontestàvelmente, a mais perfeita e completa do mundo.

Depois da última grande guerra, o renome da Polícia Parisiense aumentou de celebridade. A cidade, depois de cair em poder dos alemães, sem resistência em face da capitulação de Laval e Petain, jamais se deixou vencer e recorreu ao subterrâneo. Surgiu daí a era dos "partisans", dos que não se conformavam com a queda da França e a imaginação de patriotas e de salteadores começou a trabalhar.

Coube à Polícia de Paris movimentar-se e deter a marcha dos crimes que em nada contribuiriam para a salvação nacional, enquanto prestigiava o esfôrço heróico daquêles que porfiavam para a redenção da Pátria ocupada.

Há no Museu de Polícia de Paris várias armas tomadas aos alemães durante os sangrentos combates da libertação da capital francesa, documentação fotográfica dêsses combates, peças de madeira com os rasgões de balas de metralhadoras recordando a intensidade da luta patriótica.

Ao lado dêsses documentos que relembram os mais negros dias da Cidade Luz, as galerias com os manequins em tamanho natural dos guardas-civis da Polícia Parisiense dos fins do século XIX, com todos os detalhes de sua fundação, história, nomes heróicos, tipos exemplares que servem de paradigma aos policiais da hora presente.

MUSEU DE CERA

(Cont. da pág. 6)

qualquer ponto do salão. Prover os bonecos de cabeços, sobrancelhas, cílios e bigodes é um paciente trabalho que consome de 10 a 14 dias; os fios são postos na cera ligeiramente aquecida e ficam seguros quando ela esfria. Medidas exatas das celebridades são conseguidas de seus alfaiates ou costureiras e com base nelas o corpo é feito de gesso; somente as partes não cobertas pelas roupas são reproduzidas em cera.

Resta ainda o trabalho das mãos. Como a cabeça, poderiam ser feitas por um molde, mas Mr. Tussaud prefere convidar a celebridade retratada a visitar o museu, para lhe tomar as impressões das mãos e 10 ou 15 minutos de seu precioso tempo. Suas mãos são cobertas por gesso impressões perfeitas. As seções são juntadas novaas seções são abertas e as mãos retiradas, deixando no gesso impressões perftitas. As seções são juntadas novamente e a cera é derramada no molde, resultando as mãos de cera, perfeitas em cada detalhe.

Aos técnicos cabem os retoques finais, fazendo desaparecer das mãos e do rosto do modêlo alguma ruga fora de tempo, que vá envelhecer precocemente a celebridade prestes a ter sua imagem nas galerias do "Madame Tussauds".

Antes de serem juntados ao corpo, a cabeça e as mãos Mr. Tussaud põe em função o grande segredo do sucesso de seus bonecos: a coloração. A cabeça e as mãos de cera são cobertas por tinta que mais ninguém conhece e por processos que Mr. Tussaud jamais dará a conhecer. Êsse é o segredo que vem passando de geração a geração entre os descendentes de Madame Tussaud e que, mais que tôda a técnica de realização dos bonecos, é o motivo da sua misteriosa semelhança com entes humanos, porque é realmente impressionante o aspecto de vida que Mr. Bernard Tussaud sabe espalhar pela cera, com o segredo que sua família guarda através dos anos.

Finalmente, a figura completa passa a Miss Joan Tussaud, chefe do guarda-roupa, que tem a seu cargo as vestimentas das 500 figuras da exposição. Miss Tussaud veste o boneco com roupas encomendadas aos próprios alfaiates das celebridades e até mesmo as roupas de baixo são vestidas nos bonecos, ajudando a manter assentadas as vestimentas exteriores. Durante o racionamento de roupas na Inglaterra, grandes foram as dificuldades de Miss Tussaud, mas muitas das celebridades que nesse período foram homenageadas pelo museu, equiparam seus sósias de cera com suas próprias roupas. Condecorações, medalhas, e as joias de estilo são adicionadas aos bonecos, que vão finalmente enriquecer os tablados dos salões da exposição.

Mas na verdade os serviços com os bonecos não termina nunca. Enorme tempo perdem os técnicos do museu com a reparação das figuras; tôdas as manhãs, muito antes que o primeiro visitante chegue à exposição, 4 ou 5 figuras das famosas personalidades dos salões ou dos infames assassinos do porão perdem suas cabeças ou suas mãos. Os cabelos são lavados, penteados ou ondulados, a cabeça e as mãos recebem a tinta misteriosa de Mr. Bernard Tussaud e volta o boneco à sua eterna posição, a esperar as visitas que não tardarão a encher os salões. Tôdas as vestes são diariamente escovadas, os sapatos e os metais polidos. Um exército de auxiliares mantém sempre na mais absoluta ordem o museu de Marylebone Road.

Alta noite, fechada a exposição, quebra-se o encanto daqueles salões soturnos, mantidos durante o dia em semi-obscuridade inquietante, e iluminadas profusamente, assistem as famosas personalidades a faina dos empregados da limpeza. Risadas e barulho de vassouras e água enchem os salões e ante reis, marechais e campeões, sem lhes dar atenção e sem se preocupar com o mistério da vida que parecem encerrar, cantam e assoviam, em dolorosa falta de respeito, enchendo de melancolia o outrora austero e impiedoso Henrique VIII...

VISITA AO CANDOMBLE' NA BAHIA

(Cont. da pág. 29)

mas seu fetiche é a gameleira. Locó, que é muito caprichoso, prefere, como alimentos sagrados, a cerveja, o galo, o fumo e o vinho branco. E tem curado muito pau dágua, meu filho.

★

OS INSTRUMENTOS TAMBÉM SÃO PITORESCOS — A quilômetros de distância, conforme a topografia do "terreiro", já se ouve o bater surdo dos atabaques.

Mas o leitor está perguntando o que é um atabaque. E' um tambor de madeira de 50 cms. de diâmetro, de altura variável. Artur Ramos, impressionado com tanto pitoresco nos candomblés, chegou a escrever um livro denominado "Os instrumentos musicais dos candomblés da Bahia". Um artigo com igual nome saiu na revista "Bahia Médica", lá por volta de 1932, por ocasião da Revolução Constitucionalista em São Paulo. Os atabaques só trabalham num conjunto de três. O maior dêles é o ilu ou rum e tem 80 cms. de altura. Já o tambor médio é conhecido por rumpi. E o menor, mais conhecido por "lé".

Há ainda êstes instrumentos, todos êles de grande eficiência no culto:

Agogô — serve para o sacerdote ou sacerdotiza bater as primeiras notas de cada invocação. Mais tarde, o agogô acompanha os tambores.

Agê — também por alguns conhecidos como cabaça ou piano de cuia. Registre-se ainda, como meras curiosidades musicais, o caxixi, o adjá e, ocasionalmente, o xaque-xaque.

★

VARIAS NOTAS SÔBRE CANDOMBLÉS — Há vários livros sôbre o assunto. Um dêles, resumido, mas cheio de observações curiosas, é "O Candomblé da Bahia", de Donald Pierson, professor da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Pierson arrisca opiniões fortes como esta, por exemplo: "O caráter genuinamente sadio do candomblé da Bahia, a exceção talvez de alguns centros caboclos recém-organizados, contrasta patentemente com a desorganização pessoal que, segundo dizem, caracteriza a macumba do Rio de Janeiro, hoje em tal estado de desintegração que práticas viciadas já constam do seu ritual."

Sôbre o assunto, pode-se ler também, com agrado e proveito, livros ou artigos de Nina Rodrigues, Artur Ramos, Edson Carneiro, Gustavo Barroso, Martiniano de Bonfim, Jorge Amado e até a "Revista do Arquivo Municipal", de São Paulo, uma iniciativa do Departamento de Cultura daquele Estado.

Menininha, u'a mãe de santo que pesa 126 quilos e tem enorme prestigio no Bairro de Bentois, declarou-nos, falando de sua seita:

— Em meu terreiro, tudo é nagô puro. Não há nada, no meu candomblé, da mistura que êsses lugares novos têm, hoje em dia, meu filho. Há gente que dá a essa bobagem de caboclo o nome sagrado de candomblé. Ora, êles não sabem absolutamente nada da maneira de como se faziam estas coisas lá na África dos meus avós.

E um negro velho da Cruz do Cosme brigava com um branco trocista, à porta da Igreja da Ajuda:

— Êsse sujeito, êsse tal Francisco da Roça Branca! Que cachorro! Seus avós, que é que êles sabiam? Foram educados na seita? Será que deixaram o cargo para êle? Nada. Êle veio do sertão e quer fundar um terreiro. Aprendeu um pouco de gêge, um pouco de nagô, um pouco de congo, um pouco dessas coisas de índio e assim por diante. Abriu os braços e cuspiu forte:

— Que mistura desgraçada!

Aí está, sem parti-pris, um pouco do que vimos e ouvimos em vários "terreiros" da velha terra de Seabra. Ficam as conclusões a cargo dos leitores inteligentes.

DADOS PRECIOSOS DE DONALD PIERSON — Donald Pierson, americano contratado pela Universidade de São

A CARTA MENTIROSA

(Cont. da pág. 16)

Sentiu-se mais calmo, mais aliviado depois. Reconhecia que errara, por excesso de confiança. Beatriz tinha razão. Devia ter visto que ela era um tanto criança e precisava de ter sido mais protegida... No entanto, ela deixara de o amar por uma falta pequena a êle, para desespêro seu, via que ainda a amava, apesar de tudo... Henrique, seu melhor amigo, também o traira. Fôra também um golpe bem duro.

Amava seus estudos, suas experiências, mas nunca os colocou acima do amor que dedicava à Beatriz. Nas suas vigílias dentro da noite, com seus tubos e microscópios, êle as atravessava com ela no pensamento... Se desejava conquistar medalhas, era ùnicamente para oferecê-las!

Que teria sido dêles? Onde viveriam? Não sabia...

Felix surpreendeu-se com as sombras da noite, que já invadiam tudo. Acendeu o isqueiro e procurou o comutador de luz. Não funcionava. Tinha fome. Esquecera-se de tudo. Precisava sair para providenciar luz e alimento.

Quando voltou, já tarde, cansado de tantas emoções, adormeceu no sofá, com o cachorro no tapete, ao lado. Um rosto então apareceu na vidraça, procurando ver o interior da sala. A poeira — que embaçava o vidro — impediu. O cão, percebendo, levantou a cabeça e rosnou ameaçadoramente. O rosto desapareceu.

O dia seguinte Felix passou providenciando na limpeza e reparações da casa. Iria se instalar definitivamente na cidade. Tinha desejos de reiniciar seus estudos e experiências interrompidos.

Os conhecidos antigos tinham tomado outros rumos, o que lhe facilitava muito. O passado devia ficar bem morto, esquecido.

Sua única companhia era o Tigre. O cão fiel e amigo que trouxera, companheiro de caçadas e jornadas perigosas, através das matas.

Fizera de seu escritório também quarto. Não suportava dormir naquele que outrora partilhara com ela.

As semanas passaram... Uma noite, estava no escritório, fumando tranqüilamente, tendo Tigre aos seus pés. De repente, êle se pôs a rosnar e saiu de mansinho. Latidos furiosos ouviu e um grito de mulher. Correu ao jardim. Não percebeu mais que um vulto que sumia na escuridão da noite...

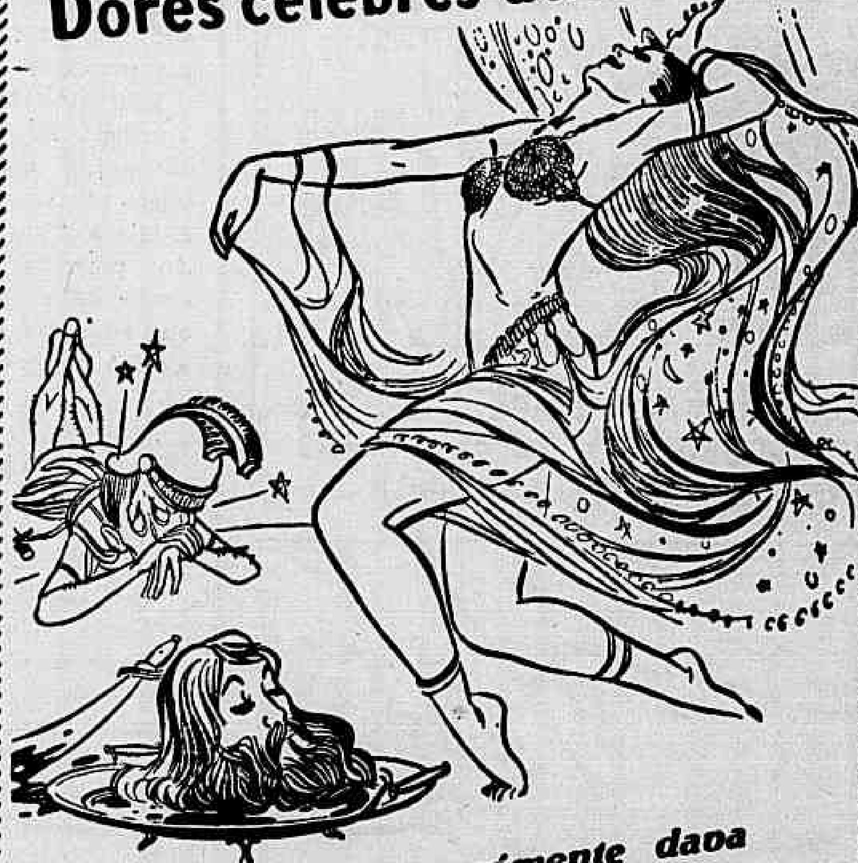
Achou estranho aquilo. Já por várias vêzes ouvira rumor de passos no jardim. Ficou de atalaia no dia seguinte. Nada ouviu, nem nos subseqüentes. Esqueceu-se inteiramente do sucedido.

As coisas iam correndo sem novidades para êle e assim continuariam se não fôsse um ataque de febre palúdica que o prostrou. Tinha consigo os remédios necessários, mas ao anoitecer, apesar de medicado e enrolado em cobertas de lã, tremia de estremecer a cama.

O escritório ficava num cômodo de frente da casa. Uma janela, larga, envidraçada, ocupava quase tôda a parede e dava bastante luz ao aposento, ainda mais por estar desguarnecida de cortinas.

(Cont. na pág. 53)







Paulo para lecionar sociologia, esteve na Bahia algum tempo, estudando os ritos nagôs.

Após meticuloso estudo, reuniu dados e conseguiu compor um quadro dos principais orixás do culto fetichista gêge-nagô. E' o seguinte, e nós aqui o damos porque pode ser útil aos leitores interessados no assunto:

NOME	FETICHE	INSIGNIAS
Oxalá	Anel de chumbo, buzios.	Cajado de pastor com pequenos sinos.
Xangô	Meteorito	Lança e machadinha.
Ogum	Ferro, fôice, cavadeira, bigorna.	Lança e espada.
Oxóssi	Arco e flexa, frigideira de barro, pedra.	Capanga, arco e flexa, rabo de boi.
Omolu	Piassava com buzios.	Lança.
Exu	Barro, ferro, mamadeira.	Ignorada.
Iemanjá	Concha do mar.	Leque, espada.
Yansan	Meteorito.	Espada.
Oxun	Água fresca, pedra aliada do rio.	Leque, espêlho, pequenos sinos.
Ananburucu	Pedra.	Vassourinha de palha com buzios.
Oxun-manrê	Pedra.	Ignorada
Locô	Ignorado. Dizem que é gameleira.	Ignorada
Ifá	Fruto de dendezeiro.	Ignorada
Beji	Gêmeos e imagens de S. Cosme e S. Damião.	Ignorada

O QUE VIMOS NO CANDOMBLÉ EM LOUVOR DO "TEMPO" — Foi no terreiro de Joãozinho da Goméa. Preferimos falar dêsse terreiro por ser, atualmente, o mais famoso da Bahia, uma vez que Joãozinho é considerado o sucessor de Pai de Santo Jubiabá, lá da Cruz do Cosme, e sôbre o qual Jorge Amado escreveu magnifico livro, se bem que muito romanceado. Em louvor do Tempo, fêz-se um ritual que durou 20 horas.

Tempo é o deus do presságio, da confraria de Oxóssi e do caboclo da Pedra Preta. A esta seita pertence o "babalourixá" João Alves Tôrres, mais conhecido por Joãozinho da Goméa, porque reside no bairro dêsse nome.

Êsse ritual contém cânticos e bailados deveras pitorescos.

Façamos uma descrição sucinta do mesmo:

a) Madrugada. Aparece o sol. Faz-se o sacrifício de Agutan. Satisfaz, assim, os apetites menos fisiológicos do que espirituais do "Tempo".

b) Ainda madrugada. Durante 1 hora e 20 minutos, assiste-se o sacrifício de Akikô.

E' para acalmar Exu e dêle fazer um cavalheiro amigo. Uma negra, filha de Xangô explicou-nos, num palavreado eivado de têrmos gêge-nagôs:

— O sacrifício de Akikô é importante. Por êle, vamos conseguir de Exu, com seu poder de embaixador entre os crentes e os deuses, que decorra em harmonia "o santo ofício do candomblé", iôiôzinho...

c) Continua o jejum das sacerdotizas. Elas ficam recolhidas num quarto próprio, à espera da cerimônia para a chamada dos "santos". Nesse intervalo, preparam-se tôdas as comidas para os "santos" e convidados especiais do pai de santo: xin-xin de galinha, xin-xin de bofe, caruru de fôlha e de quiabo, milho branco, feijão prêto com dendê, acarajé, arroz e até aluá, êste algo forte.

Inicia-se, forte, o candomblé. O despacho de Exu fundamenta-se no sacrifício do galo a êste semi-orixá, que Donald Pierson classificou como legítimo orixá. Chamada dos "santos", com bailados e cânticos, puxados e agogô, atabaques e pequenos sinos. Vem depois a queda dos "santos". Após isso, a entrada dos ditos "santos", já personificados em seus cavalos, as "filhas". Há alegria e fraternidade em todos os semblantes, principalmente, quando aparece o Caboclo da Pedra Preta.

d) O sangue fértil dos animais sagrados já adubou os orixás: tudo está azul, como dizia um negro do Morro da Mangueira, marinheiro de passagem pela Bahia.

Os orixás, regalados, cheios de amor pelos seus pobres crentes, aceitaram o convite para honrar a festa do Tempo.

Um jornalista presente torna-se eloquente e afirma, com ênfase:

— "De 5 horas da manhã até 1 hora da manhã seguinte, não houve um ser sequer, no terreiro da Goméa, que não sentisse a miraculosa influência dos deuses negros que atenderam aos chamados soturnos dos atabaques."

★

NO CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO — Foi em 1937. Houve um Congresso Afro-Brasileiro, na Bahia, com propaganda e repercussão em tôda a América do Sul, segundo recortes da imprensa.

Os maiorais do Congresso redigiram um memorial endereçado ao Governador do Estado, na época Juraci Magalhães.

Que queriam êles? Nada menos que isto:

— O reconhecimento oficial do candomblé como uma seita religiosa. Queriam os mesmos direitos e privilégios de tôdas as classes, de tôdas as formas de expressão religiosa, de acôrdo com a Constituição Brasileira.

Perguntamos a um "ogan" de terreiro:

— Qual o papel de Edson Carneiro nisso?

E êle, respondeu com detalhes:

— Foi muito importante, meu senhor. Imagine que, para maior eficiência do pedido e obtenção dêsses direitos e para combate à bruxaria e ao charlatanismo, que estão entre os principais obstáculos ao reconhecimento do candomblé como religião, o Edson, fêz tudo para congregar tôdas as seitas baianas em uma federação.

— Vai dai...

— Nem queira saber... O resultado foi uma organização conhecida por União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia, com uma diretoria constituída por um representante de cada centro e com o encargo especial de eliminar as práticas não ortodoxas. Na primeira sessão, a animosidade entre as seitas ortodoxas e as "de caboclo" era tão grande que qualquer acôrdo substancial parecia bastante difícil.

— Hoje, a coisa é diferente?

— Mas claro, homem! Hoje, as seitas estão localizadas nas áreas onde os habitantes são quase exclusivamente pretos ou mulatos, nas cercanias da cidade, embora muito frequentadas por brancos distintos. E' sabido que um professor da Faculdade de Medicina, dr. Estácio de Lima, diretor do Museu Nina Rodrigues, frequenta candomblés, para estudo, e mantém, no Museu, uma curiosa coleção de vestuários típicos de todos os ritos.

— Há muitas seitas?

— Alguns falam em 200 ou 300, mas êsse cálculo parece muito exagerado. Em todo caso, posso informar o que sei. Ao redor do "lago sagrado" e na área entre as linhas de bonde Rio Vermelho de Cima e Rio Vermelho de Baixo estão localizadas mais de vinte. Um prêto que frequentava a seita conhecida por Engenho Velho conhece pessoalmente 18 seitas. Êle pode localizá-las, indicar sua descendência africana e repetir os nomes de seus chefes. Dessas dezoito seitas, onze são de origem nagô, seis são de Angola e uma é gêge purinha. Dos seus chefes, nove são homens e nove são mulheres. Êsses dados são tão exatos que Donald Pierson anotou-os e incluiu-os no livro que escreveu sôbre o assunto.

MARCOS DA NOSSA FE'

(Cont. da pág. 25)

S.P.H.A.N., o chão da igreja era recoberto, em grande parte, por lápides, contendo as mesmas dizeres dos que ali repousavam. A um canto, do lado esquerdo de quem entra, existia uma inscrição curiosa e que era a seguinte: "Aqui jaz F. de T. que, por suas virtudes conjugais fêz em vida as delícias de sua esposa". A pedra contendo êste epitáfio foi, porém, retirada, quando das obras ali executadas. Como se compreende, a inscrição não deixa de ser curiosa, como algumas existentes no Pére Lachaise, de Paris, em outras necrópoles, podendo provocar de ironistas, comentários picarescos...

(Cont. na pág. 53)

ARTEFATOS DE BORRACHA EM GERAL
ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS



Matéria plástica
CAPAS PARA AUTOMÓVEIS
Em "palhinha" Cr$ 650,00
Em "nylon" Cr$ 1.500,00
VENDEMOS PELO REEMBOLSO
Pedidos à
SOC. IMPORTADORA "JOARES" LTDA.
RUA PEDRO PRIMEIRO Nº 42 — RIO
(Próximo à praça Tiradentes)



LYTOPHAN



CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM À SUA CÔR NATURAL. ELIMINA A CASPA — EXITO GARANTIDO.
LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas nº 23
Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180 - Sala 502 - Tel. 3-2649

Muraro na Rádio Globo

(Cont. da pág. 10)

quando perguntamos o país que menos se interessa pela música verde e amarela, a resposta vem pronta. E' a Espanha, por ser muito nacionalista. Além disso, os espanhóis confundem o samba com a marcha. A Itália, por sua vez, prefere o clássico, sem desgostar, no entanto, das composições brasileiras.

Heriberto Muraro fêz muito pela nossa música lá fora. Também ao microfone da Rádio Globo não fará menos, conhecido o fascínio que as páginas populares sempre exerceram no seu espírito. Fora das gravações e do rádio, existe a "boite" onde, tôdas as noites, êle mata a tristeza dos pessimistas, rejuvenesce o espírito dos encanecidos e enche de alegria a alma irrequieta da mocidade. Porque, em suas mãos residem a harmonia e a felicidade que o samba impregna na alma da gente.

"Pausa para meditação"

(Cont. da pág.13)

o criador de "Pausa para meditação", na Rádio Tamóio e que, indo para a Mayrink Veiga, para ali levou essa audição, criando-se com o fato, um novo "caso" no rádio carioca. A Tamôio conservou o seu programa de sucesso, designando Júlio Louzada, o locutor da "Ave Maria" para a apresentação dos problemas e os conselhos que são escritos por uma equipe, em que se destaca Aldo Madureira, enquanto a Mayrink também apresenta o seu, com o mesmo nome e com Roberto Mendes, tendo como "conselheiro" Gramury.

Entregamos então o nosso questionário a Roberto Mendes, e assim nos respondeu o veterano homem de rádio:

— "Os programas dêste tipo, dependem apenas da forma da sua apresentação ao público. Quando há cuidado na sua confecção, só poderão beneficiar aquêles que o ouvem".

E prosseguiu:

— "Em vários casos a prática nos faz distinguir o verdadeiro do inverosímil, pois quem abre centenas de cartas, diariamente, pode chegar à perfeição de selecionar o que é verdadeiro e o que é falso. Há casos perigosos, sim; mas êsses, não são levados ao ar ou têm certas situações contornadas. Devemos levar, também, em conta, o amparo que o conselho de Gramury dá aos chamados "casos perigosos". Quando focalizamos um êrro, um crime, um vício, etc., não nos esquecemos de apontá-lo, condená-lo. Poderemos chamar a essa parte de o "esteio moral" de "Pausa para meditação".

A terceira pergunta, Roberto Mendes deu uma resposta incisiva e segura:

— "Acho impecável a maneira de Gramury responder."

Já ao quarto quesito, a resposta foi mais longa:

— "Para pensar o que penso da humanidade, não seria preciso que tivesse em minhas mãos as cartas que nos chegam dos ouvintes. Os exemplos aí estão, a gritar pelas "manchettes" dos jornais, diariamente. Poderia citar outros exemplos, se êsses não bastassem."

Mas como encararia as respostas do seu programa no espírito do público? As indagações do quinto item de nosso questionário estavam agora em frente aos olhos de Roberto Mendes que, mais uma vez, invoca o nome de Gramury:

— "Temos tido inúmeras provas de que as palavras de Gramury já levaram o confôrto a muitos lares e a muitos corações aflitos, assim como deram solução a uma infinidade de casos difíceis. Sei disso, pelas cartas, telefonemas e até mesmo visitas pessoais da parte daqueles que recorreram à "Pausa para meditação".

E segue:

— "Sua próxima pergunta já está respondida, portanto. Devo esclarecer apenas, que as pessoas que recorrem pessoalmente à "Pausa para meditação" sempre são recebidas por mim que apenas exponho o caso, depois de um demorado estudo".

Continuamos com as nossas perguntas e seguiam-se prontas as respostas:

— "Não devo negar que, apesar de já ter produzido outros gêneros de programas, êste tem merecido da minha parte, uma certa dose maior de carinho e esfôrço. Talvez o desejo de ajudar os outros. O patrocinador é um amigo. E isto chega."

Restavam duas perguntas e as respostas vieram:

— "Depende dos conhecimentos que tiver a pessoa encarregada da parte espiritual. Quanto aos efeitos, êsses só poderão beneficiar, porque o mal só é por nós apresentado para ser combatido e condenado".

Fizemos então a última interrogação e Roberto respondeu:

— "Sim, estou contente. Já recusei outros oferecimentos, justamente até para não abandonar as minhas atuais funções. Os conselhos são escritos por Gramury, nome que ninguém pode pôr em dúvida. Por isso, não acredito que êle tenha sofrido algum desgôsto. Isso não seria justo."

OUTROS FALARAO

Estava respondido o questionário, por Roberto Mendes. Os leitores podem confrontar opiniões. Mas ainda é cedo para conclusões. Vamos terminar por aqui. A reportagem já vai longa e ainda falta muita gente para responder. Isso virá com a próxima que será também a última. Nela responderão Júlio Louzada e Aldo Madureira, da Tamôio; Diva Paulo, redatora de programas interessantes de nosso rádio e tendo há pouco, publicado o livro "Problemas sentimentais", em que reune, uma série de "casos" enviados por seus ouvintes e radiofonizados para a Nacional, e, finalmente, Gramury. Com essas opiniões, os leitores terão a palavra de todos os conselheiros de importância no rádio racioca e poderão fazer o seu juízo próprio sôbre a sinceridade dêsse trabalho no rádio brasileiro.

O relógio antigo

(Cont. da pág. 34)

neração e encanto. Êle era um homem inflexível e duro. Muitas vêzes, revoltado com o meu espírito renovador e rebelde, apontava-me aquêles retratos enormes e dizia que eu desonrava as tradições da família, adotando idéias dignas de gente de baixa estirpe. Era um sangue azul compenetrado e poderoso. Desfrutava de grande prestígio e sabia usar e valer-se da sua fôrça com uma argúcia atilada e com uma imponência que causava admiração e incutia respeito. Eu, no entanto, desprezava sinceramente, aquela maneira de viver, as ostentações, a soberbia enfatuada e tinha até piedade do velho.

Gaspar ofegava. O suor escorria-lhe copioso na fronte.

— Uma noite estudava, no meu quarto, como de costume, quando nele irrompeu um grupo de colegas. Estavam já meio alterados pelo álcool e festejavam qualquer coisa que não me lembro bem. Queriam que eu os acompanhasse e acabei mesmo seguindo-os. Afinal, depois de vasculharmos a cidade, em todos os sentidos, passamos a noite, endemoninhados num minúsculo cabaré. Aí nesse lugar a conheci. Era uma cantora pequenina, de cabelos castanhos, corpo muito esguio. Trocamos naquela noite apenas algumas palavras, mas foram as suficientes para nos enlear para sempre.

Na rua enegrecida os transeuntes se movimentavam como fantasmas. A minha imaginação ardia num esfôrço inútil para adivinhar o epílogo daquele drama pungente que brotava convulsivo dos seus lábios.

— Voltei lá noites e noites seguidas, entrançando os nossos destinos, as nossas vidas. E quando ela confessou que me amava também, eu exultei de contentamento e pela primeira vez em minha vida experimentei, então, o sabor da felicidade. Ela era tão simples, tão meiga e repugnava-lhe aquêle meio vicioso em que vivia. A sua vida, soube aos poucos, era uma sucessão de acidentes dolorosos. Primeiro a orfandade, depois um amor juvenil, a miséria, e, finalmente, o mister odioso de agradar homens esfaimados.

Gaspar fumava àvidamente.

— Quando lhe falei em tirá-la daquele antro, há nossa casinha, ela chorou copiosamente. Pediu que me afastasse da sua vida- disse-me que não tinha o direito de nela se interferir, que era muito infeliz, que me amava muito; eu, porém, lutei e só sosseguei quando estávamos no nosso lar, no lar que eu edificara tangido pelo meu amor, pelo meu grande amor. E éramos felizes. Felizes como soem ser duas crianças encantadas por um brinquedo novo. Mas, quando meu pai veio a saber da minha união ilícita, enlouqueceu. Escrevia-me cartas amargas, ameaçadoras. Eu, porém, era demasiadamente feliz para dar-lhe ouvidos, e, tornei-me um estudante feroz, desesperado para concluir o meu curso, na faculdade, e tornar-me independente. Um dia, no entanto, aconteceu a coisa mais inesperada que se possa imaginar. Voltei para casa, vindo da faculdade e a encontrei vazia. Um bilhete terrível, deixado por ela estava sôbre um móvel. Dizia ter aparecido em casa três policiais que a obrigaram a comparecer à delegacia, por convocação da autoridade superior. Seguira confiante e tranquila, uma vez que nada tinha na sua vida que a pudesse condenar. Um equívoco, naturalmente — escrevia ela. Eu saí feito louco e vasculhei todos os departamentos policiais, inùtilmente. A minha aflição era aniquilante, quando apareceu o meu pai e, aí, fiquei sabendo que tudo era obra sua. Êle armara o ardil ignóbil para afastá-la da minha vida. Revoltado, ameacei denunciá-lo, mas êle afiançava que ela estava bem e que, talvez, até não desejasse mais a minha companhia. Finalmente, eu compreendera tudo, até onde sua cegueira, o seu fidalgo brio ofendido o levara. Tudo fôra praticado em meu nome. Compreendi também que as minhas tentativas contra êle eram baldadas. Êle era poderoso, influente e além de tudo duro e inflexível, agia calculadamente, sem deixar uma brecha para o adversário e eu era um adversário perigoso, ameaçando o lastro da sua plutocracia.

Gaspar susteve-se e respirou fundo.

— A minha vida se tornou um inferno. Vivia roído pela saüdade, ansiando por encontrá-la e revelar-lhe a verdade, a ignomínia praticada pelo meu pai, obsecado pelas manias de nobreza. Minha mãe escrevia-me cartas chorosas, desesperadas pedindo que voltasse, que esquecesse aquela mulher, que perdoasse meu pai ou não o perdoasse, mas que ficasse junto dela. O tempo foi passando e um dia amoleci, a piedade pela dor de minha mãe e voltei. Meu pai recebeu-me emocionado e tive a impressão de que êle saboreava uma vitória.

Eu estava aniquilado. Parecia não ter mais vontade própria e um ano depois, quando percebi o que êle tramava comigo não opus resistência. Um dia tôda minha casa e até mesmo a cidade se engalanou para saüdar festiva a celebração do meu casamento com a prima rica e dona de luzidos títulos de aristocrata. Meu pai exibia uma imponência untuosa e arrogante. Estava orgulhoso.

Em pouco tempo, porém, lastimava a minha apatia. A espôsa que me deram era presunçosa como meu pai e

(Cont. da pág. 50)



Dilma, filha do conceituado comerciante desta praça, Sr. Angelo Sbarra e D. Zilda Mendes Sbarra, que, por motivo do transcurso do seu 15.º aniversário, ofereceu encantadora recepção aos seus parentes e amiguinhas, no dia 25 de outubro p. passado. A recepção, que decorreu num ambiente de grande alegria e cordialidade, teve lugar no amplo salão de festas do Automóvel Club do Brasil

A CARTA MENTIROSA

(Cont. da pág. 51)

Naquela hora, porém, êle era iluminado apenas pelos clarões da lua que filtrando-se através dos vidros, batiam em cheio sôbre o leito.

Felix gemia, sedento, no auge da crise. Tigre uivava, baixinho, parecendo sentir com seu dono. Um rosto apareceu na vidraça, contemplando aquela cena. Tigre levantou-se e pôs-se a rosnar, correndo para a porta, que neste instante se abriu, dando entrada a uma mulher. Com afagos, dominou o cão.

Felix nada percebeu, a não ser um vulto que se movia junto ao leito. Ela lhe deu água. Passou-lhe uma esponja fria na testa, que ardia. Arrumou com cuidado os travesseiros.

Viu o quinino ao lado, sôbre a mesa. Deu ao doente uma dose. Foi à cozinha e daí a instantes, fêz com que êle ingerisse uma bebida.

A febre começou a ceder e Felix sentindo-se melhor, adormeceu... O cão, quieto, observava a cena. Pôs-se a lamber os pés da mulher, como que agradecido.

Ela ajeitou uma coisa e outra na casa. Às vêzes parava e ficava a cismar. Pela madrugada, vendo o sono calmo do doente, saiu de mansinho.

Felix despertou, pela manhã, um pouco fraco. Lembrou-se do vulto que lhe cuidara à noite. Teria sido uma alucinação ou sonho? A ordem que reinava no aposento dizia-lhe, porém, que não fôra sonho.

Sentou-se na cama. Chamou, chamou. Ninguém apareceu. Foi até à porta da rua. Estava fechada só com o trinco que também abria do lado de fora; aliás, quase nunca passava a chave na fechadura.

Uma deconfiança instalou-se em sua mente... Uma esperança pequenina, como uma fagulha, tremeluziu em seu coração...

Esperou com impaciência a noite. Deixou as luzes apagadas. Envolveu-se nas cobertas e inquieto ficou à espera.

Os mais desparatados pensamentos sucederam-se em sua cabeça. Quem seria? Ela? Não, não podia ser!

Às dez horas Tigre agitou-se. Ouviu passos leves no jardim e depois o barulho da porta que se abria. A mulher entrou como uma sombra em seu quarto e foi até o leito. O escuro impediu ver-lhe as feições.

Então, rápido, jogou as cobertas de lado, pôs-se de pé e abriu o interruptor da luz. A mulher correu para a saída. Felix conseguiu segurá-la pelo casaco e aproximou-se bem. Um rosto pálido, volveu-se para êle. Era Beatriz.

Apesar de já desconfiar, sentiu um choque ao vê-la. Não sabia se era contentamento, raiva ou decepção. Com voz pouco firme, apressada, disse: Beatriz!... Que vieste fazer? Prestar uma caridade, uma ajuda a um doente? Ou contemplar uma vítima tua, mitigar um remorso? Não te demores. Vá! Henrique te espera!...

Beatriz, de cabeça baixa, chorava. Ao ouvir as últimas palavras de Felix, fêz menção de sair. Êste a deteve, com uma resolução rápida. Não, não vá! Afinal, será bom conversarmos um pouco. Como velhos amigos!

Vendo que ela relutava, insistiu: completa tua obra de misericórdia; sinto fome, mas não tenho fôrças para preparar algum alimento...

Beatriz nada disse. Foi à cozinha. Como estava mudada! As curvas graciosas de seu corpo tinham desaparecido. Estava magra. Olheiras fundas circundavam-lhe os olhos castanhos. Os cabelos louros já se mesclavam com fios brancos... Parecia ter sofrido...

O barulho da cozinha deu-lhe uma agradável sensação. Um bem-estar irreprimível dissipou aquela confusão de sentimentos de seu peito. Queria manter-se sisudo, indiferente... Ferir, como fôra ferido, mas não podia... Sentia-se feliz! Beatriz ali estava! Era tudo o que desejava.

Um aroma gostoso encheu a casa e poucos instantes depois ela entrou com a bandeja. Não podia tirar os olhos dela... Enquanto o servia, procurando afetar indiferença, perguntou por Henrique.

A xícara tremeu em suas mãos. Com a voz um tanto trêmula, respondeu-lhe: — Há muito que não sei notícias de Henrique...

Felix depôs com violência a xícara na mesa, chegando a derramar o café. E ansioso, inquiriu-lhe: — Então, vocês não estão juntos?

— Não, nunca estivemos juntos — disse Beatriz.

— Meu Deus, não é possível! Estou alucinado! E a carta, aquela carta que deixaste-me?

Beatriz soluçava. Com dificuldade falou: — Aquela carta não era verdadeira. Na minha leviandade e inconseqüência, escrevi-lhe aquilo. Não julgava que desses tanta fé a ela. Foi inspirada ùnicamente pelo ciúme que tinha de ti.

Eu esperava que, ao receberes a carta, saísses louco à minha procura.

— Fui então para a casa da mãe de Henrique, após ter deixado a carta sôbre a tua escrivaninha. Tinha a certeza que não deixarias de telefonar para lá.

Mas o telefonema não chegou. E, à noite, quando regressei trêmula, ansiosa, a casa estava fechada e nem sinal de ti.

Êle nunca me perdoou. Afastou-se de mim, como se afastasse de um ser ignóbil, abjeto. Reconheço que fui tudo isto. Eu não pude mais entrar nesta casa, não possuía coragem para tanto. Aluguei um quarto aqui na frente, onde moro. E' o meu pôsto de observação. Diàriamente eu perscrutava a casa, para ver se tinhas voltado! Cada dia que passava, eu chorava o meu simulado êrro. A minha loucura, a alegria que experimentei ao ver-te de volta, foi imensa... Não me senti, porém, com coragem de aproximar-me de ti... Tinha vergonha, devias detestar-me.

As noites eu não conseguia dominar o desejo de vir ver-te da vidraça... Tigre quase me matou um dia... Ontem, quando vi que algo de anormal se estava passando contigo, pús de lado tôdas as precauções e resolvi entrar...

As lágrimas desciam dos odhos de Felix... Com voz que a emoção transtornara, disse: — Quanto sofrimento por um capricho! Quanto tempo perdido! Erraste gravemente. Perdôo-te, porém, porque foi por amor.

Juntos, nos braços um do outro, deixaram-se ficar por muito tempo. Não podiam falar, tal a felicidade que experimentavam.

Beatriz, então, procurando sorrir, disse: — Agora, querido, já que perdemos as flores da nossa primavera, vamos contentarnos com as que florescerem no outono.

MARCOS DA NOSSA FE'

(Cont. da pág. 51)

O SANTO DE OURO QUE DESAPARECEU

Conta a tradição que existia na Igreja, trazido pelos jesuítas, um Santo Inácio todo de ouro maciço, em tamanho natural. Certa feita, como houvessem os jesuítas de retirar-se, apressadamente, de Belém, e na impossibilidade de ser conduzido o referido Santo, enterraram-no em frente à igreja. Várias escavações têm sido feitas por aquêles que acreditam na legenda, porém, como é de se esperar, sem resultado algum. Propalam outros, moradores antigos do lugar, que a mencionada imagem fôra atirada a uma fonte que fica abaixo de onde está a igreja, formada pelo riacho Pitanga. Todavia, tudo isso não passa de crendice popular, que, como tôdas de tal natureza, vai passando de geração em geração, porque existem crédulos que juram pela veracidade dessas lendas. Reza, ainda, a mesma tradição, que o Santo Inácio de ouro foi enterrado no subterrâneo que existia partindo de Belém, mesmo do centro da Igreja, e indo dar ao Convento do Carmo, em Cachoeira. De referência ao subterrâneo, êste talvez exista. Se vai dar ao Convento do Carmo, ignoramos. Mas a sua existência é mais ou menos real, porque nós já tivemos oportunidade de penetrar o mesmo, embora pouco pudéssemos avançar, uma vez que, tendo havido possíveis desmoronamentos, se encontra obstruído o seu caminho. Pode ser, também, que não seja propriamente um subterrâneo, porém uma simples escavação, ali deixada por qualquer conveniência dos edificadores do Seminário e da Igreja.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor

(Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGRÊDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E CABELOS BRANCOS ESTÁ EM

EUTRICHOL ESPECIAL

EXPERIMENTE-O E VERÁ

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 28-2.º
S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 38 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº .....

CIDADE .... ESTADO..........

Preço para todo o Brasil

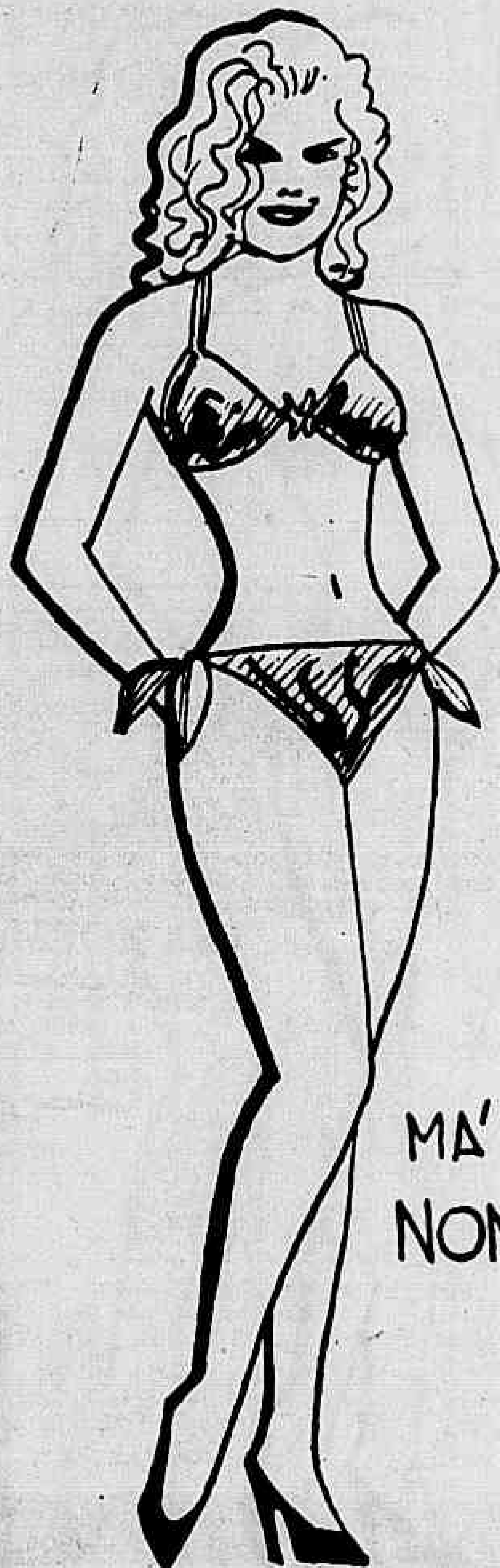


Tudo ísto

RECORTE e jogue fóra!..

O ANJO PERVERSO

CECILE AUBRY FALA PELO FILME...



P.S: DUVIDO QUE VOCÊ JOGUE FÓRA...

Nicodemus

NA CENTRAL DO BRASIL



Há certas organizações oficiais, ou para-estatais em nosso país, que, desde muito, passaram a viver amarradas ao pelourinho do desagrado público. A Central do Brasil, os Correios e Telégrafos, estão nesse caso. Todo mundo acha uma brecha para desancar o páu nessas instituições, embora, em muitos casos, nenhuma culpa caiba às suas administrações.

Já houve, porém, uma pessoa sensata que afirmou: "Dois milagres existem neste país: a E.F.C.B. e os Correios e Telégrafos". E justificava: ambas essas organizações lutam com deficiência de recursos, não dispõem de meios para melhorar seus serviços, e fazem verdadeiros milagres para, com todos os seus atropelos e ausência de meios, oferecer ao povo o serviço que ainda oferecem. O caso que vamos relatar se passou agora na Central do Brasil. Vamos reproduzi-lo exatamente como o lemos num dos nossos jornais: — Num dos seus últimos boletins diários, o Sr. Diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil mandou publicar o seguinte elogio: "Em carta de 4 do corrente mês (outubro), procedente de Queluz, Estado de S. Paulo, o vereador Lucrécio Bueno Quintanilha comunicou que o chefe da estação local, agente classe "G", Sr. Álvaro Freixeiro, lhe restituiu, dentro de três horas, um embrulho no valor de Cr$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros) que deixara, por esquecimento, no carro em que viajou de São Paulo. Impressionado com a presteza e eficiência das medidas tomadas, pretendeu êle gratificar o mencionado agente, o qual recusou, terminantemente, receber o donativo, dizendo estar na estação para bem servir ao público e à Estrada, e que se sentia satisfeito por ter o vereador recuperado o objeto". Por êsse ato, foi o funcionário elogiado. Há também virtudes na E.F.C.B.

NOVA RELIGIÃO



Embora esta seção se denomine "Tudo isto aconteceu", êste episódio "ainda está acontecendo"... Surgiu em Copacabana, faz poucos dias, uma senhora viuva e mãe de três filhos, que se diz intermediária entre Deus e os pecadores de ambos os sexos. Apesar de seus três filhos, garante que ficou virgem e foi escolhida pelo Senhor para dar jeito a êste mundo maluco. E' uma predestinada. Em nome de Deus, fundou uma nova religião a que deu o nome de "Ordem das Claritas". Confessa-se diretamente a Deus e recebe a comunhão das mãos de S. Miguel Arcanjo, estando, por isso, dispensada de ouvir missa.

Como não há santo que não seja também profeta, a nova escolhida pelos mistérios do além, se faz merecedora de respeito em face de suas qualidades taumatúrgicas.

Mas, a êste respeito o seu processo de adivinhar e predizer o futuro dos fiéis é muito poético e impressionante para os que a procuram.

D. Henriqueta, — é êste o seu nome — exibe no peito uma chaga que ora se fecha, ora reabre, e, por meio de um lírio consegue desvendar o futuro dos seus adeptos. Concentrando-se e orando, a medianeira pergunta à flor coisas da vida do consulente, e o lírio lhe dá as respostas.

Se a flor permanece branca, há presença de uma alma pura que irá para o céu. Se fica acinzentada, trata-se de uma alma pecadora, passível de redenção e que se purificará no purgatório. Se fica negro, é sinal de que a alma irá diretamente para o inferno... Nada cobra pelos seus serviços; mas, por segurança, os adeptos sempre lhe levam ricos presentes.

NOVA FUNÇÃO PARA POMBOS



Vem-nos de Belo Horizonte esta notícia sobremodo interessante e inédita: Pela primeira vez no Brasil foi utilizado em Minas um pombo correio como portador de mensagem de natureza comercial. Prestou essa informação à imprensa o Sr. Valdemar Pinheiro da Silva, proprietário da ave, que, num percurso de 160 quilômetros entre Itaguará e Belo Horizonte, transportou um pedido de mercadoria endereçado a uma firma desta capital. Agora, um viajante dêsse estabelecimento, sempre levará consigo, presos num cesto, doze pombos-correio, que irão sendo soltos à proporção que o "cometa" fôr recebendo pedidos urgentes de mercadorias.

A velocidade média desenvolvida pelo pombo é de setenta quilômetros, sendo-lhe possível fazer o trajeto entre Belo Horizonte e o Rio, em apenas oito horas. Os pombos estão registrados no Ministério da Guerra, através da "Sociedade Mineira de Colombofilia". As mensagens escritas em papel muito fino, são colocadas num tubo de alumínio atado aos pés do pombo.

E', com certeza, a primeira vez que o homem despreza os serviços postais e telegráficos e recorre aos pombos para fins comerciais. Durante as guerras, essas aves prestam serviços inestimáveis, fazendo trabalhos arriscados e mantendo contacto entre tropas em luta com o inimigo. Na história sagrada, foi a pomba que, após o dilúvio, foi solta nos ares por Noé, para trazer à arca um sinal de terra. Entre muitos povos do oriente, o pombo é sagrado, e, no batismo de Jesus, o Espírito Santo desceu em forma de pomba. Não sabemos se os viajantes resistirão, com tantos cestos de pombos por êsses sertões, sem hotel...

O PONTAPE' DO PREFEITO



O voto é o sustento, a nutrição, a fonte da democracia. Não o velho voto a bico de pena como sucedia antes do voto secreto, indevassável; mas o voto que o cidadão deposita na urna dentro de uma sobrecarta que êle mesmo adquire e fecha com sua cédula lá dentro. Diz-se que a Grécia foi a pátria da democracia, justamente porque os gregos, vinte e cinco séculos antes de Jefferson nascer nos Estados Unidos, já êles, os gregos imortais, praticavam a democracia por meio do voto. O povo se manifestava em assembléias públicas e votava. Uma expedição à Sicília, projeto para a edificação de mais uma estátua a deuses, morte de um contraventor, a voz era a do povo.

Muitas vezes o povo errava, mas êsse êrro só mesmo a posteridade poderia registrar, como sucedeu com a morte de Sócrates. De qualquer forma havia sentido democrático na velha Grécia de Solon e de Péricles. No Brasil também estamos procurando realizar uma democracia pela fôrça do voto. Havemos de cometer muitos erros, como os cometeram os gregos; mas, êsse exercício de urnas e votos secretos, é salutar e pode ajudarnos a construir uma nação mais sincera e melhor, para o futuro.

E' curioso ir registrando os episódios que se vão verificando através do tempo e do espaço em relação aos hábitos de nossa democracia., para que os povos vindouros nos estudem à luz da experiência. A propósito, vejam o que acaba de acontecer: o Sr. Olmiro Pôrto, Prefeito de Soledade, desferiu violento pontapé num vendedor ambulante, por ter êste declarado que não mais votaria em seu nome nas próximas eleições.. Já havia muitos pontapés simbólicos em eleitores, mas êste foi real.

Aconteceu

PÂNICO NUM HOSPITAL



Há em Niterói um hospital denominado Santa Cruz. Num quarto particular estava recolhido um pensionista, em tratamento de ferimentos recebidos por atentado de homicídio. Chama-se a vítima Alcebíades Frasão, proprietário de uma emprêsa de ônibus, naquela capital. Por motivos de inimizade com o mecânico Alberto Brum, êste o agrediu na estrada do Baldeador, na capital vizinha. O agressor conseguiu evadir-se; mas, dias depois, apresentou-se à polícia, prestou fiança e ficou em liberdade.

Enquanto isso sucedia, o ferido estava em seu leito naquele nosocômio. Não satisfeito com a situação, o mecânico, aproveitando-se do seu estado de liberdade por intermédio de uma fiança, planejou um novo e definitivo atentado de morte contra sua vítima e, numa madrugada de um dêsses últimos sábados, acercou-se do hospital com o fim de atacar novamente o desafeto.

Seriam umas três horas da madrugada, quando Alcebíades Frasão, que se achava recolhido ao leito com sua senhora e um filho menor, acordou sobressaltado com estampidos de tiros e balas zunindo no seu quarto de dor. Outros enfermos despertaram e estabeleceu-se verdadeiro pânico no interior da casa de saúde. Avisada a polícia, compareceu esta ao local do estranho fato, dando uma batida nos arredores, mas sem nenhum resultado. As balas não atingiram Frasão; mas, ao saltar do leito, alarmado, caiu, e o seu estado se agravou. Pela perícia feita, o atacante se serviu de uma janela do hospital, que dá para um terreno baldio e, dali, atirou para o interior do aposento do ferido. Isto é que é ódio!

OUTRO MILAGRE DA CIRURGIA



Esta notícia, leitor, saiu no "Correio da Manhã" e procede de Miami, tendo sido transmitida para a imprensa do Rio a 20 do mês findo:

Charles Hinkley, de 25 anos de idade, falsificador de cheques, recobrou o conhecimento com a mentalidade completamente infantil, depois de submeter-se a uma operação no cérebro para livrá-lo de suas tendências criminosas.

Da mesma forma que a uma criança, os psicólogos esperam poder reeducar o jovem durante os próximos seis meses, para eliminar-lhe estas tendências.

A pedido próprio e com o consentimento da Côrte Criminal, Hinkley foi submetido à delicada operação aludida acima, a qual durou duas horas e meia, durante cujo tempo os cirurgiões perfuraram-lhe o crânio em dois lugares e separaram o lóbulo prefrontal do resto do cérebro.

Sem possibilidade alguma de salvar-se da prisão, Hinkley arriscou a vida, ante a possibilidade de converter-se num novo homem, livre da inclinação para a delinquência.

Os médicos que efetuaram a operação e que preferem manter seus nomes no anonimato, disseram que a operação foi um êxito cirúrgico, porém que o choque produzido pela operação não reduzirá o nível de inteligência de Hinkley.

Se, com efeito, o caso for confirmado pela experiência, pode-se garantir que a inclinação à prática do crime tem sua origem num dos lóbulos cerebrais.

O BOM HUMOR INGLÊS

Esta vai especialmente para aquêles que apreciam o fleumático espírito dos ingleses. Quando na Inglaterra havia apenas dois partidos políticos de real prestígio, isto é, o Conservador e o Liberal, não possuindo o Trabalhista, expressão de monta, passou-se êste episódio que representa uma face do bom humor britânico. O fato é narrado a título de anedota, mas, há quem afirme que é anedota verdadeira.

Um "lord", em dia de eleição, mandou aparelhar o seu carro para ir cumprir o seu dever cívico.

No trajeto entre sua casa e a secção eleitoral de sua circunscrição, o fidalgo puxou conversa com o cocheiro, velho servidor da família e leal amigo:

— O' John, você também vai votar?

— Sim, Mylord, respondeu o cocheiro.

O patrão esteve uns instantes calado, a pensar. Depois volveu:

— E em quem vai votar, John?

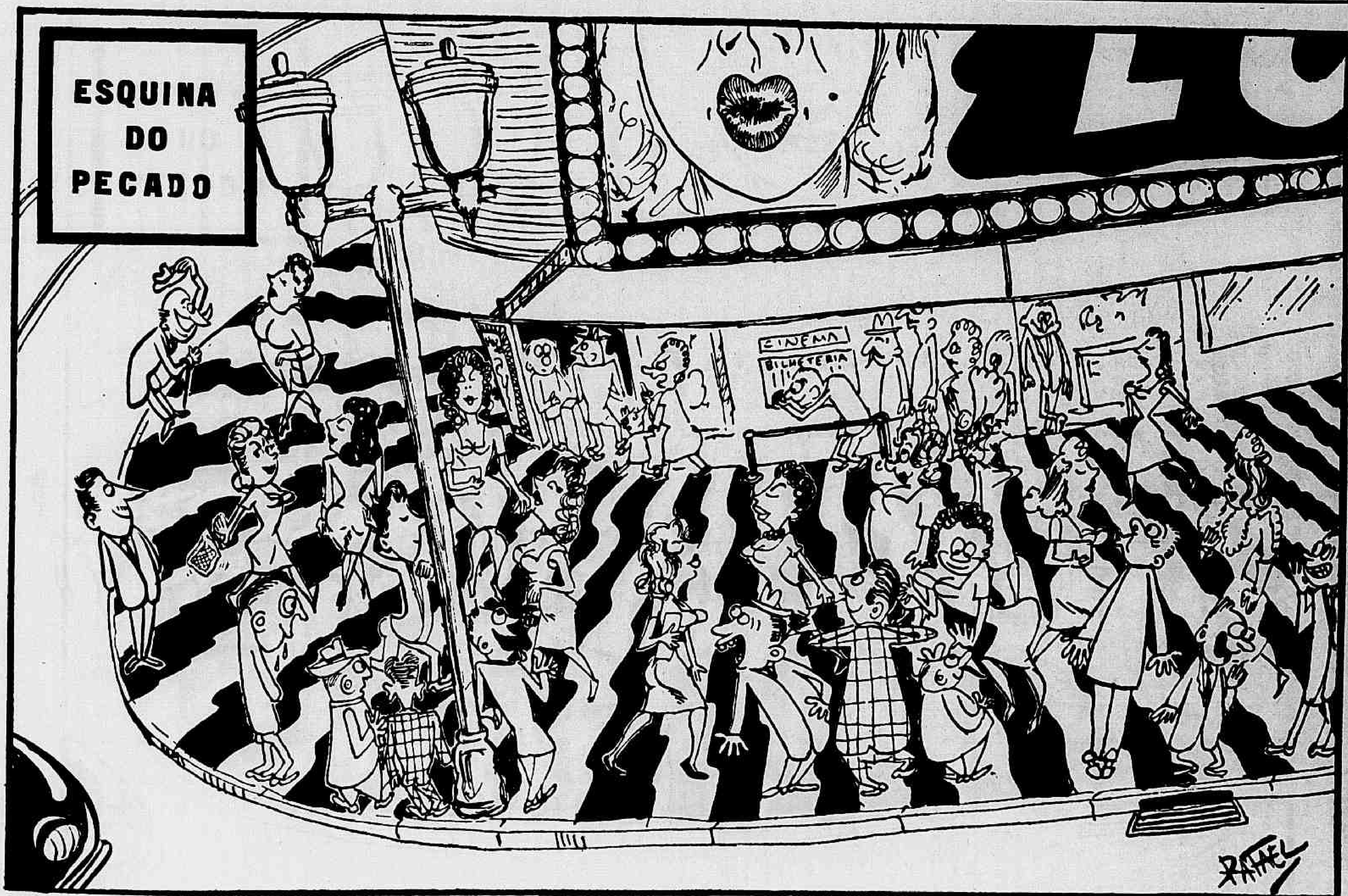
— Nos Liberais, Mylord.

Novo silêncio. O cavalo trotava. O dia estava lindo e era um domingo. Instantes depois, voltou o patrão para o cocheiro:

— Veja só, John! Eu vou votar nos Conservadores e você nos Liberais. Dêste modo os nossos votos se anulam. Um destrói o outro, tornando-se ambos desnecessários. Para que então esta canseira, John. O cocheiro não opinou, mas ficou bolando a coisa. O cavalinho trotava, e, quase a chegar à mesa eleitoral, o patrão disse:

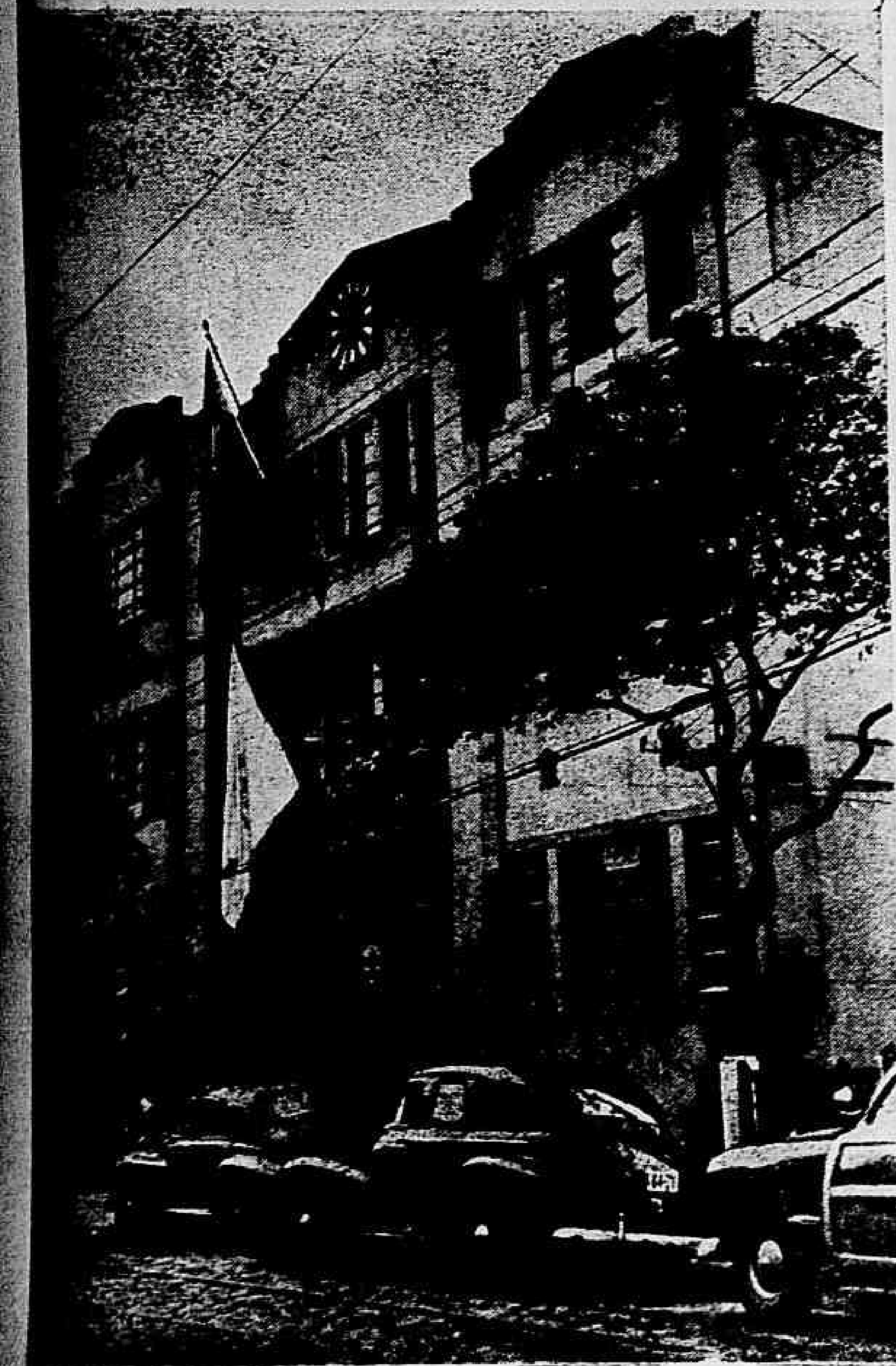
— John, vamos voltar para casa e aproveitar o domingo...

E voltaram...









A ESCOLA MODELO DO SENAC DO DISTRITO FEDERAL

SUA INAUGURAÇÃO SOLENE NO DIA 30 DE OUTUBRO

UM dos acontecimentos marcantes nas comemorações do "Dia do Empregado no Comércio" foi a inauguração da Escola Modêlo do SENAC do Distrito Federal. Trata-se de um estabelecimento destinado ao aprimoramento profissional dos que trabalham no comércio, o único no gênero no Brasil, significando, por isso, algo de notável sob o aspecto social, na história da nossa vida comercial.

A Escola Modêlo, situada na rua 24 de Maio, em Riachuelo, portanto a poucos minutos do centro da cidade, é um belíssimo conjunto de edifícios, todos dentro das mais modernas linhas arquitetônicas, e próprios à instalação de um centro de ensino especializado, capaz de atender tôdas as exigências necessárias ao maior desenvolvimento do aprendizado técnico de comércio. E, nesse particular, é justo que se diga, nenhum pormenor foi esquecido, podendo o aluno contar na Escola Modêlo com 38 salas de aula, amplas instalações de serviços médico, dentário, desportivo e de alimentação, um Museu de Merceologia, Ginásio, quadras para a prática de esportes, Auditório, pátio para recreio, Refeitório, etc., e até lojas comerciais e escritórios pode-se encontrar no estabelecimento, onde tudo foi feito obedecendo à mais rigorosa técnica pedagógica.

O programa elaborado para a inauguração da Escola Modêlo, um autêntico presente régio dos dirigentes do SENAC carioca aos comerciários nos festejos da sua data magna, estava previsto para as 10 horas, com uma missa no auditório onde foi armado um altar. Ao longo do corredor da entrada principal estavam formados em fila os alunos dos diversos cursos do SENAC, com seus uniformes desportivos, e os escoteiros das Associações Natalino da Costa Feijó e Turíbio Garcia, pertencentes ao Sindicato dos Empregados no Comércio. Com a presença de grande número de pessoas foram iniciadas as solenidades com a missa oficiada pelo Cônego Cotia, Vigário da Paróquia do Engenho Novo, durante a qual se fêz ouvir o Côro do Teatro Municipal. Depois, dirigiram-se as autoridades para o pátio, onde se realizou a cerimônia de inauguração da Escola, propriamente dita. Iniciando-a, usou da palavra o Ministro Waldemar Marques, Presidente do SENAC, de cujo discurso transcrevemos a seguir alguns trechos:

"O SENAC do Distrito Federal inaugura, com êste centro de instrução técnica, a sua escola mais bem equipada e melhor aparelhada.

E é, justamente, na forma liberal do regime político e econômico em que temos a ventura de viver, que encontramos a sadia atmosfera para os acometimentos, que a concepção pessoal figura e a iniciativa própria faz executar.

E' o sistema da livre concorrência na solução técnica e política dos problemas humanos, assegurando o direito da pesquisa variada, da experimentação diversificada, para a acertada conclusão de resultados realmente úteis, e inegavelmente proveitosos à coletividade comerciária.

Essa, a doutrina fundamental que constitui salutar privilégio do govêrno, que existe na forma tradicional do constitucionalismo.

E, por isso mesmo, bem sabem os homens que criaram o SENAC, que o organizaram e dirigem, a amplitude e a espécie dos serviços que, na inquieta e apreensiva hora da atualidade, melhor convém à generosa comunidade nacional.

No tremendo desequilíbrio de progressos materiais e técnicos, e de estacionamentos espirituais, tem o Brasil resistido aos abalos que tão profundamente atingiram as Nações de economia saturada, de recursos esgotados, e de culturas confinadas em características do tradicionalismo rígido.

E isso porque, Nação nova e em vertiginoso impulso de progresso, não nos aflige o problema do espaço nem a falta de matérias primas, como não nos constrange dificuldades na obtenção de inteligências jovens e lúcidas, para assumir as graves responsabilidades de nosso precioso patrimônio material e espiritual.

Cabe-nos, tão somente, a tarefa de proporcionar às classes profissionais do País, o imprescindível equipamento técnico e cultural para que possam, com segurança, proficiência e sagacidade, utilizar-se de métodos racionais adequadas às atividades industriais, comerciais, agrícolas e pecuárias da nossa portentosa terra.

Disseminar os produtos, dar-lhes ritmo determinado, incentivar o consumo, suscitar interêsses, formar mercados, dar um sentido definido à economia nacional, eis os objetivos precípuos do comércio.

E para o desempenho eficiente dessas tarefas, impõe-se a formação de equipes capazes de compreender, e abordar fenômenos de tanta influência nas condições sociais do País.

O SENAC, na esfera de sua incidência, cumpre êsse dever de uma parte da nação para com a nação inteira.

À esquerda, ao alto, o presidente do SENAC do Distrito Federal, Ministro Waldemar Ferreira Marques, quando pronunciava o seu discurso no ato inaugural da Escola Modêlo; no centro, o Sr. João Daudt d'Oliveira, Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro e da Confederação Nacional do Comércio, quando fazia uso da palavra; em baixo, vista da fachada principal da Escola Modêlo do SENAC. À direita: Aspecto do numeroso público que superlotou as dependências da Escola





criando e aperfeiçoando os responsáveis pela difícil tarefa da distribuição da riqueza produzida pela indústria, pela agricultura e atividades afins.

Justifica-se, assim, o propósito das classes empregadoras, propondo ao Estado a criação do SENAC e assumindo a integral responsabilidade da manutenção, na condução, e no desenvolvimento da instituição, que relevantes e excelentes benefícios vem prestando aos dirigentes e esforçados comerciários do Brasil inteiro.

Orgulhamo-nos, agora, como dirigentes do SENAC Carioca, em oferecer uma Escola, dotada de todo o aparelhamento necessário ao aprendizado, e ao adextramento dos que se votam à nobre profissão mercantil.

Desejamos, nesta oportunidade, com êste ato de pura fé patriótica, dirigir a nossa saudação amiga e cordial a todos os que, modesta e silenciosamente, nos mais variados ramos do comércio, nas mais diversas formas de atividade, contribuem com denodo e devotamento para a grandeza de nossa querida Pátria.

Ressaltamos, agora, com a devida permissão, a pessoa do supremo mandatário da Nação, o General Eurico Gaspar Dutra, aqui representado, que assim oferece aos comerciários cariocas, com a demonstração de seu prestígioso apreço, a sua solidariedade e o seu estímulo aos empreendimentos do SENAC.

Ainda, incentivadora e significativa é a apresentação do Sr. General Canrobert Pereira da Costa, digníssimo detentor da Pasta da Guerra, em quem já aprendeu o SENAC carioca, a encontrar o amigo sempre solícito a uma palavra de estímulo, e a um gesto de cortezia.

A expressão do nosso reconhecimento, em ocasião de tanta importância para a Administração Regional, ao Sr. Dr. João Daudt d'Oliveira, cujo senso patriótico tão eloquentemente se manifesta, na sua dedicação às responsabilidades de Presidente da Confederação Nacional do Comércio, órgão sindical máximo, e de Presidente da Administração Nacional do SENAC.

E', também, com satisfação, que registramos os nomes dos integrantes do Conselho Regional, o qual muito me honro de presidir, e a cuja sábia e feliz orientação muito devemos dos êxitos atingidos: são êles: Artur Braga Rodrigues Pires, Antônio Ribeiro França Filho, Jorge Amaral, Paulo Rodrigues Alves, João Maria do Vale Carvalho, Lauro Sodré Viveiros de Castro e César Dacorso Neto.

Não daríamos por completa a nossa missão, se não deixássemos também aqui consignada a nossa gratidão aos esclarecidos Presidentes de Confederações, Federações e Sindicatos de empregadores e empregados, gratidão extensiva aos operosos componentes dessas entidades, pelo valioso concurso que nos vêm oferecendo, no sentido de facilitar e ajudar a execução do programa prefixado.

A todos aqui presentes, cuja solidariedade a esta cerimônia muito nos sensibiliza, os nossos efusivos agradecimentos.

E é fato auspicioso que êste novo empreendimento se processo no local de belas tradições educacionais, onde vinha funcionando o Colégio 28 de Setembro, criado pelo senso pedagógico do Marechal Liberato Bittencourt, e por seus sucessores mantido no mesmo ritmo de disciplina espiritual e formação cívica.

Está assim, na data máxima dos empregados no Comércio, esta Escola incorporada à rede de Cursos do SENAC, que irá contribuir, poderosa e eficazmente, para o adextramento profissional e para o aprimoramento moral de valiosa parcela da coletividade brasileira".

Também usaram da palavra, os senhores João Daudt d'Oliveira e Calisto Ribeiro Duarte, os quais exaltaram a grandiosidade da obra realizada pelo SENAC do Distrito Federal.

Flagrante colhido quando da entrada do Presidente Waldemar Ferreira Marques e autoridades no pátio da Escola Modêlo, para início da solenidade inaugural



Outro flagrante colhido durante a missa oficiada pelo Cônego Cotia no auditório do estabelecimento de ensino profissional do Comércio



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS
Museu de cêra (Orlando Begheli) 4/6
Pausa para a Meditação... (Roberto Ruiz) 12/13
O que é a Polícia de Paris . 16/19
Visita ao candomblé da Bahia (Paulo Fábio) 26/31
A última viagem de Rui ... 32/33

ATUALIDADES
A luta contra a guerra 21
Marcos da nossa fé (Antº Loureiro de Souza) 24/25

LITERATURA
O leão reumático (Renato de Alencar) 3
A carta mentirosa (Maria da Conceição Gama) 20
O relógio antigo (Romeu N. Cabral) 34

SEÇÕES PERMANENTES
Puxe pelo cérebro 7
A Semana em Revista — Personagem da Semana .. 8
Música (Roberto Lyra Filho) 49
Tudo isto aconteceu 54/55

CURIOSIDADES
A 11 de novembro de 1918... 10/11
Você pode se tornar um grande mágico 22

HUMORISMO
Sete dias em revista (Théo) 9
Vida de casado (Nicodemus) 23
Bom-Humor 38
Esquina do Pecado (Rafael) 55

FEMININAS
Os diversos aspectos da moda (O. B.) 39
Vestidos para a tarde 40
Vestidos brancos 41
Vestidos ligeiros 42
O verão vem aí 43
Silhuetas elegantes 44
Week-End na cozinha 45
Blusas 47
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 48

TEATRO
O amor compensa tudo 35/37

RÁDIO
Muraro na Rádio Globo 14

ILUSTRAÇÕES
Luiz Sá
Oswaldo da Cunha

FOTOGRAFIAS
Arnaldo Vieira

NA CAPA:
Judy Garland
(M. G. M.)

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

Luz del Fuego tem surpreendido o público, através de reportagens mais ou menos espetaculares e de suas apresentações no palco, tornando-se um nome e uma interrogação: quem é realmente essa criatura? O que pretende com a idéia da fundação do seu Partido Naturalista Brasileiro? Será apenas uma adepta do existencialismo — ou uma vítima dêsse sensacionalismo, e na realidade uma artista de boa índole, mal compreendida, a quem algum dia se há de fazer justiça? Embora continuamente aparecendo nas páginas de jornais e revistas como a mais audaciosa cultivadora do nudismo, se bem que na sua modalidade meramente plástica e dentro dos princípios de beleza cultivados pelos espíritos cultos — ela nada mais ambiciona do que um lar confortável e um espôso digno, capaz de a compreender. — "Não sou mais que uma simples mulher trabalhando para o seu sustento e sem essa apregoada veia de sensacionalismo ou malícia que tantos me atribuem" — disse Luz del Fuego. Mas a realidade sôbre sua pessoa nós a saberemos na reportagem que na edição vindoura ilustrará as páginas da REVISTA DA SEMANA. E talvez muitas opiniões a seu respeito se modifiquem, diante da análise fria a que se entregou a entrevistada e quem a ouviu nessa ocasião. — "Tenho sido uma vítima da ironia e das asperezas do mundo" — acrescentou ainda. "Tive uma infância agitada, cursei um colégio de freiras, faltou-me o carinho materno tão necessário à infância e precisei reagir contra o complexo que dominava meu cérebro infantil. Fui uma garota caprichosa e recebi castigos em Cachoeiro do Itapemirim onde nasci"... — Essas e as demais impressionantes revelações serão o motivo da reportagem que vamos conhecer adiante.

PUXE PELO CÉREBRO

Respostas ao Teste da página 7

1 — Medicina
2 — Suiço
3 — Luzs XV
4 — Do grego (Pappas, pai)
5 — 36 anos
6 — Terpsicore
7 — Tabor
8 — Trindade indu (Brama, Vishnu e Siva)
9 — Na Itália (meados do século XIV)
10 — Entre os hipocôndrios
11 — Abelhas
12 — Luís XIII (Janeiro 1635)
13 — Em 1827 (por um tal C. Buffet)
14 — Nove
15 — A parte alta da cidade
16 — Juiz de futebol
17 — Guriatã
18 — Minas Gerais
19 — Sessenta e seis
20 — Animais

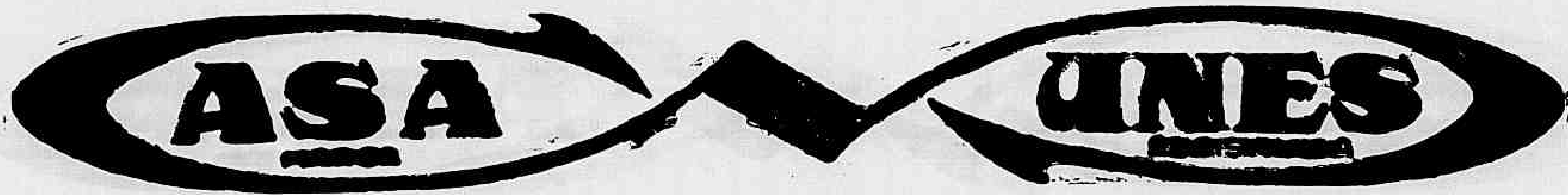


Novos tipos e desenhos de
TAPETES e PASSADEIRAS
Com **flores** recebidos da **Inglaterra**

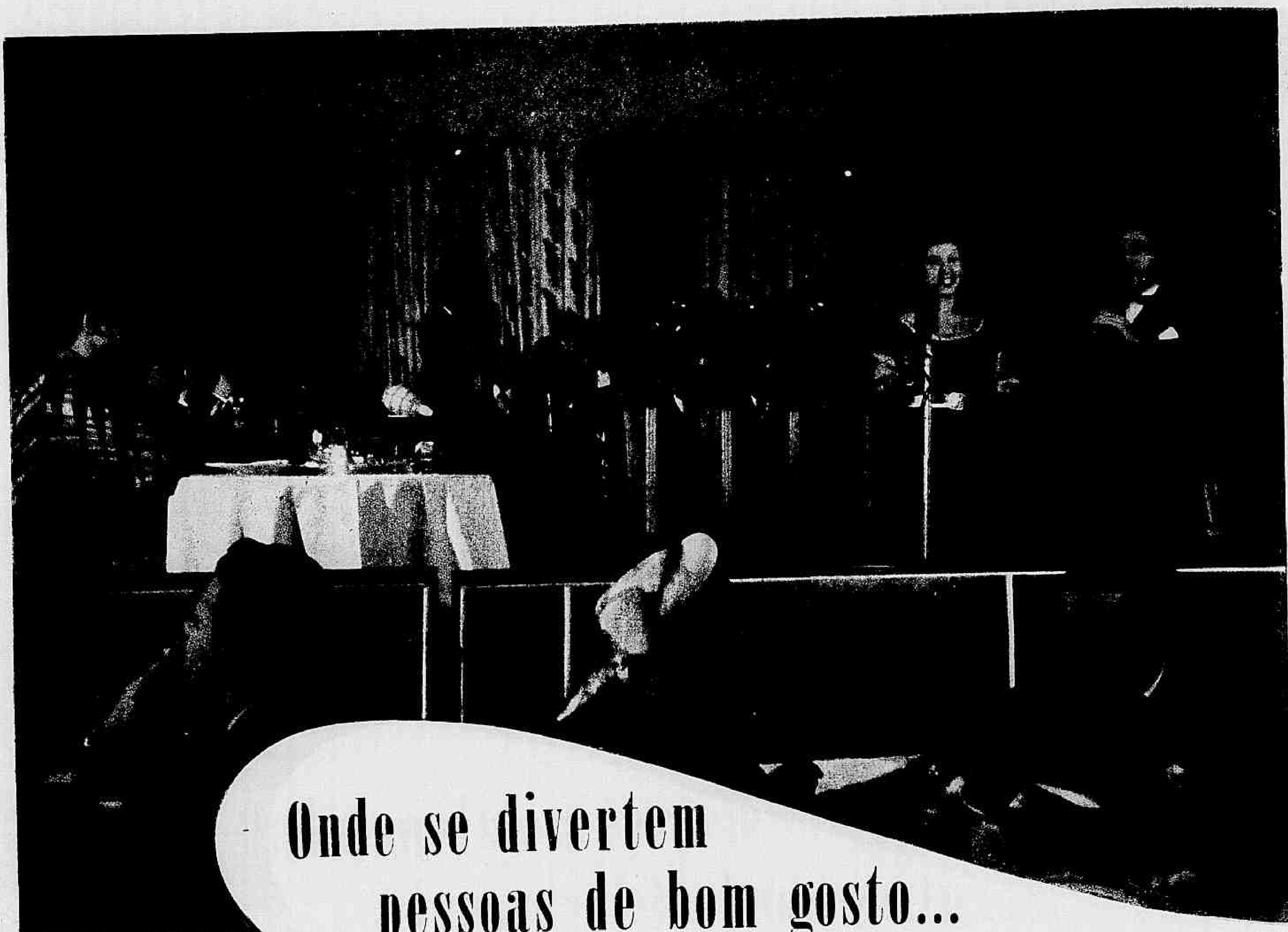
Mobiliários e Decorações

Especialidade em GRUPOS ESTOFADOS

Sugestões e orçamentos
executados por
técnicos-decoradores



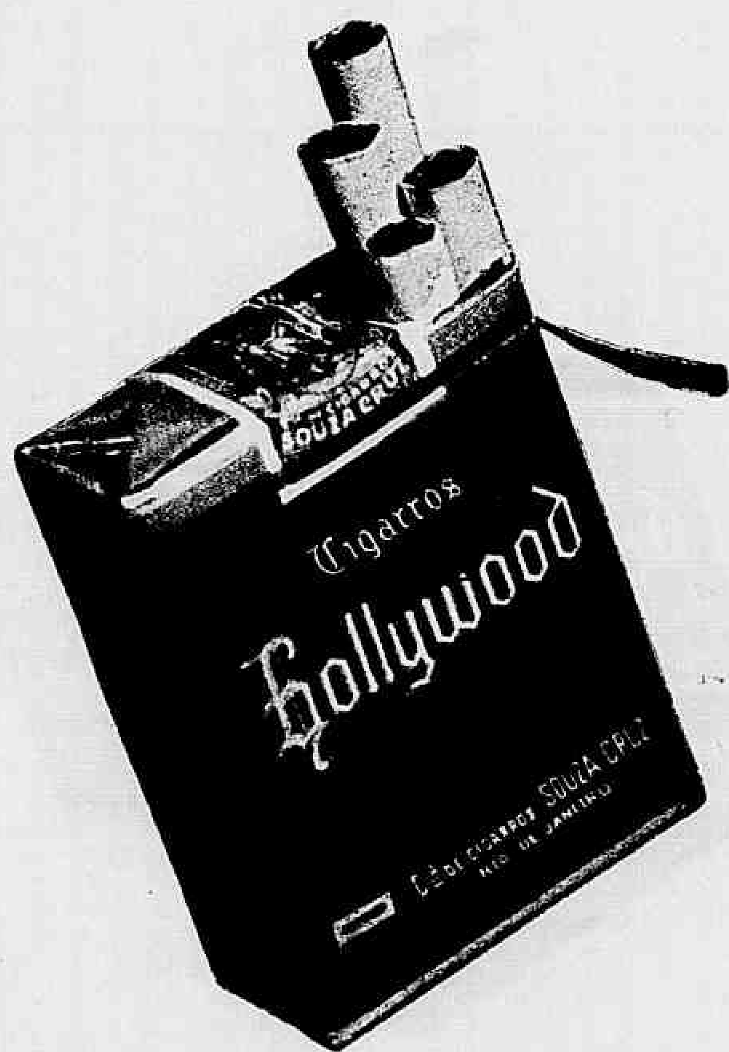
Fundada em 1912 ★ **65 RUA DA CARIOCA 67** ★ RIO



A boite do Hotel Excelsior animada pela magnífica orquestra de Zacharias, é um dos mais elegantes centros de reunião da sociedade paulista.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Chegou a hora do *show*... mas, para apreciá-lo melhor, acenda um Hollywood — o cigarro que dá mais realce às horas de lazer e faz passar mais rápidas as horas de trabalho. Pela suavidade toda especial... resultado dos fumos escolhidos e combinados com acerto, Hollywood é, de há muito, o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**